RODRIGO FIGUEIREDO PIERONI

# A EXPANSÃO DO ENSINO FRANQUEADO:

## Um Estudo de Caso

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

1998

982138

UNIDADE BC
N.º CHAMADA:
T/UNICAMP
P613e
Ex
TOMBO BC/ 35863
PROC. 395/98
C [ ] D [X]
PREÇO R$ 11,00
DATA 17/11/98
N.º CPD

CM-00118622-1

## FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA DA FACULDADE DE EDUCAÇÃO/UNICAMP

P613e

Pieroni, Rodrigo Figueiredo.
A expansão do ensino franqueado : um estudo de caso / Rodrigo Figueiredo Pieroni. -- Campinas, SP : [s.n.], 1998.

Orientador : Eloisa de Mattos Höfling.
Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação.

1. Escolas particulares. 2. Franquias. 3. Ensino de segundo grau. 4. Educação - Ensino médio e superior. 5. Vestibulares. I. Höfling, Eloisa de Mattos. II. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.

# A Expansão Do Ensino Franqueado:

## Um Estudo de Caso

Rodrigo Figueiredo Pieroni

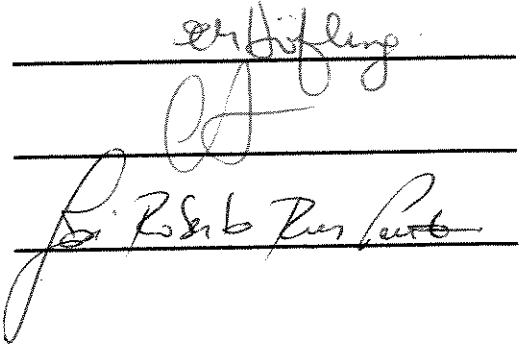
Este exemplar corresponde à redação final da Dissertação defendida por Rodrigo Figueiredo Pieroni e aprovada pela Comissão Julgadora.

Data: 02/09/98

Assinatura: _____

Dissertação de Mestrado apresentada como exigência parcial para a obtenção do Título de MESTRE EM EDUCAÇÃO, na Área de Concentração: Metodologia do Ensino, à Comissão Julgadora da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas, sob a orientação da Profª. Drª. Eloísa de Mattos Höfling.

**Comissão Julgadora:**



*Dedico esta dissertação a todos os **professores** que acreditam em seu ensinar e nas potencialidades de seus alunos.*

*A meu **pai** e meus **avós**; anjos da guarda para uma vida inteira.*

*A minha **mãe** exemplo de juventude, coragem e fibra.*

*À **Kátia** minha gata, meu amor.*

## AGRADECIMENTOS

*À Professora **Eloísa** de Mattos Höfling que me abriu as portas da Faculdade de Educação. Obrigado pela crença, confiança, persistência, ouvidos, alegria e amizade.*

*Aos professores **Cristina** Bruzzo, **José Roberto** Rus Perez e **Benedito** Donisete Bueno da Silva, leitores atentos e sugestivos de minhas pretensões.*

*Aos professores Carlos Rodrigues **Brandão** e **Alba** Zaluar, mestres que muito me ensinaram nos tempos de IFCH*

*Aos diretores e funcionários do **Sistema Anglo de Ensino** que se dispuseram a me fornecer dados e informações, compreendendo a dimensão deste trabalho.*

*Aos colegas professores, funcionários, alunos e mantenedores do **Colégio Educação e Cultura** sem exceção e com muito carinho. Não há como medir minha gratidão para sempre.*

*De maneira especial agradeço aos professores **Maria Amélia** Bortoloto Grisolia e Antônio de Almeida Casceli (**Toninho**). Obrigado pela oportunidade de trabalho.*

*À **Sandra** Rodrigues Bittencourt , secretária da Câmara Municipal de Jacutinga pela disposição e ação em me ajudar nesta pesquisa.*

*À **Aldalice**, **Ricardo**, **Otorino** e **Aparecida**; pela retaguarda.*

*Ao **CNPq** pelo importante aviso de crédito ao bolsista.*

*A todos que circulam e trabalham na **Faculdade de Educação** da UNICAMP pelo ambiente saudável que estamos construindo.*

*Às funcionárias da Secretaria de Pós-Graduação **Marina** Cilumbriello e **Nadir** Camacho. Pelos galhos quebrados.*

***Iara**, **Miu** e **Peixinhos**.*

*Aos **amigos** que torcem e pensam positivo, próximos ou distantes. Felicidade para todos nós.*

*À Marli, Simone e Kátia pela ajuda de última hora.*

# SUMÁRIO


INTRODUÇÃO ..... 01

CAPÍTULO 1 - O SISTEMA ANGLO DE ENSINO ..... 16

1.1. História e Expansão ..... 16

1.2. Divisão Administrativa ..... 37

1.3. Cursos e Material Didático ..... 56

1.4. Alguns Resultados ..... 78

CAPÍTULO 2 - O COLÉGIO EDUCAÇÃO E CULTURA/ANGLO JACUTINGA ..... 85

2.1. Para Onde Vamos? ..... 85

2.2 A Região Sob Jurisdição da 32ª Superintendência Regional de Ensino do Estado de Minas Gerais ..... 97

2.3. História e Consolidação do Colégio Educação e Cultura ..... 111

2.4. Estrutura Física e Financeira ..... 140

2.5. Material Didático, Alunos e Professores ..... 153

2.5.1. O Material Apostilado e Grade Curricular ..... 154

2.5.2. Número de Alunos e Aprovações ..... 163

2.5.3. Os Professores - Características do Corpo Docente ..... 170

2.5.4. Avaliações dos Professores Sobre o Material Apostilado ..... 181

CONSIDERAÇÕES FINAIS ..... 193

ANEXOS ..... 204

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS ..... 214

LISTA DE SIGLAS ..... 220

# RESUMO

O presente trabalho tem como principal objetivo equacionar os problemas e as possíveis virtudes relativas a expansão de uma nova modalidade de educação privada: o ensino franqueado.

Como base para o desenvolvimento deste estudo foi escolhido o Sistema Anglo de Ensino; analisaremos no Capitulo 1 a história e a estratégia de crescimento desta empresa que atua há cerca de 60 anos no mercado dos cursos pré-vestibulares e que nas últimas décadas expandiu esta atuação para os níveis regulares da educação brasileira (fundamental e médio) através de um modelo de concessão de franquias à diferentes escolas particulares espalhadas por todo o território nacional.

O ponto central deste modelo de ensino é a venda e a aplicação de um conjunto de material didático apostilado e a permissão do uso da marca Anglo para as escolas tidas como unidades parceiras ou franqueadas do Sistema. Para melhor entendermos o impacto desta associação, como são construídas as relações entre a matriz do sistema e as unidades franqueadas e como é desenvolvido o trabalho docente diante de aulas que são previamente elaboradas e que devem ser aplicadas de acordo com a rígida programação imposta, o Capítulo 2 deste trabalho é dedicado a um estudo de caso no qual acompanhamos a criação e o funcionamento de uma das unidades do Sistema Anglo de Ensino: O Colégio Educação e Cultura/Anglo Jacutinga, localizado em uma cidade do sul de Minas Gerais, região de fronteira com o estado de São Paulo.

## ABSTRACT

The aim of this work is to identify the problems and the possible virtues related to expansion of a new type of private educantion: the franchised teaching.

As a basis for the develop of this study of this study it was chosen the Sistema Anglo de Ensino (Anglo System of Teaching); in Chapter 1 we analyse the history and the improvement strategy of this enterprise, wich has been in the pre-vestibular course market for 60 years and, in the last decades, expansed to regular levels of Brazilian education (fundamental and medio), by a model of granting franchises to different private schools spread all over the national territory.

The central point of this model is the sale and the application of a teaching material (organized in notebooks) and the pernission for the use of the anglo brand by schools considered as partner or franchisee unities of the System. In order to understand the impact of this association, the way the relations between the die of the system and the franchisee unities are constructed, and to understand how teachers'work is developed in face of previously constructed classes - wich must be applied according to a rigid and imposed schedule - we make in Chapter 2 a study of case in which we follow the creation and the function of one of the systems of the Sistema Anglo de Ensino: the Colégio Educação e Cultura /Anglo Jacutinga (Education and Culture/Anglo Jacutinga School), located in a south city of Minas Gerais. in a frontier region with São Paulo.

# INTRODUÇÃO

A presença dos cursinhos pré vestibulares no panorama da educação brasileira não é fenômeno recente. Desde o inicio dos concursos para o preenchimento das vagas oferecidas pelo ensino superior universitário nos anos 20[1] estes cursinhos preparatórios foram surgindo com o claro objetivo de fornecer aos candidatos melhores chances de disputa e êxito nas provas classificatórias.

Na medida em que ao longo do século XX a procura pelo ensino superior se intensificou no Brasil e a relação entre o número de candidatos e o número de vagas oferecidas aumentou[2], o mercado de atuação dos cursinhos também cresceu. Os cursinhos pré-vestibulares então se multiplicaram sem nenhum controle ou legislação que interferisse em sua organização e funcionamento. Pode-se abrir um cursinho como se abre um negócio qualquer; trata-se de uma iniciativa privada[3].

Esta omissão do Estado é reflexo de um descaso para com a formulação e o cumprimento de uma política pública para educação através da qual deveria o poder público exercer sua função fiscalizadora e reguladora.

---

[1] O concurso vestibular surgiu no Brasil em 1911 como um simples exame formal de acesso ao ensino superior; em 1925 diante de um número crescente de interessados em busca dos cursos universitários adotou-se o *numerus clausus* - um número fixo e limitado de vagas foi imposto. Assim o vestibular passou a ser um concurso classificatório para o preenchimento destas vagas, conforme revela estudo de Santos (1988).

[2] Dados do MEC reproduzidos em estudo de Martins (1991) mostram que em 1960 64.635 pessoas se inscreveram nos exames vestibulares concorrendo às 35.381 vagas então oferecidas no ensino superior brasileiro (19.105 pelas escolas públicas e 16.276 pelas escolas privadas), uma relação de 1,82 candidatos para cada uma (em ambas as redes a proporção era a mesma: 1,82 candidatos por vaga). Em 1988 foram 1,921 milhões de inscritos para 463.739 vagas (149.793 em escolas públicas, 313.946 em escolas privadas), embora a oferta de vagas tenha crescido (um aumento de 784,05% na rede pública e de 1.928,88% na rede privada) o número de candidatos aumentou 2.973,43% em 28 anos, fazendo com que a relação de candidatos por vaga subisse para 4,14 (na rede pública esta proporção alcançou 6,21 candidatos por vaga e na rede privada 3,1).

3 O único dado oficial disponível sobre os cursinhos pré-vestibulares pode ser encontrado no site do IBGE na rede mundial de computadores Internet pelo endereço http//www.ibge.gov.br. Este dado nos mostra que 235.004 pessoas estariam freqüentando os cursinhos pré-vestibulares em 1994.

As diretrizes históricas que norteiam a ação do Estado na área da política educacional revelam facilitações e estímulos para que o setor privado amplie sua presença em todos os níveis da educação brasileira. Estudos de Cury (1991) sobre o ensino médio e de Martins (1991) sobre o ensino superior apontam para a expansão do número de matriculas e de estabelecimentos escolares em ambas as redes, pública e privada, nos últimos 30 anos.

De fato há o interesse do Estado em dividir deveres com a iniciativa privada, tomada coma parceira para que seja possível atender a crescente demanda por vagas seja na educação básica, seja na educação superior[4]. Nunca houve em nossa história um contingente tão grande de crianças e adolescentes em idade escolar básica como no momento atual, são cerca de 50 milhões[5], dos quais 17.515.863 deveriam estar freqüentando os 3 anos que correspondem ao ensino médio[6]. No entanto, devido a problemas conhecidos como repetência, evasão, falta de vagas, escolas distantes e outras questões econômicas e sociais, no ano de 1994 havia apenas 5.046.040 alunos matriculados neste nível de ensino[7].

Os baixos índices de escolaridade da população brasileira são constantemente vistos como uma grande barreira para a modernização do país, trata-se de um dado que nos condena ao subdesenvolvimento econômico; afinal a educação sempre foi extremamente valorizada como fator de crescimento econômico e ascensão social como demonstrou Schultz (1963).

---

[4] A nomenclatura aqui adotada está baseada na Lei de Diretrizes e Bases para a educação, aprovada em 20/12/96, que estabelece em seu Artigo 21 que a educação escolar compõem-se de:
I - Educação Básica, formada pela educação infantil, ensino fundamental e ensino médio
II - Educação superior
É no hiato entre estas duas divisões, entre estes dois níveis de escolaridade, que nasceu e se localiza o espaço principal de atuação dos cursinhos, que depois vieram a originar os Sistemas de Ensino tomados como objeto de estudo para esta pesquisa.

[5] Números da população brasileira entre 07 e 17 anos segundo dados do IBGE/1994. Este número corresponde a cerca de 1/3 do total da população brasileira, que em 1994 era de 157.070.163 pessoas.

[6] Número da população brasileira entre 15 e 17 anos em 1994.

No entanto o Estado não atende sozinho a esta necessidade de escolarização da população brasileira. Ao contrário do esperado, nas últimas décadas houve uma diminuição dos recursos públicos destinados a educação, os investimentos orçamentários federais reservados para aplicação no setor foram gradativamente diminuindo após 1964.

Conforme demonstra Frigotto (1987) a ação dos sucessivos governos antidemocráticos que se mantiveram no poder entre 1964-1985 estava baseada na distribuição desigual e autoritária dos investimentos públicos empregados na educação e a diminuição constante do montante destes recursos. Rastreando os caminhos do dinheiro público destinado à educação Frigotto percebeu que os recursos ficaram concentrados em escolas de bairros ricos, grandes cidades e universidades, favorecendo as mesmas camadas sociais que também concentram em seu poder a renda nacional:

> *"(...) Os recursos mais abundantes são canalizados para as escolas que atendem clientela de ricos em proporções que acompanham a lógica da concentração do capital da estrutura social"*[8]

Além de estimular a privatização do ensino e abrir espaço para que a rede particular expandisse sua atuação e aumentasse o número de cursos e de vagas disponíveis, Frigotto revela que quando o governo federal investiu na educação agiu no sentido de favorecer camadas sociais privilegiadas.

Estudos de Martins (1987), Cunha (1991; 1995), Cunha e Góes (1985), Sousa (1981) e Germano (1992) também demonstram como o modelo de Estado Nacional autoritário e antidemocrático, implantado durante a ditadura

---

[7] http://ibge.gov.br

militar (1964-1985), estimulou a expansão da rede privada de ensino no país para suprir a demanda por vagas.

Devido as vantagens e facilitações as escolas particulares prontamente se apresentaram como parceiras ideais do poder público. Um exemplo claro dos mecanismos que acabaram por criar benefícios ao setor privado e a maneira através da qual estas vantagens foram usufruídas é narrado por Martins (1981) em seu estudo de caso sobre a criação da FMU, instituição de ensino superior particular que funciona na capital de São Paulo.

Estudo de Cury (1991) mostra que no mesmo período em que passou a incentivar a expansão da iniciativa privada na educação superior, a rede pública ampliou seu alcance na educação básica, passando gradativamente a abrir vagas e escolas até conseguir absorver a maioria do contingente numérico dos alunos efetivamente matriculados nas carteiras escolares do ensino médio[9].

Mas esta ação do poder público não significou, no entanto, qualquer preocupação com a qualidade dos serviços oferecidos, com a boa remuneração e condições de trabalho de seus docentes ou com a própria preservação do patrimônio físico dos estabelecimentos escolares. O aumento da capacidade e da quantidade de matrículas era a grande meta a ser alcançada e neste sentido a ajuda da iniciativa privada foi muito bem vinda e estimulada.

---

[8] Frigotto (1995), p. 10.

[9] Cury (1991) revela que até o golpe de 1964 era o setor privado o responsável pela maioria das matrículas no ensino médio, a partir de então houve um aumento maciço na participação da rede pública neste nível da escolaridade e os números se inverteram: já em 1970 as escolas públicas contavam com cerca de 2, 5 milhões de alunos matriculados no ensino médio e as escolas particulares com apenas 1,5 milhão. Em relação ao ensino fundamental o autor demonstra que, pelo menos de 1935 até os dias atuais, sempre foi o setor público o responsável pela maioria das matrículas.

Ações públicas que visam estimular iniciativas privadas são bastante comuns em todas as instâncias governamentais de nosso país (federação, estados e municípios[10]). Segundo Pinheiro (1991) as elites dominantes nunca foram capazes de exercer sua hegemonia sem a ajuda e intervenção direta do Estado, usado como suporte para interesses privatistas[11].

Ao meu ver esta política educacional de divisão de tarefas e incentivo aos estabelecimentos de educação privados, aliada ao descaso do Estado para com a qualidade e financiamento da rede pública de ensino acabou facilitando também a proliferação dos cursinhos e de seus respectivos Sistemas de Ensino Franqueado[12], objeto central do estudo que ora se inicia.

Aos poucos o espaço de atuação dos cursinhos no hiato que se formou entre a educação básica e a educação superior se consolidou. Os vestibulandos e suas famílias passaram a aceitar esta presença e a necessidade de freqüência nestes cursinhos como uma espécie de passaporte obrigatório para aqueles que desejam garantir seu acesso a universidade, em especial a universidade pública e gratuita; principalmente diante da crescente incapacidade da própria rede pública de ensino básico em preparar adequadamente seus alunos para o enfrentamento dos exames vestibulares.

Como exemplo desta incapacidade temos que neste ano de 1998 72,4% dos calouros matriculados na USP são oriundos de escolas privadas e apenas 20,7% de escolas públicas. Uma proporção bem diferente se comparada aos

---

[10] Veremos mais um exemplo destes incentivos através do estudo de caso implementado no capítulo 2 deste trabalho.

[11] Sobre a participação do pensamento privatista nos órgãos e conselhos federais de educação, os embates ideológicos e os conflitos travados nas relações entre escolas públicas e escolas privadas ver também Buffa (1979), Fonseca (1991), Cunha (1995) e Dias (1995).

[12] No corpo deste trabalho quando a palavra Sistema aparecer grafada com a letra inicial em maiúsculo estará seu significado sempre ligado a alguma empresa de educação privada e não ao sistema nacional de ensino. Esta foi a opção encontrada para que possamos melhor identificar o termo aos modelos de ensino criados pelos cursinhos para serem aplicados em escolas particulares de educação básica espalhadas por todo o Brasil.

números de 20 anos atrás: em 1977 apenas 29,3% dos calouros da USP tinham completado seus estudos básicos em escolas privadas, contra 57,3% em escolas publicas [13].

Os dados da UNICAMP são semelhantes: entre os alunos iniciantes do ano de 1998 67,1% finalizaram seus estudos em escolas particulares e 31,2% em escolas públicas. Existe também a informação de que 59,5% dos calouros da Universidade freqüentaram cursinhos.[14]

Esta inversão - ex-alunos da rede de ensino médio privada compõem a maioria dos matriculados na rede de ensino superior pública - não causa espanto, não é novidade. As elites nacionais pagam pela preparação adequada de seus filho visando os exames vestibulares e consequentemente ocupam as vagas disponíveis de maneira a manter os privilégios seculares que determinam as desigualdades de oportunidades tão características a sociedade brasileira.

A consolidação do vestibular como um ritual de passagem e seleção obrigatório para o acesso ao ensino superior, no qual a classificação dos candidatos é definida pelo domínio mensurável do currículo "mínimo" requerido pelas universidades cria, conforme definição de Rocha (1995), duas espécies de cultura: a primeira é entendida como "Vestibular da Cultura" e liga-se ao conteúdo e saberes exageradamente acadêmicos exigidos pelos exames; a segunda é a "Cultura do Vestibular" que se relaciona propriamente ao conjunto de símbolos signos e valores que envolvem o processo que marca a entrada dos estudantes na vida universitária.

---

[13] Dados fornecidos pela FUVEST publicados pelo jornal Folha de São Paulo (b).

[14] Até o momento da conclusão deste trabalho (Julho/98) estes dados ainda não haviam sido oficialmente publicados pela UNICAMP. Para que os mesmos pudessem ser aqui divulgados contei com a

Extrapolando os limites e as questões específicas relativas aos vestibulares, o que este trabalho pretende expor é a percepção de que a área de atuação dos cursinhos, antes restrita a um ano ou dois de preparação específica dos alunos que já haviam completado sua formação básica mas que não conseguiam alcançar o ensino superior, se expandiu consideravelmente.

Os cursinhos penetraram sua atuação rumo as instâncias regulares da educação nacional (ensino fundamental e médio) através de um modelo de concessão de franquias que são oferecidas a diferentes escolas particulares espalhadas por todo o território nacional.

O ponto central deste modelo de ensino franqueado é a venda e a aplicação de um conjunto de material didático apostilado para escolas que se transformam em unidades parceiras ou franqueadas dos auto denominados Sistemas de Ensino

A idéia que norteou a estruturação deste trabalho foi a de transformar estes Sistemas de Ensino Franqueado em objeto de investigação acadêmica e equacionar os problemas e as possíveis virtudes relativas a expansão desta nova modalidade de educação privada. Portanto este é um estudo sobre escolas particulares de ensino fundamental e médio que se especializaram na preparação de seus alunos visando os exames vestibulares.

Os cursinhos pré-vestibulares não são novos, mas a expansão para as outras séries letivas desta concepção e forma de ensinar é um fenômeno recente recheado de pontos negativos e positivos que ainda não foram observados, problematizados e objetivamente estudados. Sabe-se da

---

colaboração dos funcionários da Comissão de Vestibulares da universidade, aos quais agradeço por me fornecerem estes números.

existência dos cursinhos, utiliza-se de seu serviços, mas eles não são tomados como um problema passível de investigação

Esta definição de meu objeto de estudo demorou a acontecer, foi amadurecendo devagar no decorrer do curso de mestrado. Tudo nasceu do fato de ser eu professor em uma unidade de uma cidade do interior de um destes Sistemas de Ensino Franqueado: O Sistema Anglo, empresa que atua há mais de 60 anos no mercado da educação privada.

Estando inserido neste contexto passei a refletir sobre as condições do trabalho docente diante de um rígido esquema de aplicação de aulas apostiladas cujo conteúdo curricular e programação se impõe através de um calendário escolar previamente elaborado pelas matrizes destes auto denominados Sistemas de Ensino e sobre o qual os professores tem atuação restrita, ficando em posição externa ao processo de elaboração do conhecimento.

Atualmente o Sistema Anglo de Ensino concentra sua expansão e o crescimento de seus lucros através da concessão de franquias que possibilitam a aplicação do material didático produzido nas mais diferentes escolas em várias cidades e regiões do Brasil, atingindo novos consumidores e abrindo oportunidades de estudo aos jovens do interior que passam a contar com uma preparação específica visando o acesso às vagas em faculdades e universidades próximas ou mesmo distantes de suas casas.

Para melhor entendermos as conseqüências deste impacto no Capítulo 1 do presente trabalho será contada a história do Sistema Anglo de Ensino[15];

[15] A escolha do Sistema Anglo de Ensino como objeto de estudo deste trabalho não o coloca numa situação única no cenário da educação brasileira. Apontar, explicitar, equacionar características deste e dos outros Sistemas de Ensino franqueados que surgiram vinculados aos cursinhos pré-vestibulares é

buscarei explicitar como a empresa cresceu no contexto da expansão do ensino privado e como e como se desenvolve sua prática pedagógica baseada em apostilas e no cumprimento de uma promessa mercadológica de curto prazo, retorno garantido para o investimento paterno: o acesso ao ensino superior.

Mas por que estou chamando estas escolas de unidades franqueadas e este modelo de educação de ensino franqueado?

Primeiro porque é o próprio Sistema Anglo de Ensino aqui tomado como objeto de investigação que se assume enquanto uma empresa da área de educação privada que trabalha com a concessão de franquias[16]. Inicialmente havia o receio em usar este termo no corpo desta dissertação, mas a partir do momento em que foi verificado que está é a terminologia adotada pelo próprio Sistema Anglo em referência a sua atuação no mercado do ensino privado; que a idéia de ensino franqueado está presente no discurso de seus executivos; que existe um Departamento de Franquias e de acompanhamento das unidades franqueadas no organograma administrativo da empresa e que o Anglo é membro da Associação Brasileira de Franchising (ABF)[17], não restaram dúvidas sobre a pertinência de também adotar a idéia de ensino

---

também, em grande medida, questionar o papel e o funcionamento do ensino médio nacional, tanto público quanto privado.

[16] Segundo o Artigo 2º da Lei nº 8.995 de 15/12/94 que dispõe sobre os contratos de franquia empresarial, este seria um sistema de relações comerciais no qual o franqueador cede ao franqueado o direito de uso de sua marca ou patente, associado ao direito de distribuição exclusiva ou semi-exclusiva de produtos ou serviços e, eventualmente, também ao direito de uso de tecnologia de implantação e administração de negócio ou sistema operacional desenvolvidos ou detidos pelo franqueador, mediante remuneração direta ou indireta, sem que, no entanto, fique caracterizado vínculo empregatício.

[17] Conforme pode ser comprovado no site da ABF na rede de computadores Internet através do endereço: www.abf.com, no qual existe uma página exclusiva do Sistema Anglo de Ensino: http://200.246.107.19/scripts/abf/abfprocuracodigo.idc?codigo=361. Nesta página estão descritas as condições para a concessão de franquias do Sistema e também informações sobre a razão social da empresa, número de unidades franqueadas, o tipo de produto e de serviço oferecido e o capital inicial necessário para a instalação.

franqueado quando em referência a modalidade de educação que tentarei analisar[18].

Além deste fato uma série de regras padronizadas e típicas das relações comerciais de franquias são impostas pela matriz do Sistema Anglo para serem aplicadas as unidades parceiras ou franqueadas: direito de uso da marca e dos produtos da empresa, treinamento de funcionários[19], lay-out único, acompanhamento dos resultados.

Isto posto creio ter justificado o porque da escolha do Sistema Anglo de Ensino para que possamos esboçar neste trabalho um panorama e algumas constatações sobre o que significa adotarmos o termo franquias quando nos referimos a empresas para quais a educação é então tomada como um lucrativo ramo de negócios.

Para melhor compreender como funcionam e como são construídas as relações entre a matriz deste Sistema Anglo de Ensino e suas unidades franqueadas o Capítulo 2 deste trabalho é dedicado a um estudo de caso no qual acompanhamos a criação e o funcionamento de uma destas unidades: O Colégio Educação e Cultura/Anglo Jacutinga, localizado em uma cidade do sul de Minas Gerais, região de fronteira com o estado de São Paulo.

Esta escolha aconteceu em função de minhas relações pessoais com a cidade, onde nasci, e com o próprio Colégio Educação e Cultura no qual trabalho como professor responsável pela disciplina de Sociologia. Uma situação que me proporciona um bom conhecimento sobre a presença desta

---

[18] Além do Anglo outras empresas que atuam ligadas a educação também oferecem seus produtos e serviços através do site da ABF: CPV – Vestibulares; Cursinho Universitário e Grupo Pitágoras.

[19] Neste caso como se trata de um sistema de concessão de franquias na área educacional há também o treinamento dos professores visando um melhor uso e aproveitamento do material didático.

escola na cidade e facilidades na obtenção de informações para melhor fundamentar esta investigação.

O Colégio Educação e Cultura, mais conhecido como Anglo Jacutinga, é um bom exemplo para compreendermos o significado e as características inerentes ao ensino franqueado e a própria expansão deste tipo de educação privada no país, preenchendo o vácuo aberto pelas deficiências historicamente produzidas pelas políticas públicas governamentais na área da educação.

Não posso negar a ajuda dos meus alunos enquanto cobaias não avisadas desta minha experiência no interior de um rígido esquema de aulas programadas dentro do qual me encontro, mas sobre o qual tenho a possibilidade de lançar um olhar distanciado na medida em que a disciplina que leciono não faz parte do currículo oficial das apostilas, nem dos exames mais tradicionais dos vestibulares de maior repercussão e disputa acirrada. Neste sentido encontro-me em uma situação única, pois cabe a mim a preparação da programação de minhas aulas, dos recursos didáticos que utilizo e de todas as provas que aplico.

Mas por que esta escola na qual trabalho pode ser tomada como um exemplo que me possibilitará demonstrar como este modelo de ensino baseado em relações mercadológicas de comércio de material didático é bem sucedida e se espalha por todo o Brasil?

Porque esta escola, o Colégio Educação e Cultura, preenche os requisitos para minha investigação: pertence ao Sistema Anglo de Ensino, funcionando como uma franquia que utiliza-se de uma marca registrada que os mantenedores[20] do colégio tem o direito de usar de acordo com um contrato

[20] Nomenclatura usada para designar os donos das unidades franqueadas. Me questionando sobre o uso deste termo concluo que talvez ele seja utilizado para amenizar um impacto de um caráter lucrativo

renovado anualmente e que lhes garante o fornecimento do material didático apostilado contendo o esquema de todas as aulas preparadas e numeradas e está localizada em um estado da federação onde a rede particular de ensino médio cresceu intensamente, em termos comparativos nos últimos 30 anos, conforme demonstra Mafra (1998)[21]. Além do que eu nela trabalho, o que facilita bastante o acesso a fontes para a pesquisa e a reflexão sobre os mecanismos de funcionamento de uma unidade franqueada.

Esta é uma colocação importante para que através dela perceba o leitor qual o grau de envolvimento em que me encontro em relação ao objeto específico ao estudo de caso que elegi para tentar demonstrar como ocorre o processo de criação de uma escola privada em uma cidade pequena, onde a maioria das pessoas se conhecem e se cumprimentam e vão construindo suas vidas e suas relações.

O fato de ser um jacutinguense me permite construir uma perspectiva de observação sobre o Colégio Educação e Cultura/Anglo no município adicionada em importância e sentido, uma vez que me possibilita perceber o impacto desta presença na vida da cidade pelo olhar de seus moradores; o que significa a abertura de espaço para que apareçam no corpo deste texto não apenas os pontos conflitantes deste processo de implantação de uma escola particular que contou com o apoio explícito do poder público para se fixar, mas também quais são suas contribuições para o conjunto da sociedade local.

No entanto é preciso cuidado para que este estudo não gere falsas interpretações que venham inclusive a prejudicar meu trabalho cotidiano

---

inerente a qualquer escola privada; uma característica que seria evidenciada caso o grupo dos donos das escolas fossem tratados explicitamente pela palavra proprietários. Fica aqui a idéia de que um empresário da educação é, antes de tudo, um benfeitor social e filantropo sem muitos interesses comerciais.

[21] Ver Capítulo 1, página 34 do presente trabalho.

enquanto professor. Questões polêmicas e delicadas irão aparecer, não há como negar alguns fatos, mas deixo de antemão explícito que iniciei esta investigação consciente de seus riscos.

Penso que ao escolhermos e delimitarmos um tema de estudo não podemos nos desvincular da nossa história. Eu nasci em uma pequena cidade e enfrentei as dificuldades que eram comuns para aqueles que pretendiam seguir em seus estudos rumo ao ensino superior.

Pois bem, de certa forma eu mesmo sou personagem desta empreitada. O fato é que meu objeto de estudo faz parte de uma realidade próxima, pela qual caminho de olhos atentos. Uma de minhas preocupações inclusive é a de investigar como nós professores nos comportamos diante deste ensino baseado em um material apostilado. Para isto dedico toda a 5ª parte do 2º capítulo deste trabalho.

Para construir esta dissertação trabalhei essencialmente com pesquisa bibliográfica, entrevistas e aplicação de questionários. Este caminho de investigação foi utilizado tanto para desvendar os caminhos da expansão do Sistema Anglo de Ensino quanto para traçar o cotidiano de uma unidade franqueada, no caso o Colégio Educação e Cultura e as relações entre docentes e o material didático. Minha delicada situação de envolvimento profissional com o objeto de pesquisa que elegi e o reconhecimento para com a receptividade e valiosa colaboração que obtive levou-me a adotar uma postura de resguardar os nomes de todos os entrevistados. Sem dúvida mais importante que a identidade de cada um deles são seus cargos e o papel que ocupam no interior do quadro montado para esta pesquisa.

Outra fonte importante com a qual trabalhei para a concretização deste

trabalho foi o manuseio de documentos colhidos junto à Câmara Municipal de Jacutinga, à 32ª Superintendência Regional de Ensino de Minas Gerais, sediada na cidade de Pouso Alegre, e ao próprio Colégio Educação e Cultura.

Perceberão também os leitores que um importante instrumento de auxílio a esta pesquisa foi a rede mundial de computadores Internet. Pela teia de informações virtuais consegui obter dados importantíssimos sobre o Sistema Anglo de Ensino, sobre a Associação Brasileira de Franchising e sobre as estatísticas escolares nacionais nas páginas e tabelas do IBGE.

Além destas fontes, a observação do material de propaganda e de marketing vinculado pelos cursinhos pré-vestibulares ou pelas unidades franqueadas de seus respectivos sistemas de ensino em toda a mídia sempre me chamavam a atenção e ajudavam a clarear ainda mais minha percepção de como é grande e constate a presença destes cursinhos e colégios no cotidiano das cidades grandes, médias ou pequenas.

Sem que conscientemente percebesse muito dos métodos de pesquisa da antropologia correram em minhas veias de cientista social, direcionando os caminhos de meu trabalho de campo ajudando a aperfeiçoar algumas impressões e a obter dados às vezes sigilosos e privados.

Diante disto gostaria de terminar esta introdução explorando um trecho de um texto do professor Carlos Rodrigues Brandão (1991) onde são lembradas as diferentes maneiras e manifestações da educação e do aprender:

> *"Não há uma forma única nem um único modelo de educação; a escola não é o único lugar onde ela acontece e talvez nem seja o melhor; o ensino escolar não é sua única prática e o professor profissional não é seu*

*único praticantes*[22]

No entanto ninguém escapa da educação, seja ela transmitida na escola, no convívio social ou pela tradição familiar. Seja ela dotada de um valor econômico ou social, seja ela um instrumento de domínio político ou de emancipação, o fato é que a educação se firma como uma necessidade e como uma exigência no limiar do século XXI, e embora não sejamos nós os únicos praticantes do processo de ensino e aprendizagem e nem a escola seja o único lugar onde este processo possa ser desenvolvido, cabe a todos nós, profissionais do ensino, valorizarmos nossa ação e nossa prática e nos perguntarmos sistematicamente: que tipo de escolas queremos? Que escola são essas em que trabalhamos? Como elas surgem ? Em que perspectiva estamos formando nossos alunos?

[22] Brandão (1981) p. 09.

# CAPÍTULO 1

# O Sistema Anglo de Ensino

## 1.1 - História e Expansão

Quando ouvimos a palavra Anglo automaticamente a associamos ao cursinho preparatório para os exames vestibulares. Milhares de alunos estudaram e estudam com o material que leva a marca do leãozinho. São sessenta anos de história deste grupo empresarial privado que atua com sucesso na área de educação.

No entanto há muito que o Anglo deixou de ser simplesmente sinônimo de um curso de preparação para os vestibulares. Hoje a própria empresa se autodenomina como um Sistema de Ensino: o Sistema Anglo de Ensino. O que isto significa é o que procurarei desvendar ao longo deste capítulo, cuja idéia é equacionar o funcionamento e a organização do Sistema Anglo de Ensino para através deste exemplo tentar criar uma discussão sobre a atuação destas organizações empresariais que trabalham na área de educação através de um modelo de concessão de franquias que consiste na venda de material didático para centenas de escolas de educação básica[23] espalhadas por todo o país.

Portanto este estudo não trata particularmente dos cursinhos pré-vestibulares, mas sim sobre como estes cursinhos avançaram e penetraram sua atuação rumo as instâncias oficiais da educação brasileira[24] através da venda de um material didático composto de apostilas possíveis de serem

---

[23] Segundo a nomenclatura oficial adotada desde a aprovação da LDB em setembro de 1996 a educação básica é o nível de escolaridade formado pelo conjunto: educação infantil, ensino fundamental e ensino médio.

aplicadas em qualquer escola que se disponha a pagar por seu uso e pela marca estampada em suas capas, o que, ao meu modo de ver, configura um modelo de ensino e de relações entre os fornecedores do material e as escolas privadas que pode ser nomeado de ensino franqueado; modelo este do qual o Sistema Anglo, sem dúvida, é importante representante.

Acompanhemos então como o Anglo surge e como, com o passar dos anos, deixa de ser apenas um cursinho para expandir sua atuação, seus lucros e sua presença no quadro geral da educação brasileira.

A priori é preciso destacar que a lógica que direcionou a fundação e o crescimento desta empresa está centralizada na idéia de possibilitar aos alunos matriculados nas unidades de cursinho ou nas escolas franqueadas que se utilizam do material produzido e da marca Anglo, a garantia de acesso às vagas oferecidas pelas universidades mais concorridas e disputadas do país através de exames vestibulares.

Toda a propaganda extensamente divulgada na mídia impressa, rádio, TV e outdoors pelo Sistema Anglo de Ensino[25] e por outras empresas que atuam neste concorrido mercado, tais como Objetivo, Universitário, Etapa, MED, COC, Integral, Intergraus, Maximuns, Pitágoras, Stockler, Vestibular Medicina, CPV, Didatika, Oficina do Estudante, Positivo, Dom Bosco, Soma, Q.I. Vestibulares, faz parecer impossível ao estudante que este venha a obter o sucesso nos exames vestibulares se não estiver matriculado em um destes cursinhos ou em alguma escola que se utiliza do material por eles produzido. Cria-se uma necessidade que passa a ser compartilhada também pelos pais,

---

[24] No corpo deste trabalho os cursinhos pré-vestibulares são distinguidos das escolas regulares que atuam nos níveis oficiais da educação brasileira por não se encontrarem submetidos a nenhuma legislação educacional específica, conforme será melhor explorado ao longo deste capítulo

[25] Ver exemplo destes materiais em Anexos A

forçados cada vez mais cedo a colocarem seus filhos em uma escola privada cuja qualidade e mérito é o de "bem preparar" seus alunos para as provas que garantem o acesso ao ensino superior.

Esta preparação tornou-se claramente uma "reserva de mercado" destes Sistemas de Ensino que montam seus cursos e sua estratégia de crescimento pautados na garantia de colocação de seus alunos nas universidades mais concorridas. Elas dizem deter a fórmula do acesso e sabem muito bem vender esta idéia.

A cada ano novos slogans são criados como recursos de publicidade. A cada ano nascem novos cursinhos pelas avenidas de grandes, médias e pequenas cidades.

Especificamente em relação ao Sistema Anglo, modelo de ensino franqueado tomado como referencial para este trabalho, duas frases marcam seu método de estudos que é reconhecido pela quantidade de exercícios propostos e, efetivamente, pelos resultados de aprovação alcançados, diferenciando-o dos demais; são elas: "Aula Dada Aula Estudada" e "Aqui Se Ensina, Aqui Se Aprende".

Veremos no decorrer deste capítulo como estes lemas que vendem a idéia de "certeza de aprovação"[26] foram estrategicamente consolidados e absorvidos por todos que, das mais diversas formas, seja como mantenedores das unidades franqueadas, professores, alunos, e até mesmo como pais, se relacionam com a metodologia de ensino-aprendizagem desenvolvida pelo Sistema Anglo de Ensino ao longo dos seus 60 anos de história.

[26] Frases que estão geralmente impressas no material de divulgação da empresa.

É preciso novamente enfatizar que a característica e o objetivo primordial deste Sistema de Ensino é a preparação de seus alunos através do material didático que é vendido e aplicado nas escolas chamadas de unidades franqueadas ou parceiras.

Este material ao qual me refiro é possível de ser aplicado da 1ª série do ensino fundamental até o cursinho. Por isto este estudo sobre o Sistema Anglo de Ensino não se refere apenas ao cursinho pré vestibular, mas a todo o conjunto da empresa que se faz presente na sala de aula desde as séries iniciais de alfabetização. Esta análise é sobre uma empresa privada da área de educação cujo limite de atuação se ampliou, resultado de uma estratégia de crescimento em direção à escolas privadas regulares e aos níveis oficiais da escolaridade brasileira.

Existe uma distinção entre o Curso Anglo Vestibulares e o Sistema Anglo de Ensino. O primeiro é especificamente o cursinho pré-vestibular que funciona apenas na cidade de São Paulo somente em três endereços e que é de propriedade do Sistema Anglo de Ensino, formado por estas unidades de cursinho, pela gráfica e pela editora Anglo Ltda.

Portanto, o Sistema Anglo de Ensino é proprietário das três unidades do Curso Anglo Vestibulares em São Paulo, da Editora Anglo que detém os direitos de publicação do material didático (apostilas, cadernos e livros) e da gráfica que faz a impressão deste material.

Também fazem parte do Sistema Anglo de Ensino as unidades franqueadas: escolas que compram o material e que também usam a marca Anglo, inclusive para sua publicidade. Estas unidades assumem a identidade do Anglo e todos os seus alunos são considerados alunos do Anglo; no entanto

elas não pertencem aos mesmos donos, são independentes e podem se desligar do Sistema, bastando para isto abandonar a compra e o uso do material didático ao final do ano letivo.

De qualquer forma o que hoje é conhecido como Sistema Anglo de Ensino se originou no Curso Anglo Vestibulares, criado quase que simultaneamente a fundação da Universidade de São Paulo, formada em 1934. O Curso Anglo iniciou suas atividades em 1938[27] especificamente para melhor preparar os candidatos concorrentes às vagas oferecidas pela POLI - USP.

O surgimento do Anglo apenas 4 anos após o nascimento da USP demonstra como as relações entre o ensino superior e os cursinhos são estreitas desde longa data. A mesma informação revela ainda que a empresa em sua gênese dedicava exclusivamente suas atividades de ensino a área do conhecimento ligada às ciências exatas e engenharias.

Segundo a página do Anglo na Internet[28] já na década de 40, dez entre os onze primeiros classificados no vestibular da POLI saíam das carteiras do curso Anglo. Uma informação difícil de ter ser verificada, mas que sem dúvida é importante na construção da imagem de eficiência que hoje é comumente associada a marca.

O interesse e a procura pelos serviço oferecidos pelo Anglo e por seus concorrentes desde então cresceu bastante, estimulado principalmente pelo aumento da disputa pelas vagas no ensino superior brasileiro[29]. Mas por que a preparação específica dos estudantes brasileiros, estejam eles em qualquer

---

[27] Informação obtida no site do Sistema Anglo de Ensino na rede mundial de computadores Internet: http://www.cursoAnglo.com.br

[28] http://www.cursoAnglo.com.br

[29] Ver dados referentes a este aumento em Cury (1991)

uma das séries do ensino médio e até mesmo fundamental, para o sucesso nos vestibulares se transformou em uma necessidade?

Sem dúvida a explicação para a criação desta necessidade está ligada a dificuldade enfrentada pelos pais e alunos em contar com a escola pública para uma preparação julgada como adequada para o êxito na disputa por uma vaga no ensino superior também público[30], em um contexto onde a capacitação para o mercado de trabalho está ligada a aquisição de um diploma de qualificação superior. O ensino superior é tido como essencial para uma desejável mobilidade social, e este discurso é aceito, compartilhado e estimulado por estes Sistemas de Ensino e seus executivos, que se consolidam como os maiores beneficiados por tal situação de concorrência e exclusão.

Este estímulo fica evidente na voz de um dos diretores do Sistema Anglo, que explicita também quais as metas que direcionam o funcionamento do ensino franqueado e como é feita a promessa de garantia da vaga:

> *"O que importa para nós é que o material seja bem ministrado, que o aluno aprenda e saia satisfeito; que o pai perceba os resultados deste aprendizado e que no final das contas ele termine o terceiro ano e entre numa boa faculdade. E todo aluno que faz o colégio com o nosso material entrará com certeza na faculdade. Ele vai para o terceiro grau, mas ele tem de ir para uma escola de qualidade. Não adianta ele entrar na "cochinchina" que na hora de enfrentar o mercado de trabalho ele se embola todo. Hoje você tem de ter o diploma de uma escola decente, tem de falar pelo menos uma língua estrangeira, tem de continuar estudando,*

[30] Dados sobre esta dificuldade podem ser verificados na página 16 deste trabalho.

*fazendo pós e só então você vai estar apto para entrar no mercado de trabalho".*[31]

Aparece nesta fala as várias exigências do "mercado de trabalho", mas a idéia da qualidade oferecida por uma "escola decente", que em termos de ensino superior quer dizer universidade pública, sempre se impõe. Inclusive por serem às vagas oferecidas por estas universidades as mais concorridas e disputadas, situação que pressupõe, logicamente, uma melhor preparação de seus candidatos.

Os exames vestibulares acabaram estipulando no país um mecanismo de seleção que praticamente criou entre os jovens e suas famílias a necessidade destes procurarem um curso específico de preparação para às provas. Diante disto creio que os cursinhos e demais empresas privadas que atuam neste setor deveriam ter suas responsabilidades e o alcance de sua atuação explicitadas. Deveriam, por exemplo, estar submetidos a alguma espécie de acompanhamento oficial, pois sua presença no panorama geral da educação brasileira é bastante visível, basta olharmos com um pouco mais de atenção para percebermos a grande quantidade de propaganda dos mais diversos cursinhos e afins que chega até nós, principalmente nos meses de fevereiro e julho. No entanto, na legislação educacional não há uma linha sequer que contemple, reconheça ou regulamente o funcionamento destas verdadeiras "indústrias dos vestibulares" que, aproveitando esta brecha, ramificaram sua atuação e atingiram em cheio o modelo educacional hoje em vigor nas escolas privadas de ensino fundamental e médio.

---

[31] Entrevista realizada em 25/06/98

Informações como o número de alunos matriculados em qualquer um destes cursinhos ou quantas são as unidades franqueadas destes autodenominados Sistemas de Ensino são informações privadas.

Os cursinhos se encontram a margem do acompanhamento de suas atividades educacionais pelas Secretarias de Estado de Educação e as escolas franqueadas, por sua vez, não precisam deixar claro para os órgãos fiscalizadores que estão ligadas a qualquer outro grupo de educação privada que lhes fornece o material base para às aulas. Aos olhos, por exemplo, da Secretaria de Ensino de Minas Gerais a unidade Anglo de Jacutinga mantém sua identidade original, é o Colégio Educação e Cultura; no entanto aos olhos de seus alunos, dos pais destes, dos mantenedores, de seus professores e dos executivos do Sistema Anglo a escola é o Anglo/Jacutinga.

Esta situação fantasma torna inviável a obtenção de números totais concretos e confiáveis sobre quantos são os alunos que hoje se utilizam do material produzido pelo Anglo ou quantas são as unidades franqueadas do Sistema em todo o país.

Na sede do Sistema Anglo em São Paulo obtive a informação de que o números destas unidades gira em torno de 250 e que apenas os alunos das três unidades do cursinho em São Paulo chegam a 13.000 por ano.

Um número sem dúvida respeitável mas que torna-se irrelevante diante do pressuposto contingente de alunos que no ensino fundamental e médio se utilizam do material didático produzido pelo Anglo.

Pelo trecho da entrevista concedida por um dos executivos do Sistema transcrito duas páginas acima pode ser percebido como as atenções da empresa hoje encontram-se voltadas para a educação básica. O cursinho é

colocado em segundo plano na estratégia atual de crescimento do Sistema Anglo; há a afirmação textual de que se o aluno começar sua preparação mais cedo nos colégios que usam as apostilas Anglo, sua passagem para ensino superior estará assegurada, garantida.

O investimento na preparação dos alunos para os exames vestibulares torna-se assim evidentemente mais oneroso para os pais. O quanto antes eles colocarem seus filhos em uma escola franqueada melhor. A preparação que era feita em apenas um ano agora depende de três ou mais.

Uma situação ainda mais lucrativa se configurou. Os cursinhos rapidamente conseguiram se adaptar aos movimentos e expectativas do mercado diante da nova realidade imposta por algumas mudanças ocorridas nos exames vestibulares durante os anos 80[32].

Como toda e qualquer boa empresa capitalista seus estrategistas e professores foram levados a criar e a expandir o uso do material didático por eles produzido, fato que acabou praticamente provocando a hegemonia destes Sistemas de Ensino em relação a obtenção das vagas disponíveis nas universidades públicas. Dados referentes aos calouros matriculados na UNICAMP em 1997 revelam que 83,79% deles ou estudaram em escolas privadas ou fizeram cursinho ou ambos[33].

Este crescimento em direção às instâncias oficiais do ensino, que pressupõe o abandono pelos cursinhos de uma atuação que antes se dava exclusivamente no hiato formado entre a educação básica e a superior,

---

[32] Entre estas mudanças podemos destacar o surgimento do exame vestibular da Unicamp em 1987.
[33] Fonte: UNICAMP (1997)

começou a ocorrer a partir dos anos 70. Período que coincide com a política governamental de incentivo a expansão da educação privada no Brasil[34].

Nesta década surgem os primeiros sistemas de concessão de franquias e as primeiras unidades franqueadas, ou seja, escolas que compram o material apostilado fabricado pelos cursinhos. E este modelo de ensino formulado para atender aos desejos dos jovens vestibulandos e suas famílias se espalha pelo país, causando um grande impacto ao possibilitar um contato de novas pessoas de diferentes camadas sociais de lugares distantes com as fórmulas vendidas nos grandes centros como a ponte de acesso ao ensino superior.

O Sistema Anglo de Ensino é um dos pioneiros neste processo Nos anos 70 suas unidades franqueadas ainda trabalhavam exclusivamente no modelo de cursinho, não existia o material apostilado com o conteúdo curricular específico para a aplicação no então 2º grau. O sentido do crescimento do Sistema Anglo obedece, de modo geral, a uma mesma seqüência: inicialmente havia apenas o cursinho, majoritariamente freqüentado por alunos que tinham completado o ensino médio, aos poucos o mercado passou a exigir uma preparação de mais longo prazo e os cursinhos se adaptaram penetrando sua orientação pedagógica baseada em apostilas em direção ao ensino médio e depois ao fundamental, movimento que se intensificou à partir dos anos 80.

No ano de 1950, doze anos após a fundação do cursinho pré vestibular preparatório para os exames da POLI, Anglo Vestibulares, seu idealizador e fundundador, o professor Simão Faiguemboim, decide expandir a atuação da empresa e convida alguns dos professores que com ele já trabalhavam a se tornarem sócios na direção e administração do negócio e juntos darem o

[34] Processo este descrito na introdução deste trabalho.

primeiro salto no sentido de transformar o Anglo em uma grande empresa de educação privada, capacitada para atender um número cada vez maior de alunos que buscavam os serviços oferecidos.

Assim os professores Emílio Gabriades e Abram Bloh se uniram a Simão Faiguemboim para dar início a nova fase do curso Anglo, que passa a funcionar em sede própria situada na Rua Tamandaré, no bairro paulistano da Liberdade. Ocorreu então a primeira etapa do crescimento e expansão da atuação da empresa.

Ainda hoje a direção geral de todo o Sistema Anglo encontra-se sob a responsabilidade do Professor Emílio Gabriades e da família Faiguenboin, sócios majoritários da empresa.

Em suas primeiras três décadas de vida o Curso Anglo se especializou na preparação de alunos que se interessam em cursar alguma faculdade na área das ciências exatas, principalmente as engenharias. Não é atoa que a única unidade de propriedade do Sistema Anglo montada fora da capital paulista foi em São José dos Campos, cidade onde se localiza o Instituto de Tecnologia Aeronáutica (ITA), cujos exame vestibular é tido como um dos mais difíceis do Brasil[35].

Nestes tempos primordiais o curso Anglo se destaca por algumas invenções que deram certo: as apostilas, que surgem nos anos 40; os primeiros simulados, exercícios que imitam as provas dos vestibulares, propostos nos anos 50 e o Anglo Resolve, fascículos com a resolução comentada das provas oficiais.

---

[35] Hoje esta unidade ainda pertence ao Sistema Anglo, mas seus proprietários são seus antigos professores, para os quais foram repassados os direitos de exploração da franquia.

É somente durante a década de 70 que o Anglo diversifica sua atuação e abre frentes de ensino específicas para a preparação também dos alunos que se interessam por cursos superiores nas áreas das ciências humanas e biológicas. É a segunda etapa dado pela empresa rumo a expansão de suas atividades, é também o momento que marca a implantação do Sistema Anglo de Ensino[36].

São criados diferentes tipos de material apostilado para serem aplicados na preparação específica dos alunos de acordo com a área de conhecimento a qual o curso de sua preferência está ligado:

> *"Na década de 70, pressionado pelas famílias de seus alunos, o Anglo abre as áreas de Humanas e Biológicas, mantendo, como sempre, um alto índice de aprovação"*[37]

A idéia de que a expansão da empresa surge como uma necessidade é freqüente. Seja no material de propaganda, seja no discurso de seus executivos o Sistema Anglo aparece várias vezes caracterizado como se estivesse respondendo a um apelo, como se a empresa fosse sempre procurada, tanto para expandir as áreas do conhecimento em que atua, quanto para conceder uma franquia para que uma pequena cidade possa contar com uma educação tida como de qualidade.

De qualquer forma é no momento de crescimento da procura pelos cursos superiores no Brasil e pelos cursinhos que preparam os alunos para exames vestibulares cada vez mais concorridos, que aparecem as primeiras unidades

---

[36] A inauguração da estação São Joaquim do metrô nas proximidades da sede do Anglo da Rua Tamandaré também acaba ajudando em muito o crescimento da empresa.

[37] http:www.cursoanglo.com.br

franqueadas do grupo Anglo, escolas que passam a comprar o material e a receber orientação pedagógica para seu correto uso , além de adquirirem o direito de exploração da marca Anglo.

A princípio não existe a nomenclatura de franquia para designar as unidades que trabalham com o material Anglo como há hoje. São simplesmente cursinhos que surgem nos anos 70 e se espalham rapidamente pelo interior do Estado de São Paulo.

É muito importante ressaltar que, segundo a nomenclatura adotada pela matriz, estas unidades que então trabalhavam exclusivamente como cursinhos eram conhecidas como parcerias.

Hoje são consideradas pelo Sistema Anglo de Ensino escolas parceiras aquelas que compram o material produzido pelo Anglo mas que não abrem mão da sua própria identidade mantendo seu nome, logotipo e história.

Por outro lado são consideradas unidades franqueadas as escolas que além da simples compra do material assumem a identidade do Sistema Anglo, adotando o nome, o logotipo e o sistema de notas e simulados unificados. Seus alunos são considerados alunos Anglo.

Os anos 70 marcam também a remodelação do material didático que havia sido criado na década de 50. As apostilas são redesenhadas e batizadas de apostilas-caderno, porque apresentam uma estrutura de divisões muito parecida a de um caderno universitário comum: araminhos, diversas matérias, etc.

Segundo os donos do sistema Anglo de Ensino esta mudança representou uma revolução cujo objetivo foi facilitar a vida do aluno, permitindo o acompanhamento das aulas ministradas ao mesmo tempo em que ele tem a

sua disposição um espaço reservado para as anotações e para a resolução dos exercícios. No geral, a concepção que norteou a elaboração das apostilas caderno foi a de oferecer mais comodidade aos alunos, retirando dele a necessidade de carregar muito material para a escola, o que facilita o acesso inclusive daqueles que trabalham e que se deslocam para o cursinho diretamente de seus empregos.

O conteúdo das apostilas-caderno se caracteriza por sua possível aplicação nas mais distantes unidades franqueadas. Este material varia em relação ao turno, ao tipo e a duração do curso no qual o aluno encontra-se matriculado.

Estas apostilas-caderno são o "carro-chefe" ao redor do qual depende todo o funcionamento e o sucesso do Sistema Anglo de Ensino: as relações travadas entre a matriz e suas unidades parceiras e franqueadas estão pautadas pela compra e venda do material didático, assim como a própria atividade de seus professores fundamenta-se na aplicação do material dentro dos prazos impostos pela programação embutida em cada volume das apostilas.

Apesar do claro predomínio e interferência do material didático no cotidiano escolar e na própria prática pedagógica, as publicações oficiais do Anglo insistem em expor e valorizar a idéia de que existe um método de ensino que valoriza a participação de estudantes e professores no processo de aprendizagem, que não se trata simplesmente de venda de apostilas. O texto abaixo, retirado de um folheto de divulgação do material e do Sistema Anglo, pode ser tomado como exemplo deste discurso:

*"Nós, do Sistema Anglo de Ensino, entendemos a educação básica como responsável pela formação de cidadãos dotados de juízo crítico e preparados para entender uma sociedade cada vez mais complexa e dela participar produtivamente. Com este espírito, autores experientes e de grande competência escreveram nosso material para o 1º grau, aplicando a metodologia de ensino que consagrou o Anglo Vestibulares, cujo sucesso se renova a cada ano"*[38]

Existe no texto a idéia de construção de um modelo de ensino que é voltado para a formação consciente do aluno desde o início de sua vida escolar através do uso do material didático de aplicação específica para os níveis fundamental e médio da educação básica.

A década de 80 é o período que marca a explosão do mercado de atuação do ensino franqueado e a expansão da empresa rumo as instâncias do ensino oficial. Aumenta o número de unidades franqueadas e da procura pelos novos cursos e serviços oferecidos pela marca Anglo. O Coordenador do Departamento de Franquias do Sistema Anglo de Ensino relata este crescimento:

*"Quando este crescimento efetivamente começou eu ainda não estava no Anglo. Eu entrei aqui em 1984 e creio que a expansão, primeiro para o interior de São Paulo, teve início em 1974. São José dos Campos foi a primeira unidade, ela pertencia ao próprio Anglo, foi uma espécie de escola piloto aberta para ver como as coisas iriam funcionar. Outras unidades pioneiras foram as de Rio Claro e Ribeirão Preto*[39]*. Quando eu*

[38] Sistema Anglo de Ensino (1997a).
[39] "Coincidentemente" também cidades que contam com universidades públicas.

*entrei no Anglo nós tínhamos apenas um número ao redor de 40 unidades e o material específico de cursinho. No início este processo de crescimento foi bem familiar, segundo me contaram os fundadores, vinha uma professora humilde falar que queria usar um material que já era reconhecidamente muito bom e por aí percebia-se que a venda deste material estava se tornando uma necessidade devido a procura por ele. (...) então me chamaram para coordenar a parte de concessão de franquias. Criaram o material de 2º grau, deu certo criaram o material de 1º grau. É um movimento de cima para baixo, hoje estamos terminando o lançamento das apostilas para as oito séries do nível básico"*[40]

Nesta fala aparece claramente qual o sentido que passa a direcionar o crescimento da empresa nos anos 80: a formulação, venda e aplicação do material didático específico para o ensino médio, então chamado de 2º grau, que é criado para atender uma procura crescente. O próprio Departamento de Franquias é montado para coordenar esta venda e também a aplicação do material. Desde este momento é o coordenador deste Departamento de Franquias quem decide ou não pelas novas concessões, quem abre ou fecha uma unidade e quem supervisiona e controla os resultados obtidos por todas as unidades franqueadas.

Após a criação e estruturação deste Departamento de Franquias, cuja ação detalharei na parte seguinte deste capítulo, e o lançamento do novo material didático, o Sistema Anglo de Ensino amplia seu alcance e aumenta o

[40] Entrevista realizada em 25/06/98

número de unidades franqueadas ou parceiras em mais de 600%: no início da década de 80 eram 40, hoje são cerca de 250[41].

Seguindo este movimento de expansão surge em 1981 a segunda unidade oficial do Anglo na cidade de São Paulo, uma filial localizada na rua Sergipe no bairro de Higienópolis, bem próximo a importante Rua da Consolação, em um prédio onde antes funcionava um outro cursinho, o SuperMed, que foi absorvido pelo Anglo.

Nos anos 90 a estratégia de crescimento do Sistema passa a visar também escolas que não fazem questão de usar a marca Anglo, apenas o material, são as escolas consideradas parceiras. Neste caso geralmente são vendedores do Sistema Anglo que procuram as escolas que se enquadram no perfil de possíveis compradores.

O Sistema se viu forçado a esta nova atitude principalmente por considerar que a fatia mais promissora do mercado de cursinhos, que são as cidades do interior do estado de São Paulo, teve seu limite de ocupação atingido. Praticamente todas as cidades do interior do estado contam hoje com uma ou mais unidades franqueadas de algum destes Sistemas de Ensino, o que os obriga a adoção de novas estratégias de crescimento para que o processo de expansão não se interrompa:

> *"Dentro do estado de São Paulo realmente eu considero que nós já chegamos onde poderíamos. Agora é possível continuar a crescer com o nosso material de 1º grau, sempre em uma cidade de 40.000 habitantes tem uma escolinha onde nós poderemos aplicá-lo. Quanto a novas*

[41] Como estes são dados privados não sabemos com exatidão qual é o número real de escolas que de alguma forma trabalham ligadas ao Sistema Anglo de Ensino, este número de 250 nos foi fornecido em entrevista pelo coordenador geral do Departamento de Franquias em 25/06/98.

*unidades de ensino médio e cursinho eu estou atacando o interior do Paraná, Santa Catarina. São os novos mercados para nós. Só que tem de ser uma escola boa pois a distância dificulta o trabalho. Nossa estratégia é, aos poucos, ir ampliando nosso raio de atuação a partir da cidade de São Paulo, onde nós estamos e onde o material é produzido"*[42]

Além desta nova estratégia rumo a outros estados e capitais, que inverte a lógica inicial do processo de crescimento da empresa, na qual o Sistema Anglo era procurado pelas escolas ou por pretensos mantenedores interessados em adquirir o material didático e abrir unidades franqueadas, pela ação de sair a procura de possíveis novos parceiros; a década de 90 marca também produção e a chegada ao mercado do material didático elaborado para a aplicação nas séries de 1ª a 8ª do ensino fundamental. Este material é lançado em 1996.

É importante notar que, devido as novas estratégias empresariais adotadas, o Sistema Anglo de Ensino manteve seu crescimento durante às décadas de 80 e 90, mesmo sendo este um período marcado pela queda da participação da iniciativa privada na educação média brasileira em geral: em 1980 46% dos alunos de ensino médio do país estudavam em escolas privadas, número que caiu para cerca de 20% em 1996[43].

Estudo de Cury (1991) demonstra que apesar desta queda percentual em relação a participação das escolas privadas nos números absolutos de alunos, o total de matrículas efetivadas nas duas redes de ensino foi sempre crescente desde 1935. Até o golpe de 1964 era o setor privado o responsável pela maioria das matrículas no ensino médio, a partir de então houve uma explosão

[42] Entrevista realizada em 25/06/98

do crescimento da rede pública e estes números se inverteram: já em 1970 as escolas públicas contavam com cerca de 2.500.0000 alunos e as escolas particulares com 1.500.0000 - número este que caiu para 1.200.000 em 1980, patamar em que permanece até os dias atuais[44].

Também a partir do início da década de 80 os estabelecimentos escolares privados se estabilizaram em torno de 4.000 unidades[45].

Para este trabalho estes são números importantes pois através deles pode ser demonstrado que não são mais as novas escolas abertas com o apoio didático e com a marca Anglo que fazem aumentar o número total de alunos atingidos pelo Sistema, mas sim escolas antigas e em funcionamento que se vêem forçadas a se unirem como parceiras ao Anglo por uma questão de sobrevivência no mercado.

Este tipo de expansão não é fácil de ser percebido e identificado, pois as escolas parceiras e as unidades franqueadas não são obrigadas a relatarem esta união aos órgãos oficiais de ensino, conforme foi exposto anteriormente.

No entanto dados estatísticos revelam que no estado e na região onde foi desenvolvido o estudo de caso presente no Capítulo 2 deste trabalho - o Sul de Minas - os números da rede particular de ensino são contrários ao movimento nacional de retração e depois de estabilização da participação da iniciativa privada na educação. Segundo as informações fornecidas por Mafra (1988) em 1972 estavam matriculados no ensino médio da rede particular de Minas

---

[43] Dados fornecidos pelo MEC e publicados pela Revista Veja Nº 1.508 de 13/08/97 p - 78

[44] Dados do Inep publicados pela Folha de São Paulo (c) revelam que o número de matrículas iniciais nas escolas particulares de ensino médio em 1997 no Brasil foi de 1.267.065. A mesma reportagem informa que o número total de alunos matriculados neste nível de escolaridade dobrou nos últimos 10 anos, passando de 3,2 milhões em 1987 para 6,4 milhões em 1997. Como o número de alunos das escolas particulares se manteve, conclui-se que este contingente de estudantes foi absorvido pela rede pública, onde o número de matrículas saltou de 2,2 milhões para 4,65 milhões durante o mesmo período - um crescimento de 150%.

[45] Os dados expostos nestes parágrafos foram fornecidos pelo MEC e publicados em Cury (1991).

Gerais 86.579 alunos (57,7% do total de matrículas); em 1982 este número havia se ampliado para 179.430 alunos (59,0% do total). As escolas particulares de ensino médio em Minas Gerais eram 556 em 1972 (63,9% do total dos estabelecimentos de ensino médio do estado) e 671 em 1984 (53,3% do total). Um quadro de crescimento que leva a autora a afirmar:

> *"Entre os anos de 1961-1981 ocorreu no Estado de Minas Gerais a mais acentuada expansão da rede particular de ensino e a conseqüente privatização do 2º grau. Esta expansão superou no mesmo período todos os índices de crescimento da rede particular dos demais estado brasileiros"*[46]

Especificamente em relação ao Sul de Minas Gerais, região em que se encontra a cidade de Jacutinga, este aumento no número de estabelecimentos escolares particulares se manteve no início dos anos 90[47]. Cidades que até então não contavam com este tipo de serviço ganham novas escola privadas que trabalham com o perfil de unidades franqueadas. É o contexto em que se encontra o Colégio Educação e Cultura/Anglo Jacutinga, tomado como exemplo para que possa este trabalho evidenciar a presença do Sistema Anglo de Ensino no interior do Brasil e a continuidade de sua expansão, mesmo no momento histórico em que em outras regiões do país a criação de novas escolas privadas se estabilizou.

Outro ponto que merece destaque é a preservação dos cursinhos mesmo diante de um quadro de retração e crise. Todos sabemos sobre a existência dos cursinhos, um grande número de pessoas utilizam seus serviços, mas

---

[46] Mafra (1988) p. 8.

dificilmente eles não são tomados como um problema passível de investigação. Não há fiscalização, seus professores não precisam ser regularmente habilitados, praticamente tudo é permitido. O único dado oficial obtido por esta pesquisa em relação aos pré-vestibulares foi obtido no site do IBGE na Internet: segundo as informações em 1996 existiam 135.000 alunos matriculados nos cursinhos, não há explicações sobre como se chegou a este número[48].

Mais uma prova de que este mercado mantém sua importância é o fato de no mês de março de 1997 uma nova unidade de cursinho de propriedade do Sistema Anglo ter sido aberta na Avenida João Dias, no populoso bairro de Santo Amaro na capital paulista. A terceira unidade do cursinho em São Paulo é também a maior entre as pertencentes ao Sistema, com salas capazes de receber até 150 alunos. Para este endereço são transferidas também a gráfica e a editora da empresa, que recebem um grande investimento para sua modernização.

Com a incorporação dos mais diferentes recursos gráficos e tecnológicos, e a preparação para o lançamento das já anunciadas apostilas coloridas, marcadas para invadirem o mercado em 1999, o Sistema Anglo de Ensino considera-se adaptado e preparado para os novos desafios da iniciativa privada na área da educação, guiando-se sempre pelos excelentes números de alunos aprovados, obtidos ano após ano[49]. Segundo a direção da empresa fecha-se o ciclo de criação de novos produtos e serviços.

---

[47] Ver neste trabalho Capítulo 2 p. 106

[48] http://www.ibge.gov.br

[49] Nos vestibulares de 1998 um aluno Anglo conseguiu o 1º lugar na classificação geral da Fuvest: Kleber Yotsumoto Fetrim, aluno da unidade franqueada de Campinas.

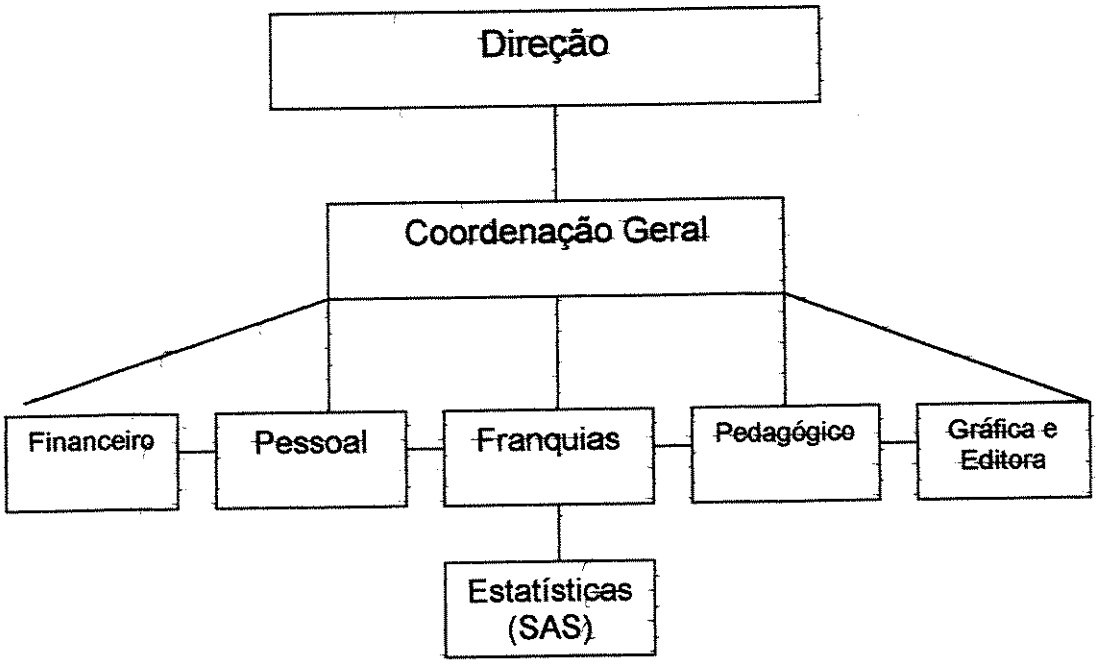
## 1.2 - Divisão Administrativa

Neste momento é importante novamente ressaltar a divisão do Sistema Anglo de Ensino em duas frentes de atuação: o Curso Anglo Vestibulares, freqüentados por alunos que geralmente já concluíram o ensino médio e que se preparam especificamente para os exames de seleção ao ensino superior; e o próprio Sistema Anglo de Ensino, que engloba a concessão de franquias e parcerias; a elaboração, impressão e aplicação do material didático vendido (apostilas, livros e demais publicações) e o acompanhamento dos resultados obtidos pelas unidades franqueadas, seus alunos e professores.

Nesta segunda parte do capítulo 1 tentarei expor como encontra-se organizado administrativamente o Sistema Anglo de Ensino para que melhor estejam esclarecidas como são travadas as relações entre este sistema e as escolas que trabalham com o material e com a marca Anglo, seus professores e seus alunos.

A estrutura administrativa encontra-se configurada conforme o organograma básico que encontra-se montado na página seguinte[50].

[50] Este organograma foi elaborado por mim com base nas informações coletadas durante o período de pesquisas desta dissertação, a partir de várias fontes.




A direção da empresa permanece sob o controle das duas famílias fundadoras: Gabriades e Faiguenboin; sendo que um dos dois diretores é o próprio professor Emílio Gabriades, parceiro do professor Simão Faiguenboin no projeto de expansão do Curso Anglo iniciado em 1950. O outro atual diretor é Guilherme Faiguenboin, filho do professor Simão.

Abaixo destes na hierarquia administrativa do Sistema Anglo de Ensino encontra-se o principal executivo do grupo e responsável pela Coordenadoria Geral: Professor Nicolau Marmo. Sob sua gerência está o funcionamento dos cinco departamentos que compõem a estrutura administrativa do Sistema: Departamento Financeiro, Departamento Pessoal, Departamento Pedagógico, Gráfica e Editora Anglo Ltda. e o Departamento de Franquias, ao qual encontra-se ligado o igualmente importante Sistema de Análises Estatísticas (SAS).

Em relação a administração da empresa meu interesse recai particularmente sobre o Departamento de Franquias que regula e supervisiona o desempenho das unidades franqueadas e das escolas parceiras. É este departamento que controla a expansão do Sistema Anglo, implementando suas estratégias de crescimento e efetivando os canais para a venda do material didático.

O contato estabelecido entre o Sistema Anglo e suas unidades franqueadas, bem como o acompanhamento do desempenho destas e dos resultados obtidos por seus alunos nos simulados, encontra-se centralizado neste Departamento de Franquias e em seu anexo, o SAS. Através da entrevista realizada com o Coordenador deste Departamento puderam ser evidenciadas quais os critérios utilizados para a concessão de novas franquias e parcerias e também como se constituem legalmente e no dia a dia as relações entre a empresa franqueadora e seus franqueados.

Segundo o Coordenador de Franquias o processo de concessão que permite a algumas escolas o uso da marca Anglo em suas fachadas e uniformes e formaliza as regras comerciais para a compra e venda do material didático começa com um "namoro" entre as partes interessadas em estabelecer uma espécie de convênio, pautado por um contrato que é renovado anualmente de maneira automática, se o interesse pelo uso do material Anglo persistir.

O contrato, reconhecido em juízo, é único e estabelece as condições para a concessão ou para o simples comércio do material. Em linhas gerais tais condições estão ligadas ao fornecimento do material que será adotado nas escolas mediante um pagamento prévio de cada apostila, vendida de acordo

com um pedido mensal feito segundo o número de alunos matriculados em cada série. A compra e o fornecimento do material não podem ser interrompidas no decorrer do ano letivo. O preço deste material é o mesmo para todo o Brasil, pois as despesas com o transporte ficam a cargo da escola compradora. Não são permitidas qualquer tipo de reprodução do material ou a freqüência em sala de aula de alunos que não contam com as apostilas.

Mas, como foi anteriormente explicado, existem diferenças entre as escolas que se utilizam deste material. São chamadas **escolas parceiras** aquelas que adotam o material didático produzido e registrado pelo Sistema Anglo sem assumir a identidade do leãozinho, marca registrada da empresa. É o caso de várias escolas situadas na capital e na grande São Paulo, onde a atuação do Anglo encontra-se restrita aos cursinhos de propriedade do Sistema[51]. Estas escolas apenas compram e aplicam o material didático elaborado para o ensino médio e fundamental, elas não podem usar o material para o cursinho - forma encontrada pela empresa para proteger sua participação neste mercado na capital do estado - e não usam a marca e o logotipo do Sistema Anglo de Ensino, preservando suas características originais e independência.

As **unidades franqueadas** são as escolas que além da simples compra do material didático integram ao seu cotidiano as normas gerais impostas pelo Sistema em relação ao uso deste material e se submetem a freqüentes avaliações através dos exames simulados, cuja correção e análise dos resultados são centralizadas pela matriz. Há uma adaptação destas escolas a

[51] Esta opção do Sistema Anglo em não atuar diretamente nas instâncias oficiais de ensino evidencia uma situação de descompromisso: o Sistema Anglo se isenta de qualquer responsabilidade oficial diante dos alunos que se utilizam de suas apostilas e evita qualquer envolvimento com a burocracia estatal, preservando suas características de empresa privada. Diante das Secretarias Estaduais de Educação

padronização física e administrativa que é "sugerida" pelo Anglo para um melhor desempenho na luta pela conquista de novas matrículas. Esta padronização envolve desde a cor das paredes até o atendimento ao público, passando pelo comportamento dos professores e de suas ações didáticas e pedagógicas. Para efetivar esta situação na tentativa de dotar toda a rede de escolas que compõem o Sistema Anglo de Ensino de padrões de conduta e de unidade em seu funcionamento, são promovidas reuniões com o corpo docente e com os diretores e funcionários antes da abertura das unidades ou da implementação do material. Nestas reuniões são passadas as regras que todos devem seguir para a obtenção de bons resultados e as dicas para um melhor uso do material.

Apesar deste apoio pedagógico, que na visão de seus coordenadores representa a formulação e aplicação de um método de ensino, independente da nomenclatura utilizada o que acaba realmente acontecendo é a venda no atacado de um material e de uma marca às escolas que se dispõem a trabalhar com o Sistema Anglo de Ensino por razões mercadológicas e financeiras. O material é considerado um facilitador pelas escolas na medida em que parece ser mais fácil comprar tudo pronto, inclusive o apoio oferecido, do que elaborar um plano de atuação pedagógica.

As relações entre unidades franqueadas e a matriz são eminentemente mercantis e se baseiam no uso de uma marca com forte apelo de marketing. Isto nos parece claro quando analisamos a fala do Coordenador de Franquias do Sistema; no trecho abaixo estão evidenciadas como são construídas as relações entre matriz e as unidades e como efetivamente se estabelecem as

---

seus alunos deixam de ser alunos do Sistema Anglo e voltam a sua condição normal vinculados as escolas em que encontram-se matriculados.

diferenciações entre uma unidade franqueada e uma escola parceira, trata-se da síntese do que até este momento foi exposto sobre o tema:

*"Nós temos uma parceria em Araraquara (SP) o Colégio Progresso. Não é uma franquia, não faz questão de usar a marca, usa somente o material. (...) Nós temos geralmente apenas uma unidade por cidade, difícil a cidade que tem mais de uma, então na verdade tanto faz falarmos que é franquia, falarmos que é convênio, como não falarmos nada: todo mundo vai por que é o Anglo. A marca é que tem aceitação e dá suporte às escolas.(...) já o material é a base com a qual o professor conta para fazer o aprofundamento do conteúdo. Se eu expor o material para um professor examiná-lo e não falar nada, ele vai achar que o material é muito fraco. Por isso que o que o Anglo tem é um método de ensino, não é simplesmente venda de apostilas. Em todo colégio que vai trabalhar com o nosso material nós fazemos algumas reuniões com a direção, coordenação, professores e até mesmo com os funcionários que de uma forma ou de outra trabalham no setor pedagógico, ensinamos a eles como funciona uma sala de matrículas. São reuniões para explicar como trabalhar com o material. Se você é um pai de um aluno quer tomar informações sobre a escola e o atendente tem de saber explicar muito mais do que simplesmente dizer que a escola usa o material do Anglo. Ele tem de mostrar as apostilas, tem de conhecer um pouco da história do Anglo. (...) Ensinar o professor a utilizar a apostila, ensinar a escola a se modernizar. É preciso fazer esta adaptação, veja por exemplo o caso de uma escola religiosa que mantém um tipo de ensino totalmente defasado, é preciso que nós façamos nela uma série de mudanças que vão desde a capacitação dos funcionários para o atendimento até a criação do hábito*

*de se dispor a dar informações sobre o material e nosso sistema de ensino (...) Quanto as concessões, tudo começa como num namoro, a gente bate papo, tira informações, verifica o CGC. Ela pode se constituir de várias formas, hoje nós contamos até mesmo com vendedores que saem as ruas procurando possíveis parcerias (...) nenhuma porta está fechada, podemos tanto pegar uma escola que ainda não utiliza nenhum tipo de material, quanto uma escola disposta a mudar de material: é só olharmos para o mapa e procurarmos aquela cidade que não conta com nenhuma unidade do nosso sistema*"[52]

Vários pontos são tocados: a valorização da marca enquanto uma grife ligada a educação, que acaba equalizando em um mesmo patamar unidades franqueadas e escolas parceiras; a defesa de um suposto método de ensino que encontra-se acima da pura e simples venda do material didático; o objetivo das reuniões pedagógicas em enquadrar escolas, professores e funcionários a um padrão 'moderno' e as novas estratégias de crescimento do Sistema Anglo que, contrariando a tradicional formação de uma rede franqueada na qual sempre são os interessados em trabalhar com um determinado produto que vão em busca da licença que os permite explorar os serviços da empresa franqueadora, hoje sai as ruas em busca de possíveis novos parceiros.

Torna-se clara para esta análise que a estratégia de crescimento do Sistema anglo é agressiva e se impõe para dar continuidade ao processo de expansão rumo a novos mercados e a outros níveis de escolaridade, alcançados através da venda dos mais recentes lançamentos didáticos.

---

[52] Entrevista realizada em 25/06/98

Mas não há efetivamente a obrigatoriedade de uma unidade franqueada adotar o material produzido pelo Sistema Anglo de ensino para todas as suas séries da educação básica. Por enquanto elas podem escolher em que séries usar o material didático produzido pelo Anglo.

O Sistema Anglo de Ensino oferece todas as suas diversas apostilas-caderno às escolas de sua rede de franquias, mas estas são livres para optar ou não pela adoção. Algumas unidades usam o material Anglo somente no cursinho, outras apenas no ensino médio, mas a longo prazo a tendência é de que o Sistema "force" o uso de todo o conjunto do material para que haja uma conexão progressiva, uma continuidade no método de aprendizagem, da linguagem e do conteúdo curricular, entre os diferentes níveis de ensino nos quais as unidades franqueadas atuam.

Questionado sobre uma possível imposição para que as unidades franqueadas adotem toda a linha de material didático produzida pelo Anglo o Coordenador de Franquias foi bem claro ao afirmar que:

> *"Vai continuar sendo possível uma escola que não quiser comprar todo o nosso material continuar a usar o nome Anglo, mas no momento em que eu conseguir uma outra escola na mesma cidade que aceite trabalhar com o nosso material desde o ensino fundamental, ela passará a ter a preferência. Tudo é uma questão de grana, a verdade é esta. Além disso os professores que escrevem o material são grandes autores nacionais e nós só conseguimos mantê-los aqui pagando direitos autorais razoáveis, isto faz parte da concorrência, por isso nosso material realmente custa um pouco mais caro. Hoje o mercado é muito exigente e a escola tem de*

*aprender a capturar um possível cliente, a concorrência é brava e isto força a criação de novos serviços. A idéia é sempre estar à frente dos outros*"[53]

Caem por terra então todos os argumentos usados em defesa da idéia de que não se trata apenas de um comércio de apostilas. O dinheiro é o combustível que alimenta todo o funcionamento do Sistema, quem comprar o maior número de apostilas fica com a preferência, a questão da qualidade/competência é levantada para justificar os preços cobrados pelo material. É sabido que as relações entre as partes estão pautadas pela compra e pagamento em dia do material didático e pela preocupação com a concorrência. O contrato é feito nestes termos. Vejamos a seguir algumas das regras que direcionam os pedidos e o envio do material, no caso estas observações se referem aos cadernos para a aplicação no 1º e 2º anos do ensino médio:

- *Os pedidos devem ser efetuados duas semanas antes da data de início de utilização do material de acordo com o calendário adotado.*
- *Qualquer pedido, dentro do prazo estabelecido pelo calendário ou fora dele, será despachado no prazo limite de 5 dias úteis.*
- *Não é possível o fornecimento do material antes das datas fixadas.*
- *O faturamento mensal será determinado conforme o pedido do material.*
- *Havendo débito anterior não será enviado o pedido seguinte.*
- *A Gráfica e Editora Anglo LTDA não se responsabiliza pelo transporte e eventuais extravios do material. Os custos deste transporte são de responsabilidade do colégio que o utiliza.*
- *O não envio do pedido mensal levará a adoção do número de pedido do mês anterior.*
- *Durante o ano letivo não poderá haver interrupção do pedido e do fornecimento do material.*

---

[53] Entrevista realizada em 25/06/98

- *Não será aceita a devolução do material pedido em excesso*
- *O pedido de material extra pode ser feito em qualquer época desde que a Gráfica e Editora Anglo LTDA tenha o mesmo em estoque*[54]

A transcrição destas regras que pautam as relações comerciais entre o Sistema Anglo e suas unidades franqueadas foi feita para que fique claro o papel central ocupado pelo material didático no interior deste quadro, embora problemas envolvendo questões financeiras, como inadimplência e atrasos nos pagamentos se encontrem sob a tutela do Departamento Financeiro.

Nas reuniões promovidas pela matriz com as unidades franqueadas são também as questões financeiras o principal ponto de discussão, contrariando o discurso de que estas tem o objetivo de melhorar o desempenho na aplicação das apostilas.

São reuniões setoriais onde as unidades franqueadas de uma mesma região se encontram para definir como será feito, por exemplo, o rateio da propaganda institucional. Nestas reuniões, não muito freqüentes, na maioria das vezes encontram-se presentes um representante dos mantenedores e o diretor ou diretora da escola. A diretora de uma destas unidades do Sistema faz um relato sobre estas reuniões:

> *"As reuniões entre nós, diretores do Anglo, são feitas para se discutir resultados e procedimentos administrativos. Ocorrem geralmente apenas uma vez por ano e o que se discute geralmente gira em torno do pagamento do material, e demais questões financeiras. Eles querem saber como os professores são pagos, nos questionam sobre o valor das*

[54] Sistema Anglo de Ensino (1998) - Material Colhido junto as unidades franqueadas

*mensalidades, mas não reclamam dos nossos valores (que são baixos) porque nós pagamos adiantado a fatura de todas as apostilas."*[55]

Fica constatado que não existe nenhum acompanhamento do Anglo em relação a questões que o sistema julga serem de responsabilidade de cada unidade, tais como problemas legislativos, burocráticos, extracurriculares ou mesmo didáticos - como, por exemplo fazer a complementação do material com informações sobre a região que por ventura especificamente façam parte do conteúdo pedido por um determinado vestibular com características mais regionais.

O que realmente importam são questões financeiras, como chamou a atenção a diretora e também alguns mantenedores durante entrevistas que foram realizadas.

Não há a interferência direta do Sistema Anglo sobre os preços das mensalidades praticadas pelas unidades e nem sobre os salários pagos aos professores. A composição dos custos varia de região para região e até de uma cidade para outra. Neste ponto existe a liberação para que as unidades franqueadas adotem uma política financeira própria. Esta é uma questão particular, decidida dentro dos limites de cada escola de acordo com suas prioridades, embora o Sistema Anglo tenha consciência de quais são os valores cobrados e pagos.

Mas existem outros mecanismos severos de controle e interferência que não estão ligados diretamente a questões econômicas.

---

[55] Entrevista realizada em 30/03/98

Estes mecanismos estão baseados em exercícios vestibulares simulados, inventados ainda nos anos 50, constantemente aplicados em todas as séries do ensino médio e do cursinho nas unidades franqueadas[56].

Além de verificar as chances reais de seus alunos nos vestibulares *"que realmente importam"*[57], estes simulados tem a função de acompanhar o desenvolvimento e o aproveitamento dos mesmos durante todo o ano letivo.

Através destes exames simulados é possível ao Sistema Anglo de Ensino acompanhar também o desempenho de cada uma das unidades franqueadas e fazer comparações para que seus índices de aprovação e de rendimento sejam conhecidos pela matriz. Os exercícios simulados na verdade são um bem montado sistema de controle e vigilância que atua acima de todos: alunos, escolas e professores.

Os exercícios geralmente seguem o modelo das duas fases do vestibular da FUVEST. No total são realizados 16 simulados anuais para o cursinho e 3º ano, e 8 para as demais séries.

Os simulados, que para alguns professores são tomados como componentes para a nota final bimestral dos alunos, são unificados, ou seja, são iguais em todas as escolas e aplicados na mesma data que é determinada em São Paulo para evitar o vazamento do gabarito. A correção é centralizada e feita pelos computadores do SAS. É através dos resultados obtidos, e não totalmente divulgados, que torna-se possível ao Sistema Anglo de Ensino

---

[56] Anualmente são promovidos também simulados nacionais abertos à participação de todos os interessados. As inscrições são livres e gratuitas. Neste ano de 1998 um destes simulados foi realizado no dia 31/05. Segundo os organizadores este simulado foi uma "prévia" da 1ª fase do exame vestibular da UNICAMP. Além da estrutura idêntica à da prova oficial o simulado teve manual de inscrições e lista com os resultados. Em Campinas a prova aconteceu no campus 1 da PUC-Campinas, local onde também acontecem as provas oficiais da UNICAMP.

[57] Para o Coordenador de Franquias do Sistema estes vestibulares "que realmente importam" seriam os exames promovidos pelas três universidades estaduais paulistas: FUVEST, UNICAMP e VUNESP, cujas listas com os resultados são automaticamente sobrepostas às listas contidas nos computadores que

construir todo um panorama sobre o funcionamento de cada unidade, sobre o desempenho de cada aluno e sobre o trabalho de cada professor. O Coordenador do Departamento de Franquias explica o funcionamento deste sistema de simulados e correções:

> *"Nós temos um sistema de provas cuja correção é feita aqui em São Paulo. Este acompanhamento dos resultados e do aproveitamento de cada classe, de cada aluno em cada matéria serve para nós identificarmos quando há algum problema com uma determinada disciplina, com a forma pela qual o material está sendo aplicado. Estes resultados comparativos são enviados as unidades, além disso eu tiro outros extratos utilizados por nós internamente. Por exemplo, se eu vou fazer uma visita a um colégio, antes de chegar lá eu faço um levantamento de todos os dados disponíveis, posso tanto elogiar quanto criticar. Eu entro em uma escola e já sabendo o que está bom e o que está ruim. Nós queremos ter um bom número de alunos, mas o importante é a qualidade, quando se tem a qualidade a escola cresce e vem a quantidade"*[58]

É exatamente a questão da qualidade, que nos termos do Anglo significa resultados vencedores nos exames classificatórios para as universidades públicas, que novamente é levantada para justificar todo o aparato estatístico montado para identificar de antemão quais são os alunos com chances reais de aprovação ou quais os problemas e méritos de cada unidade franqueada.

Para um leigo é um pouco complicado entender as tabelas e gráficos produzidas pelo SAS, existem vários modelos e várias modalidades de análise

---

guardam os nomes de todos os alunos Anglo para que as possíveis aprovações sejam rapidamente identificadas e utilizadas como trunfo na guerra de propaganda e marketing promovida pelos cursinhos.

com diversas finalidades que, em linhas gerais, buscam o controle da prática do ensino e dos resultados obtidos pelas unidades pelo Sistema Anglo.

Outro objetivo é o treinamento antecipado e constante dos alunos visando os exames vestibulares. Algumas tabelas de avaliação do desempenho individual chegam as mãos dos alunos, outras ficam com a direção de cada unidade franqueada, outras ainda são mantidas em sigilo pela matriz, sendo analisadas apenas internamente pelo Sistema.

Em relação as tabelas que avaliam o desempenho das unidades acontece a mesma coisa: existem aquelas que são divulgadas e outras sigilosas. Geralmente nas tabelas divulgadas não é possível de serem identificados os resultados dos outros avaliados[59].

Por exemplo: fosse eu um aluno conseguiria visualizar apenas o meu desempenho em cada disciplina e em cada questão e compara-lo ao de minha turma e ao resultado geral, mas não seria possível identificar nominalmente quem foram meus colegas melhores ou piores colocados[60].

As tabelas que identificam nominalmente todas as unidades franqueadas e seus alunos, são consideradas privadas e sigilosas, permanecendo em poder do Sistema Anglo de Ensino que não as divulga em hipótese alguma.

Quanto ao mecanismo de funcionamento destas analises, há a sobreposição das folhas dos simulados nos computadores que então produzem as tabelas e gráficos com os dados já comparados sobre o desempenho de cada aluno e de cada unidade.

O dado mais interessante produzido é a identificação do rendimento dos 20% melhores alunos classificados em cada sala. Estes alunos tem seus

---

[58] Entrevista realizada em 25/06/98
[59] Ver Tabela 1 em Anexos B

resultados separados do demais e tomados como o fio condutor sob o qual todo o desempenho da turma estará balizado. Em cada questão os resultados obtidos por estes 20% melhores alunos ganham destaque.

Ainda sobre este mecanismo de avaliação e controle exercido pela matriz do Sistema sobre o aluno, existe para cada um dos matriculados um número de cadastro, um código que indica qual a unidade franqueada a que o aluno pertence, o material que este utiliza, sua série e turma.

Através deste código é que os resultados obtidos pelos alunos são avaliados questão por questão, num esquadrinhamento dos resultados exageradamente cartesiano. Há também uma outra tabela comparando estes mesmos resultados com a média geral de todos os alunos Anglo que foram submetidos a mesma prova simulada. Esta tabela é uma espécie de boletim eletrônico pela qual os 20% com melhor aproveitamento são identificados e considerados como sendo os prováveis aprovados nos exames vestibulares mais disputados[61].

> *"Eu sei de cada aluno de cada sala que passou em uma das faculdades principais. Eu tenho um disquete com a relação de todos os alunos do Anglo aprovados pela Fuvest. Quando sai a lista com os nomes dos aprovados é só jogar no computador que ele relaciona quais são os nossos, pois cada aluno tem seu número de cadastro. Me arrisco a dizer que eu sei até antes quais serão os aprovados, pois geralmente eles estão entre aqueles 20% com melhor aproveitamento nos simulados (...) A*

[60] Ver Tabela 2 em Anexos C
[61] Ver Tabela 3 em Anexos D

*realidade simples é a seguinte: quando o aluno estuda ele passa no vestibular; os macetes a gente sabe dar."*[62]

Esta afirmação de que se sabe antecipadamente quais são os alunos que serão aprovados nos vestibulares mais concorridos a primeira vista pode até parecer escandalosa, mas este é um fato comum que é de conhecimento de todos, no entanto o que para os professores é apenas uma sensação para os executivos do sistema é uma certeza obtida por números, que por sua vez, seriam o resultados dos estudos e das relações do aluno com o material didático.

Cabe a nós educadores refletirmos sobre esta situação, que poderia ser classificada como perversa por que é reveladora de que as chances de aprovação nos exames vestibulares não são iguais para todos os concorrentes. Muitas faculdades, por exemplo, tentam e conseguem definir o perfil econômico ou intelectual de seus futuros alunos. Além disso para que servem os concursos de bolsas de estudos muito comuns e que são realizados em todos os cursinhos?

Apenas para que estes cursinhos possam contar em suas cadeiras com os alunos que conseguem os melhores desempenhos nos exames e que provavelmente terão êxito nos vestibulares e serão usados como propaganda. Este círculo viciado e cruel não nos deixa dúvidas de que este conhecimento prévio sobre quem são os alunos que garantirão suas vagas nas universidades mais disputadas ao final do ano não é exclusivo ao Sistema Anglo de Ensino.

A Tabela 3[63] também revela os resultados de cada sala em cada questão de cada disciplina presente nos simulados. Assim quando o desempenho geral

---

[62] Entrevista realizada em 25/06/98

da classe for melhor que os resultados obtidos pelos 20% melhores alunos pode estar sendo descoberta uma fraude, uma cola ou ainda uma questão mal formulada.

> *"Eu conheço as escolas. Olhando as estatísticas dá para perceber quando há uma alteração preocupante nas médias obtidas. As escolas geralmente mantém suas posições quando os resultados dos simulados são comparados. Aí eu pego o boletim dos alunos, onde há a correção questão por questão, se em uma delas os melhores alunos ficaram abaixo da média da sala é que houve algum tipo de vazamento, cola. Com a prática eu consigo analisar e retirar várias informações. Não dá para nos enganar durante muito tempo. São vários cruzamentos de dados possíveis*[64]"

Esta fala demonstra claramente qual o grau de controle do Sistema Anglo de Ensino sobre o desempenho de suas unidades franqueadas e de seus alunos. Mas o mais importante é a revelação de que a função do SAS é também fiscalizadora; através deste sistema de análise dos simulados é possível ao Anglo identificar fraudes, desvios e quais disciplinas apresentam resultados abaixo da expectativa e da média, sendo que os professores por ela responsáveis são cobrados pelo fraco rendimento. É este o caminho que permite ao Sistema Anglo acompanhar o trabalho dos docentes e identificar de quem (leia-se de qual professor) é a responsabilidade quando quando há alguma alteração incisiva nos resultados dos simulados.

---

[63] Ver Anexos D
[64] Entrevista realizada em 25/06/96

Alguns resultados globais obtidos pelas escolas também são divulgados para tornar possível a elas acompanhar e comparar seu próprio desempenho em relação as outras unidades do Sistema Anglo de Ensino. No entanto, como foi explicado, na tabela que é recebida pelos diretores e mantenedores das unidades franqueadas só é possível identificar a posição obtida pela própria unidade. É uma questão de ética. Meu acesso a estes resultados foi restrito; mas como não há a uma descrição ou a possibilidade de serem identificadas quais são as unidades e suas respectivas classificações, permito-me revelar que o Colégio Educação e Cultura/Anglo Jacutinga tomado como exemplo para o estudo de caso presente neste trabalho encontrava-se, na avaliação realizada no 1º bimestre letivo do ano de 1997, em 3º lugar no quadro geral. Posição garantida também pelo pequeno número de alunos que a escola tem matriculados, o que faz com que a média da turma seja elevada[65].

Outra função específica desta tabela que registra os resultados e o desempenho comparativo de cada unidade é a avaliação dos resultados das unidades franqueadas distantes de São Paulo. O material didático é formulado no sentido de eliminar esta distância e permitir a expansão do Sistema Anglo de Ensino em praticamente todo o território nacional, particularidades regionais são desconsideradas, mas evidentemente o conteúdo curricular exigido pelos exames vestibulares com os maiores números de concorrentes são privilegiados. Embora o material seja considerado um facilitador de todo o processo de ensino aprendizagem por mantenedores, professores e alunos, sua aplicação em regiões mais distantes do estado de São Paulo é dificultada principalmente pela escassez de professores aptos para este tipo de trabalho[66].

---

[65] Ver Tabela 1 em Anexos B

[66] Que pelo menos nos cursinhos não necessita de habilitação para ser realizado.

Neste quadro tornam-se ainda mais importantes os simulados, pois eles são o único canal de contato direto entre a matriz e as unidades, embora nenhuma delas tenha sido cortada do sistema por problemas de desempenho.

Após todas estas colocações podemos concluir que o conjunto de tabelas, estatísticas e gráficos montado pelo Sistema Anglo de Ensino é construído de forma extremamente racional, visando possibilitar, além do controle, uma melhor organização do próprio Sistema, pois através dos simulados e da análise de seus resultados é possível ao Anglo identificar e focalizar eventuais problemas e também todos os pontos positivos relativos ao desempenho de cada uma das unidades franqueadas. O uso de todo este aparato tecnológico casa-se perfeitamente com o discurso de modernização, administração e atuação dinâmica das empresas que atuam na área de educação buscando a otimização e a variação de seus serviços e o aumento de seus lucros em um mercado bastante competitivo. E este, sem dúvida, é o caso do Sistema Anglo de Ensino.

De várias formas foi possível perceber que o centro de todas as relações financeiras e pedagógicas estabelecidas entre o Sistema Anglo de Ensino e suas unidades franqueadas é material didático. Na última etapa deste capítulo serão descritos quais são os diferentes tipos de apostilas, os diversos cursos oferecidos e seus preços, o número de aulas previstas pelo calendário e as matérias que compõem a grade curricular.

## 1.3 Cursos e Material Didático

O pioneirismo do Curso Anglo Vestibulares num mercado aberto na década de 30 e que cresceu no hiato existente entre o ensino médio e o superior, na medida em que a procura pelo ensino universitário e as disputas pelas vagas foram se acirrando no Brasil, tem seu expoente na criação e aplicação de uma proposta de estudos rígida, que organiza os diferentes conteúdos curriculares em um esquema de ensino e aprendizagem baseado em aulas apostiladas. São estas aulas o principal instrumento didático do material que é elaborado e escrito por professores de destaque do Sistema Anglo de Ensino.

A principal característica desta orientação pedagógica é a distribuição do programa "mínimo' exigido pelos principais vestibulares em apostilas chamadas de apostilas-caderno. Nelas o conteúdo curricular das disciplinas encontra-se dividido e organizado em um número determinado de aulas que coincidem com a programação mensal prevista que impõe às unidades franqueadas o número necessário de aulas de cada disciplina em cada série para que a aplicação do material seja correta e não atrase.

O esquema das aulas presentes nas apostilas-caderno contém uma parte teórica, geralmente textos básicos explicativos, espaço para anotações dos alunos, uma série de exercícios e um conjunto de tarefas mínimas e complementares.

É este material que comanda as atividades dos alunos, que direciona o trabalho dos professores e que estabelece os vínculos pedagógicos e financeiros entre a matriz do Sistema Anglo de Ensino e as unidades

franqueadas. Sua concepção é baseada na idéia de criar em seus usuários um hábito freqüente e organizado de estudos através do acompanhamento das aulas na escola e da resolução de tarefas diárias que podem ser tanto uma série de problemas matemáticos, quanto a interpretação de um texto da literatura ou uma leitura teórica de história. Seu utilização, portanto, se dá em duas etapas: uma dentro das salas, a outra em casa, onde as aulas ganham uma extensão.

É em torno da aplicação do material didático e principalmente das apostilas que o ambiente escolar deve funcionar com exatidão e racionalidade; assim, a análise dos diferentes tipos do material e de sua presença marcante no funcionamento cotidiano de uma unidade escolar merece uma atenção especial.

Com objetivo de organizar os estudos de forma prática e seqüencial as apostilas foram criadas na década de 40, passando por grandes modificações em sua concepção nos anos 70, sendo então rebatizadas de apostilas-caderno.

Em termos metodológicos a concepção das apostilas-caderno visa dar comodidade ao aluno, unindo todas as disciplinas obrigatórias em um só caderno que é mensal, além disso a idéia é estabelecer um maior vínculo entre as diferentes disciplinas do currículo, que podem ser facilmente acessadas pelo aluno, pois estão integradas em um mesmo material didático.

As apostilas-caderno e todo o conjunto deste material didático variam segundo o nível de ensino em que são aplicados: ensino fundamental, ensino médio e cursinho.

O material didático de aplicação nos níveis regulares da escolaridade básica, composto pelas oito séries dos dois ciclos do ensino fundamental e pelas três séries do ensino médio, são únicos, o que quer dizer que este material não sofre alterações de forma, conteúdo e programação. Já o material didático previsto para ser utilizado nos cursinhos muda de acordo com a área do conhecimento que o aluno tem preferencia em concentrar seus estudos: Exatas, Humanas ou Biológicas.

Os cursos preparatórios para os exames vestibulares, os famosos cursinhos, montados de forma livre sem qualquer interferência oficial, estão planejados com diferentes durações ao longo do ano, geralmente em 10 meses, 8 meses, 6 meses, 4 meses e 2 meses.

E em 4 turnos: manhã, tarde, vespertino e noite.

Isto que dizer que existem vários conjuntos diferentes de material, um para cada tipo de curso oferecido pelo Sistema Anglo de Ensino. Por exemplo: há o material de biológicas que é usado no curso extensivo no período da manhã e há o material de biológicas usado no período da tarde.

Claro que este material em muito se repete, mas são múltiplas as possibilidades de variação que se relacionam aos diferentes graus de dificuldade dos cursos, a área de concentração do conteúdo, ao tempo previsto para a abordagem de um determinado assunto, a quantidade de textos, exercícios e números de aulas programadas.

Todos as modalidades de cursos oferecidos são montados para atender a uma procura específica, adaptados inclusive à possibilidades financeiras, profissionais, de transporte e de tempo disponível.

Além disso todo este material sofre alterações constantes, sendo modificado a cada ano. Trata-se de uma característica inerente a este tipo de ensino fundamentado em relações comerciais: as apostilas-caderno tem de ser descartáveis ao final do ano para evitar sua reutilização. O aproveitamento do material didático no ano seguinte ao da sua validade é impossível e sua reprodução é proibida por contrato. Sempre para que sua compra e venda continuem. Até prováveis alunos repetentes são obrigados a adquirir todo o material no ano seguinte.

Esta construção ano a ano do material didático, que as vezes passa por mínimas alterações, evidencia a dinâmica da própria empresa e suas possibilidade de adaptação, atendendo as mudanças que sempre acontecem nas regras e no conteúdo das provas dos vestibulares; mudanças estas que favorecem a estes sistemas de ensino privados que conseguem responder às novas exigências mais rapidamente do que as escolas públicas e assim preparar com melhor eficiência seus alunos para os exames seletivos de acesso ao ensino superior.

A característica descartável do material e a velocidade de adaptação da empresa frente a possíveis transformações também foram destacadas pelo Coordenador do Departamento de Franquias do Sistema Anglo de Ensino:

> *"O material faz a diferença. Todo ano ele muda, nós não guardamos o material de um ano para o outro. Se a gente errar a tiragem e publicar apostilas a mais temos de jogar tudo fora. E se o vestibular mudar muito nós temos condições de transformar totalmente o material de um ano para*

*o outro. E se o vestibular acabar nós iremos continuar com as franquias. Nós somos uma escola moderna, apesar dos 60 anos."*[67]

Modernidade neste caso significa capacidade de reação da empresa diante de mudanças pontuais (o conteúdo dos exames) e estruturais (o fim dos vestibulares), esta é, junto com qualidade e planejamento, uma palavra de destaque no vocabulário do Sistema Anglo de Ensino para arrostar os novos desafios e também a concorrência.

No entanto para efetivamente implementar estas mudanças constantes do material é necessário ao sistema ajustar seus aplicadores às modificações. Estes aplicadores são os professores que trabalham nas unidades franqueadas. Anualmente são feitas reuniões de apresentação do material aos professores de cada disciplina. É uma espécie de treinamento muito comum em qualquer empresa que trabalha com concessão de franquias. Neste adestramento são colhidas as impressões dos professores que trabalham com as apostilas dentro das salas de aula, suas dúvidas, quais exercícios são considerados mal formulados, etc.... Devido as dificuldades em reunir um corpo docente fragmentado e bastante diversificado, estas reuniões são programadas para sábados e acontecem geralmente no novo prédio do Curso Anglo Vestibulares na Avenida João Dias em São Paulo. Nelas são discutidos problemas relativos ao uso do material, mas uma impressão muito comum entre os professores é de que não há um diálogo recíproco, ou seja, muito pouco do que é aberto à discussão é levado em conta pelos escritores do material, o que fica mesmo são sinais de que tais reuniões são uma espécie de treinamento que faz parte do "apoio pedagógico" oferecido pelo Sistema Anglo

[67] Entrevista realizada em 25/06/98

de Ensino às unidades franqueadas. São reuniões setoriais realizadas para discutir a condução do material, não sua formulação. São explicações técnicas sobre a programação e como trabalhar melhor com as apostilas.

Outra forma de contato são as próprias apostilas, nelas existe um espaço reservado para críticas e sugestões que devem ser enviadas pelos professores das unidades aos autores do material que trabalham na matriz do Sistema Anglo. No entanto poucos professores se utilizam deste recurso pelos mesmos fatores acima relacionados: consideram que seus comentários não tem repercussão.

O material didático, é construído em grande parte pelos professores que chegaram nos postos mais altos da carreira docente dentro do Sistema Anglo de Ensino. Seus autores hoje dificilmente são encontrados na salas de aulas de onde saíram, dedicando-se exclusivamente ao aprimoramento das apostilas-caderno e dos demais materiais complementares. Eles são os coordenadores de uma equipe de trabalho na qual, eventualmente, outros professores dos cursinhos são chamados a participar, recebendo por este trabalho honorários pelos direitos autorais.

De qualquer maneira o material didático se mantém como o eixo no qual as relações construídas no interior destes sistemas de ensino franqueado irão se pautar. Ele pressupõe uma série de imposições e regras para sua correta utilização nas unidades franqueadas. É elaborado, escrito e impresso em São Paulo e os professores que irão aplicá-lo o recebem pronto onde quer que se encontrem no território nacional. Estes professores estão afastados do processo de elaboração do conhecimento e devem criar mecanismos próprios

de interferência se quiserem participar efetivamente das aulas que serão por eles mesmos ministradas.

Como os professores aplicadores avaliam a presença do material didático em seu cotidiano escolar, qual sua interferência concreta na prática docente e outras questões relacionadas a este tema serão levantadas no capítulo seguinte deste trabalho, quando irei analisar as respostas dos professores do Colégio Educação e Cultura/Anglo Jacutinga as questões que lhes foram colocadas através de um questionário cujo objetivo era detectar como eles vêem as apostilas e as utilizam.

Por enquanto me detenho a descrições gerais referentes aos diferentes tipos de material didático e cursos oferecidos aos consumidores primários, os mantenedores das unidades franqueadas, e secundários, os alunos matriculados do Sistema Anglo de Ensino.

Primeiramente serão apresentadas as modalidades existentes relativas ao diferentes níveis de ensino e a duração dos cursos; antes no entanto é preciso ressaltar que as observações mais detalhadas e completas referem-se ao material específico para a aplicação no ensino médio, nível de escolaridade privilegiado nesta análise por fazer parte do ensino regular e por ter seu material adotado na unidade franqueada tomada como exemplo para o estudo de caso realizado durante esta pesquisa :

- **Ensino Fundamental:** É o mais recente conjunto de apostilas e material didático elaborado pelo Sistema Anglo de Ensino. Sua implementação nas últimas duas séries do segundo ciclo do ensino fundamental (7ª e 8ª) foi finalizada neste ano de 1998. Como não tive acesso a este material, que não é utilizado no Colégio Educação e Cultura/Anglo Jacutinga foi possível tecer muitos comentários sobre seu conteúdo. Seu alcance abrange

as oito séries do ensino fundamental. São oito apostilas-caderno para cada série, o curso completo tem um total de 64 apostilas.

- **Ensino Médio:** O material didático básico elaborado para as três séries do ensino médio é formado por um conjunto de 20 apostilas-caderno. O preço de venda de cada uma delas é R$ 36,00. O cronograma para sua aplicação está exposto abaixo:

| | 1º Bimestre Março/Abril | 2º Bimestre Maio/Junho | 3º Bimestre Agosto/Set | 4º Bimestre Outubro/Nov |
|---|---|---|---|---|
| 1ª Série | 1 e 2 | 3 e 4 | 5 e 6 | 7 e 8 |
| 2ª Série | 9 e 10 | 11 e 12 | 13 e 14 | 15 e 16 |
| 3º Série | 17 e 18 | 19 e 20 | | |

Cada número de um até vinte identifica a apostila que será utilizada no mês correspondente. São duas apostilas por bimestre, todas elas com duração prevista de três semanas. Ou seja, cada apostila cobre 75% da carga horária, já reservando 25% das aulas para eventuais ajustes da programação, como por exemplo: atrasos, faltas, problemas com o ensino ou aprendizagem de conteúdo específico, aplicação de provas. Tudo é previsto - inclusive os feriados; para o Sistema Anglo não existe o acaso.

Até mesmo a flexibilidade das aulas e da prática pedagógica e a heterogeneidade das classes estão previstas pela programação. E se houver algum ganho de tempo aparece a sugestão para que o professor o use em revisões ou aprofundamento do conteúdo, ficando esta "escolha" a seu critério.

Além das apostilas existem quatro cadernos complementares de exercícios. O Sistema Anglo de Ensino recomenda que estes cadernos também sejam levados para a sala de aula para que, quando o planejamento permitir, o professor possa propor novas situações que quebrem com a

previsibilidade das aulas. O Coordenador Geral do Sistema Anglo de Ensino avalia este procedimento como uma "motivação extra que muito incentiva o aluno". Mais uma vez o material se impõe sobre a liberdade de ação dos professores e sobre a possibilidade destes de incorporar as suas aulas algum material oriundo de outras fontes.

O texto de apresentação do material do ensino médio, que é entregue aos professores ao início do ano, descreve quais são as finalidades deste curso e que direcionaram a concepção das apostilas:

> *"O curso Anglo para o ensino médio tem por finalidade formar cidadãos conscientes, dotados de juízo crítico, que saibam relacionar dados e conheçam as estruturas de raciocínio das principais áreas do saber humano.*
>
> *Também é verdade que o estudante ingressa no ensino médio pensando na carreira universitária. Como conjugar estes dois interesses?*
>
> *O Sistema Anglo de Ensino responde com este material e atende ao apelo do educador que deseja o sucesso completo de seus alunos. (...) O programa estabelecido para a 1ª e 2ª séries cumprirá todas as metas curriculares e conduzirá o aluno à 3ª série com a base necessária para fazer a revisão do essencial, complementando e aprofundando os estudos de seu interesse específico"*[68]

O Sistema Anglo de Ensino estaria atendendo a um anseio, a uma lacuna. O material aparece para cobrir uma necessidade profunda. Os educadores estariam aguardando sua publicação com expectativa: estas são idéias difundidas que revelam nuanças próprias ao marketing da empresa, mas

concretamente é importante destacar o planejamento deste material, principalmente em relação a 3ª série.

Hoje esta última série do ensino médio regular e da educação básica está reservado para a preparação objetiva dos alunos visando os exames vestibulares. Todo o conteúdo curricular, que não é pequeno, a princípio previsto para ser abordado ao longo dos três anos do ensino médio é estudado nos dois anos iniciais; o terceiro ano letivo transforma-se então em um período de revisão e de aprofundamento.

Algumas unidades do sistema Anglo de Ensino tem até mesmo a possibilidade de adotar nesta 3ª série o material didático formulado para o cursinho extensivo e unir os alunos regulares do ensino médio, que ainda não finalizaram seus estudos, aos alunos de cursinho: é o chamado "terceirão"[69]. Neste caso o uso das apostilas-caderno de números 17, 18, 19 e 20 é abandonado sem prejuízo de conteúdo. Mesmo porque encontra-se originalmente prevista pela programação a adoção do material didático do curso semi-extensivo no segundo semestre do terceiro ano letivo do ensino médio[70]. A unidade franqueada escolhe a opção que melhor se adeqüe a sua realidade

O conteúdo curricular das apostilas produzidas pelo Sistema Anglo de Ensino segue a divisão tradicionalmente adotada nos exames vestibulares: são contempladas as disciplinas que compõem o conjunto obrigatório básico do

---

[68] Sistema Anglo de Ensino (1988)

[69] É o que acontece, por exemplo, no Colégio Educação e Cultura/Anglo Jacutinga. Muitas das unidades franqueadas que não tem alunos suficientes para a abertura de várias ou uma única sala exclusiva para o cursinho, muito menos oferecem opções diversificadas de cursos. Geralmente estas unidades se utilizam das apostilas Alfa, material criado especificamente no curso pré-vestibular extensivo de biológicas, período manhã. Este material é considerado o mais "forte" do Sistema Anglo de Ensino por ser destinado aos alunos que se preparam para a concorrência acirrada na disputa pelas vagas dos cursos de medicina. É também o mais vendido.

[70] Para perceber este planejamento basta observar que no cronograma para a aplicação das apostilas do ensino médio os dois últimos bimestres da 3ª série não encontram-se preenchidos.

currículo proposto para o ensino médio: Matemática, Física, Química, Inglês, Biologia, Português, História e Geografia.

Interessante e particular é a segmentação do conteúdo de cada uma destas disciplinas em diferentes setores[71] referentes a uma parte específica das mesmas. Cada um destes setores é dotado de um código numérico que o identifica e pode ter suas aulas ministradas por professores distintos

No caso do material do ensino médio a divisão das disciplinas em setores segue o seguinte esquema:

**Matemática** = 2 setores

**Física** = 2 setores

**Química** = 2 setores

**Biologia** = 2 setores

**Língua Portuguesa** = 3 setores

**História** = 1 setor

**Geografia** = 1 setor

**Inglês** = 1 setor

Por exemplo: a Matemática, cujo número de área é 51, encontra-se nas apostilas-caderno do ensino médio dividida em 2 frentes ou setores, a Álgebra (5112) e a Geometria (5111)[72].

Com exceção deste setor 5111 da Matemática, cujo número de aulas semanais é 3, todos os outros setores tem duas aulas previstas por semana.

[71] Denominação criada e utilizada pelo próprio Sistema Anglo de Ensino
[72] Setor que também inclui a Trigonometria

A carga horária das aulas das disciplinas e seus respectivos setores estão programadas para as apostilas segundo a próxima tabela:

| | 1º Ano | | 2º Ano | | 3º Ano | |
|---|---|---|---|---|---|---|
| | Nº de Aulas por Semana | Nº de Setores por Matéria | Nº de Aulas por Semana | Nº de Setores por Matéria | Nº de Aulas por Semana | Nº de Setores por Matéria |
| **Matemática** | 5 | 2 | 5 | 2 | 5 | 2 |
| **Física** | 4 | 2 | 4 | 2 | 4 | 2 |
| **Química** | 4 | 2 | 4 | 2 | 4 | 2 |
| **Biologia** | 4 | 2 | 4 | 2 | 4 | 2 |
| **Português** | 6 | 3 | 6 | 3 | 6 | 3 |
| **História** | 2 | 1 | 2 | 1 | 2 | 1 |
| **Geografia** | 2 | 1 | 2 | 1 | 2 | 1 |
| **Inglês** | 2 | 1 | 2 | 1 | 2 | 1 |
| **Total** | 29 | 14 | 29 | 14 | 29 | 14 |

Estas apostilas prevêem um mínimo de 29 aulas semanais. Como os sábados não foram utilizados oficialmente como dias letivos neste calendário, estão previstas para o ensino médio 6 aulas diárias de 50 minutos de Segunda à Sexta-feira. Sendo que em um destes 5 dias poderá ser adotada uma aula ou disciplina extra, ou ainda uma outra atividade. A escolha ficará sob responsabilidade da unidade franqueada.

O objetivo desta divisão em setores leva também em consideração o fato de que determinado professor domina mais ou menos determinada parte do conteúdo geral de sua matéria, preferindo aquela em que é considerado um especialista.

Para não desequilibrar o acesso do aluno em relação ao conteúdo que o professor não domina ou não gosta, foi feita então a divisão em setores, o que possibilita também que uma mesma disciplina possa ter diferentes professores

dispostos a revelar ao aluno múltiplas visões sobre o conteúdo (se é que isto é possível dentro do esquema de aulas proposto).

De fato o que esta divisão em setores representa é apenas mais uma das características da racionalidade do Sistema Anglo de Ensino e também da busca por uma especialização sobre o domínio do conteúdo ao mesmo tempo em que se procura um professor dotado de conhecimentos gerais e uma percepção global sobre as diferentes áreas do conhecimento. Contudo este modelo transforma, na prática, um professor de química, por exemplo, em um professor de orgânica.

Além disso os professores recebem no começo do ano a programação das aulas de seu setor e devem segui-la rigorosamente. Trata-se de uma tabela em que a data das aulas a serem aplicadas devem sempre coincidir com a programação estabelecida semana a semana. Por exemplo: a apostila-caderno nº 11 deve ser iniciada no dia 3 de Abril [73].

Este esquema de planejamento também contribui para dificultar a incorporação, pelo professor, de outros materiais em suas aulas. Qualquer conteúdo extra é difícil de ser encaixado no interior de um método de ensino no qual tudo esta programado para funcionar e acontecer em um momento exato[74]..

O conteúdo e a programação das apostilas-caderno do Sistema Anglo para o ensino médio é comum a qualquer unidade franqueada, mas existem muitas dificuldades para sua adoção no período noturno; o material não foi

---

[73] Ver Tabela 4 Anexos E

[74] Neste contexto é grande a dificuldade para a abertura da grade curricular, o que prejudica a presença de outras disciplinas, como a Sociologia e a Filosofia, matérias que diretamente não "caem" no vestibular e que necessitam de um material que ainda específico que não se encontra previamente elaborado.

produzido para ser aplicado em classes com este perfil. Parece não existir uma demanda que justifique a criação de um material tão específico.

A formação do aluno é geral. Apenas as disciplinas Língua Portuguesa e Matemática contam com um maior número de aulas, porque o conteúdo curricular é mais extenso, o que obriga a divisão das disciplinas em três diferentes setores ou frentes.

Comparando o número de aulas programadas para as disciplinas de Física e Química (exatas) com o número de aulas programadas para as disciplinas de Geografia e História (humanas) pode ser notado que as disciplinas de área de exatas contam com o dobro do número de aulas que é previsto para as disciplinas da área de humanas. Seria este um resquício das origens do Sistema Anglo de Ensino que nasceu como um cursinho específico para a POLI-USP? Ou um reflexo da maior dificuldade e importância que teriam nos vestibulares as chamadas disciplinas de exatas?

Quanto ao material para aplicação no cursinho, este apresenta muitas variações, a começar pelo conteúdo, que depende da área do conhecimento que o aluno deseja estudar mais. O aluno que escolher cursar a área de humanas trabalhará com a apostila batizada de **"Sigma"** que prevê um maior número de aulas de história e geografia. O material da área de exatas chama-se **"Beta"**, e o da área de Biológicas é o **"Alfa".**

O material Alfa é o mais conhecido e utilizado. Suas divisão em setores obedecem a seguinte estrutura curricular:

- **Química**- 3 setores: Estequiometria; Inorgânica e Orgânica
- **Física** - 3 setores: Estática; Eletricidade e Termodinâmica

- **Biologia** - 3 setores: Botânica, Genética e Zoologia
- **Língua Portuguesa** - 3 setores: Gramática, Literatura e Redação
- **Língua Estrangeira** - 1 setor: Inglês
- **Geografia** - 2 setores: Brasil e Geral
- **História** - 2 setores: Brasil e Geral

Vedete entre as apostilas que formam o conjunto de material didático produzido pelo Sistema Anglo de Ensino, o Alfa é um material mensal (8 volumes mais as duas apostilas com exercícios de revisão) que prevê o acompanhamento na sala de aula e também o estudo freqüente do aluno em casa, para onde são propostos dois tipos de tarefas: a mínima, com grau de dificuldade menor e tida como obrigatória a todos aos alunos; e a complementar, cujo grau de dificuldade é maior, sendo que sua resolução é sugerida de acordo com a área da carreira pretendida. Por exemplo: ao aluno que irá prestar ciências sociais é sugerido a resolução diária das tarefas complementares de história, e assim por diante. Tudo de acordo com o lema "Aula dada - Aula estudada"[75].

Além das apostilas, o material didático Alfa conta com uma série de livros e cadernos de reforço para o estudo em casa batizada de "Apoio" e "Desafio". São duas coleções de exercícios organizados de acordo com os conteúdos disciplinares: a série batizada como **Apoio** tem exercícios em forma de testes; e a série batizada **Desafio** contem questões discursivas.

---

[75] Não há tempo hábil para se responder a enorme quantidade de exercícios sugeridos. Tal fato indica que se trata de mais um recurso mercadológico, inclusive para dar a impressão de que o ensino no Sistema Anglo é mais "puxado". Segundo um dos mantenedores entrevistados muitos pais usam o discurso de proteger o filho para não colocá-los na escola, pois ela "judia muito das crianças" desde muito cedo. A verdade é que todo este volume de material força um aumento no custo dos mesmos, e, consequentemente das mensalidades praticadas.

O conjunto do material didático Alfa é completado com uma coleção de livros didáticos especiais que contêm toda a parte teórica, abordada rapidamente nas salas de aula. Segundo o material de propaganda trata-se de uma "verdadeira biblioteca para consulta em casa", através da qual o aluno faz um aprofundamento do conteúdo.

Segundo as informações colhidas, o material Alfa é vendido às unidades franqueadas por R$ 56,00 mensais por aluno. É o conjunto de material didático mais caro entre os produtos oferecidos pelo Sistema Anglo de Ensino. Em relação aos preços cobrados pelas mensalidades nas unidades, estes variam muito, não há um padrão ou a interferência dos executivos do Sistema Anglo de Ensino nesta questão, a política de preços praticada é de responsabilidade particular de cada escola da rede.

O material de cursinho varia também em relação ao período e extensão (duração) do curso pretendido. Descrevo agora quais são as modalidades oferecidas pelo Sistema Anglo de Ensino em suas unidades próprias na cidade de São Paulo:

Quanto ao período dos cursos, existem 4 turnos diferentes:

- **Manhã:** Para o extensivo são 6 aulas diárias de 2ª a Sábado (total de 36 aulas semanais), das 07:00 até 13:10 horas. Segundo os panfletos de propaganda trata-se do período ideal "para o estudante que terminou o colegial, e pode se dedicar exclusivamente à preparação para o vestibular". A carga horária de dedicação dos alunos em casa para a resolução das tarefas mínimas propostas também está prevista: 4 horas de estudos diários. O que significa dizer que o regime de dedicação aos

estudos deve ser praticamente integral, perfazendo um mínimo de 10 horas.

- **Tarde:** Especialmente planejado para quem faz o colégio de manhã, este turno tem duração de 5 horas, divididas em 6 aulas de 40 minutos, de 2ª a 6ª feira. Os professores são orientados a aproveitar ao máximo a "bagagem" que o aluno trás de suas aulas normais no ensino médio, freqüentadas no período matutino.

- **Vespertino:** "Outra opção para quem faz colégio de manhã, mas prefere almoçar tranqüilamente em casa, fazer um curso de inglês ou praticar algum esporte antes de vir para o cursinho. Também uma excelente opção para quem trabalha e sai mais cedo do serviço"[76]. As aulas começam as 18:00 hs e vão até as 22:30 hs. São 5 por dia de 2ª a 6ª feira, cada uma com duração de 40 minutos (total de 25 aulas semanais).

- **Noturno:** O curso noturno do Anglo é voltado para quem trabalha o dia todo, não dispondo de tempo para estudar em casa. Geralmente é freqüentado por alunos mais velhos que desejam ingressar ou voltar aos estudos universitários. O início das aulas é as 18:40 hs, e o término as 23:30 hs. São 5 aulas diárias de 2ª a 6ª feiras, todas com duração de 40 minutos (25 aulas por semana)

Quanto a duração e extensão dos cursos, existem 5 modalidades disponíveis:

[76] Http://www.cursoAnglo.com.br

- **Extensivo:** É o modelo mais tradicional dos cursinhos. Dura todo o ano letivo (10 meses) e prevê a maior carga horária de aulas. Começa em março e segue até ás vésperas dos vestibulares mais disputados, quando é feita a revisão final de todo o conteúdo. Ë direcionado, segundo o material de propaganda "aos alunos dispostos a disputar as melhores vagas oferecidas pelas universidades"[77]. O preço para o período da manhã, para matriculas até 05/03/98 (início das aulas) nas unidades de propriedade do Sistema Anglo de Ensino em São Paulo, era de 11 parcelas no valor de R$ 613,00 (total: R$ 6.713,00); para o período da tarde o valor é de 11 x R$ 521,00 (total: R$ 5.731,00); para o vespertino são 11 parcelas de R$ 332,00 (total: R$ 3652,00); e para o período noturno o valor é de 11 pagamentos de R$ 270,00 (totalizando R$ 2.970,00)[78]

- **Semestral:** Voltado especificamente para os alunos que não obtiveram êxito nos vestibulares de final de ano e que tentam os exames classificatórias de julho; quando importantes instituições de ensino como a Fundação Getúlio Vargas, e algumas universidades federais, como a de Uberlândia, oferecem vagas. Tem início também em março e duração até as datas das provas de julho (5 meses). Oferecido apenas em dois períodos custa 5 parcelas de R$ 740,00 (total: R$ 3.700,00) para os alunos da manhã e 5 parcelas de R$ 418,00 (total: R$2090,00) para o turno vespertino.

- **Turmas de Maio:** "Alguns alunos entram numa faculdade e percebem logo que não era bem isso que queriam. Outros não se matriculam no extensivo de março, ou já estão no Anglo e decidem mudar

---

[77] Http://www.cursoAnglo.com.br

[78] Valores obtidos na unidade Tamandaré do Curso Anglo Vestibulares em 09/02/98

de área[79]. As turmas de maio preparam o aluno até meados de julho, para que em seguida (no 2º semestre) ele tenha condições de acompanhar os extensivo"[80] [81]

- **Semi de Agosto:** Geralmente voltado para alunos que ainda freqüentam o ensino médio. O semi começa no segundo semestre e se desenrola durante 4 meses, destacando, segundo os panfletos de propaganda, os itens que mais incidem nos vestibulares. Também acaba sendo uma alternativa interessante para aqueles alunos sem condições financeiras de estudar em um cursinho durante todo o ano.

- **Intensivão:** Montado para alunos que preferem completar o colegial e só depois entrar em uma preparação específica na disputa por uma vaga na universidade. Também se destina aqueles que querem mudar de faculdade ou rever o conteúdo na "reta final". É um curso de 6 semanas, mais as revisões, e oferece uma "visão geral do vestibular"[82]

Pelo valor elevado de todas as mensalidades cobradas percebesse que na realidade que estes cursos procuram atingir um público elitizado economicamente, com condições favoráveis para o pagamento das parcelas. Mas é interessante notar que aparentemente seriam os alunos formados na escola pública os maiores consumidores deste tipo de serviço, já que supostamente estariam numa posição de inferioridade em termos de

---

[79] Existem salas específicas para cada uma das três áreas em que encontram-se divididas as disciplinas exigidas pelos vestibulares: exatas, voltadas para os alunos que irão prestar cursos como os de engenharia e informática; humanas, para os cursos de direito e jornalismo, por exemplo, e biológicas, para medicina, psicologia, farmácia, etc... São oferecidas também turmas específicas para alunos que pretendem prestar o vestibular para Arquitetura, exclusivamente no período da manhã.

[80] Http://www.cursoAnglo.com.br

[81] Até o momento em que este levantamento foi realizado, 09/02/98, não havia ainda previsão de preços para esta modalidade de curso e também para o Semi de Agosto e para o Intensivão

preparação para as provas dos vestibulares necessitando, portanto, de uma preparação mais específica e incisiva. No entanto, para que este aluno freqüente um cursinho que o habilite a lutar por uma das insuficientes vagas oferecidas pelas Universidades Públicas federais ou estaduais, certamente precisará fazer bastante economia para arcar com os altos custos das mensalidades.

Uma rápida pesquisa realizada entre alguns dos cursinhos de São Paulo mostra que os valores praticados pelo Anglo não foge a média encontrada no mercado dos cursos pré-vestibulares. No mês de fevereiro os valores das mensalidades cobradas por 8 cursinhos situados na capital de São Paulo eram em média de R$ 620,00 por mês, na modalidade extensivo. O mais caro foi o curso oferecido pelo Stockler Vestibulares (R$ 1.200,00 mensais, classes com 20 alunos), o mais barato então era o curso Objetivo (R$ 300,00 mensais, na unidade da Av. Paulista)[83].

Este ensino que é caro acaba provocando a manutenção de um efeito perverso da estrutura educacional brasileira bastante conhecido, os jovens de maior poder aquisitivo e que freqüentam ou freqüentaram colégios privados e cursinhos, tem a possibilidade de uma melhor preparação para os exames vestibulares. Consequentemente, devido aos próprios mecanismos de formulação dos exames vestibulares, a maioria das vagas no ensino superior público e gratuito se perpetuam nas mãos das famílias com maior poder aquisitivo. As vagas no ensino superior acabam ficando concentradas entre os alunos que estudaram durante toda sua formação escolar básica em escolas privadas, já os alunos oriundos da rede pública tem grandes dificuldades para

---

[82] Http://www.cursoAnglo.com.br
[83] Pesquisa realizada em 02/02/98

darem seqüência a sua formação escolar em uma universidade também pública.

Tal inversão, sem dúvida, em muito contribui para a reprodução das desigualdades históricas presentes na estrutura do ensino brasileiro. Ela é a garantia da manutenção de certos privilégios aos filhos das camadas sociais altas e médias.

De qualquer forma a concorrência no mercado dos cursinhos é bastante acirrada, revelando a grande procura por este serviço. Cada empresa procura então oferecer uma série de atividades extras diferenciadas, inclusive para justificar o valor das mensalidades praticadas. O Sistema Anglo de Ensino, por exemplo, oferece aos seus alunos aulas específicas de desenho geométrico para os candidatos aos cursos do ITA de São José dos Campos, aulas especiais de matemática para os candidatos as vagas da Fundação Getúlio Vargas; e ainda: aulas de linguagem arquitetônica, aulas de laboratório, aulas extras de redação.

Vários professores são contratados exclusivamente para diariamente ficarem de plantão em cada uma das unidades do cursinho respondendo as dúvidas que os alunos encontram na resolução dos exercícios propostos como tarefas mínimas e complementares.

São programadas pelo Sistema Anglo de Ensino também atividades voltadas a orientação vocacional: palestras ministradas por profissionais "bem sucedidos", de preferencia ex-alunos Anglo, convidados para falar sobre suas experiências e perspectivas profissionais. Estas palestras tem, segundo o

material de divulgação da empresa, a função de ajudar os alunos a tomarem uma decisão na escolha de suas futuras profissões[84].

Outro interessante serviço de palestras oferecido pelo Anglo são as especialmente direcionadas aos pais dos alunos. Sim, segundo o Anglo a preparação para o vestibular merece certos cuidados especiais e os pais tem responsabilidades a assumir nesta "desgastante maratona" que acaba provocando reflexos nas relações familiares. Para que os pais aprendam a conviver com os momentos de stress, nervosismo e eventuais mudanças no comportamento dos filhos, bem como para que eles conheçam o trabalho e a metodologia de ensino desenvolvida pelo Anglo, todos são convidados a assistir tais palestras.

Toda esta gama de serviços e produtos oferecidos contribui para a construção e divulgação da idéia de que o Sistema Anglo prepara melhor e garante o sucesso de seus alunos nos exames vestibulares. No entanto para que este esquema de propaganda e marketing funcione são necessários resultados concretos que também precisam ser evidenciados. A eficácia do Sistema diante dos objetivos a que se propõe tem de ser colocada a prova.

Por isso a seguir serão apresentados alguns dados referentes aos resultados obtidos pelos alunos do Sistema Anglo de Ensino nos exames vestibulares das universidades públicas paulistas e das principais universidades privadas no ano de 1998.

---

[84] http://www.cursoanglo.com.br

## 1.4 - Alguns Resultados

Os números e porcentagens de aproveitamento dos alunos do Sistema Anglo de Ensino em relação a obtenção das vagas disponíveis nas universidades públicas e privadas mais disputadas no estado de São Paulo não serão aqui apresentados no sentido de reforçar ainda mais com a idéia de eficiência e sucesso do método de ensino e aprendizagem desenvolvido e aplicado pelo sistema. São dados gerais que não levam em conta os números absolutos de alunos que se utilizam do material Anglo. Como estes números são sigilosos não é possível saber qual é a porcentagem real de aproveitamento dos alunos do Sistema Anglo de Ensino nos exames que despertam maior interesse; ou seja, os números de aprovação aqui revelados se referem simplesmente aos alunos matriculados no Sistema Anglo que foram aprovados nas universidades consideradas mais importantes, quanto maior o número de alunos, mais chances de aprovação.

Farei a transcrição de alguns resultados para que fique exposto um exemplo claro sobre a presença e penetração deste Sistema de Ensino no quadro geral da educação média brasileira e, no contexto particular das escolas privadas, da disputa pelo acesso às vagas disponíveis no ensino superior. São números grandiosos. As fontes são as publicações oficiais do próprio Sistemas Anglo: o site na Internet[85] e os folhetos de propaganda disponíveis nas unidades franqueadas e a Revista do Anglo[86].

---

[85] www.cursoAnglo.com.br

[86] Sistema Anglo de Ensino (1998b)

O primeiro e o terceiro lugar geral da Fuvest/98 foram conquistados por alunos do Sistema Anglo de Ensino. Foram 139.000 candidatos. Sete entre os 20 primeiros classificados gerais das provas da Fuvest estudaram no Anglo.

Os alunos do Sistema Anglo de Ensino ficaram com 100 das 175 vagas oferecidas para o curso de medicina da USP-Pinheiros (57%), com 63 das 110 vagas da Escola Paulista de Medicina (57%), 61 das 100 vagas do curso de medicina oferecido pela Santa Casa de São Paulo (61%). Estes números correspondem a cerca de 60% das vagas totais disponíveis para os cursos de medicina oferecidos pelas principais escolas públicas do Estado de São Paulo.

Além da medicina, em outros cursos bastante disputados pode se observar que grande parte dos alunos aprovados são oriundos do Sistema Anglo de Ensino: 75 das 150 vagas disponíveis para o curso de Arquitetura da FAU-USP (50%); 102 das 225 vagas do curso matutino do direito da São Francisco - USP (48%) e 94 das 225 vagas oferecidas para o período noturno (41,7%); 8 das 15 vagas do curso de Cinema (53%), 22 das 50 vagas do curso de Jornalismo (40%), 9 das 20 vagas de Rádio e TV (45%) e 9 das 20 vagas de Turismo (45%); todos estes cursos oferecidos pela ECA-USP.

Na POLI-USP: Engenharia Civil - 180 vagas, 84 alunos Anglo (46,6%); Engenharia Elétrica - 180 vagas, 83 alunos Anglo (46%); Engenharia Mecânica - 70 vagas, 32 alunos Anglo (45,7%); Engenharia de Minas - 20 vagas, 10 alunos Anglo (50%); Engenharia de Materiais - 20 vagas, 9 alunos Anglo (45%); Engenharia Naval: 40 vagas, 19 alunos Anglo (47,5%)

Ótimos resultados também foram obtidos pelos alunos Anglo que prestaram vestibular para Administração: na FGV alunos do Anglo ficaram com 95 das 200 vagas (47,5%) e na FEA-USP foram 53 das 100 vagas (53%).

Estas performances em torno dos 45% e 50% se repetiram em vários outros cursos oferecidos pela USP, como os de Farmácia, Economia e Odontologia, mas o melhor resultado foi conquistado no curso de Medicina Veterinária: 50 das 80 vagas ficaram com os alunos do Anglo, nada menos que 62,5% do total disponível.[87]

Além destes resultados os alunos do Anglo conquistaram o primeiro lugar nos cursos de Química, Economia, Biologia, Engenharia Química, Ciências Sociais e Filosofia da Unicamp e em 35 cursos da Unesp (6 alunos entre os 10 primeiros).

Em algumas universidades privadas do estado de São Paulo os alunos Anglo também conseguiram boas classificações: 10 entre os 20 melhores da PUC, primeiros lugares em 8 cursos no Mackenzie e em 16 cursos da PUCCamp.

Estes números, muito usados para alimentar a propaganda e a divulgação da empresa e destacar o método de ensino desenvolvido pelo Sistema Anglo, podem camuflar uma situação contraditória na medida em que não é estabelecida a relação com o total de alunos do Sistema: não há vagas nas universidades suficientes para todos os alunos-candidatos do Sistema Anglo de Ensino ou de qualquer outro cursinho pré-vestibular, no entanto a todos os estudantes destes sistemas de ensino e cursinhos é vendida a possibilidade de acesso, basta querer, basta estudar, basta escolher a faculdade preferida:

> *"Sempre que o número de candidatos supera o número de vagas oferecidas, tanto para ocupar cargos em empresas públicas ou privadas como para estudar numa universidade, estabelece-se um concurso. Penso*

[87] Ver Anexos F

*que todos concordamos que é muito melhor o preenchimento destas vagas por meio de concursos honestos do que através de critérios de apadrinhamento e troca de favores. As provas dos vestibulares, muito bem elaboradas, praticamente eliminam o fator sorte. Examinam sua capacidade de elaborar dados e sua competência para expressar idéias de forma lógica e coerente, selecionando os mais criativos. Todas essas capacidades são priorizadas em nosso método de ensino. Você pode entrar na faculdade que escolheu. É só preparar-se com determinação*[88]

O texto acima foi assinado pelo professor Nicolau Marmo, Coordenador Geral do Sistema Anglo de Ensino; é uma espécie de editorial da Revista "Em Foco", uma publicação do Anglo destinada a seus alunos. Depois de defender o sistema de exames vestibulares e generalizar a qualidade das provas que para ele são "muito bem elaboradas", há a afirmação categórica de que é só o aluno escolher a faculdade que eles tem a fórmula. Não que isto seja fácil, é preciso determinação. E aí começam os problemas.

É preciso inverter esta lógica que pode parecer natural - basta estudar, seguir as regras que o sucesso está garantido - e nos determos um pouco sobre as angústias e a própria situação daqueles que fazem e pagam os cursos e ficam de fora. Só na cidade de São Paulo a informação é de que são cerca de 13.000 os alunos anuais do Sistema Anglo. Num sistema de educação franqueada o aluno é mero consumidor sem direitos de um material e de uma marca.

Sobre este tema gostaria de reproduzir um pequeno trecho de uma entrevista realizada com um mantenedor de uma unidades franqueadas do

---

[88] Sistema Anglo de Ensino (1998c)

Sistema, é ele quem conduz o raciocínio da conversa para formalizar uma crítica sobre o caráter excludente deste tipo de educação que, por sua vez, ele mesmo representa. Vejamos suas palavras:

> *"Na verdade tudo o que falamos até agora está girando em torno de uma grande indústria, a indústria dos vestibulares. E ela, enquanto tal, vai se adaptando as exigências do mercado e estendendo seus tentáculos e sua atuação no sentido de cobrir as deficiências do ensino regular. Esta indústria não está preocupada com seus consumidores individualmente, o que eles se preocupam é em conquistar os primeiros lugares para usar as colocações como material de propaganda, não importa quantos ficaram de fora pelo caminho. Para se ter 10 aprovados, 10.000 foram excluídos e também pagaram a conta. Quem esta preocupado com os que não passaram ? Nunca se ouviu falar: "no meu cursinho foram aprovados 10, mas outros 500 ficaram de fora". Mas este número é importante porque foram eles que pagaram a conta e são eles que irão voltar no ano seguinte para fazer a ciranda rodar"*[89]

Realmente não é possível a aprovação de todos, por isto dados como os números totais de alunos alcançados pelo Sistema encontram-se escondidos a sete chaves. Além de ser um dado privado e um segredo de mercado, estes números são preservados para facilitar a idéia de que o sucesso está ao alcance de todos e é perfeitamente possível, desde que você seja um aluno Anglo. Mas seriam realmente os exames vestibulares um processo justo de seleção? Quem são os mais favorecidos?

---

[89] Entrevista realizada em 31/03/98

Para encerrar este capítulo que toma o exemplo do Sistema Anglo de Ensino para a análise de como se deu a expansão das franquias em educação e para o levantamento de uma série de questões relativas a esta nova modalidade de ensino privado, reproduzirei um trecho do material de divulgação que julgo ser um resumo da história e crescimento da empresa na visão de seus proprietários:

*"O Anglo foi criado após a Revolução de 32. É o mais tradicional curso preparatório para os vestibulares do Brasil. Assim que acabou a 2ª guerra mundial o Anglo projetou-se definitivamente no cenário nacional. O sucesso obtido pelos alunos do Anglo nos vestibulares foi fator decisivo para que sua metodologia se estendesse a outras escolas, por meio do sistema de franquias. As escolas franqueadas logo exigiram que o Anglo adaptasse seu método vitorioso ao 2º grau.*

*O resultado foi tão extraordinário que as franquias passaram a exigir que o Anglo também preparasse um material para o 1º grau (...)*

*Fique com o Anglo. Nós, do Sistema Anglo de Ensino, entendemos o 1º e o 2º graus como formadores de cidadãos dotados de juízo crítico, conscientes e preparados para entender uma sociedade cada vez mais complexa e dela participar produtivamente. O material didático do Sistema Anglo de Ensino caracteriza-se por solicitar do estudante uma efetiva participação no processo de aprendizagem, de modo a desenvolver seu espírito criativo (...)*

*Com esta estratégia pedagógica, podemos afirmar que o Sistema Anglo de Ensino oferece um único curso - da 1ª série do 1º grau ao 3º ano*

*do 2º grau - com a finalidade de formar cidadãos integrados na sociedade e aptos a disputar as melhores vagas oferecidas pela universidade"*[90]

[90] Panfleto de apresentação do material didático "Anglo - A Emoção de Aprender", 1998.

# Capítulo 2

## Um Estudo de caso de Uma Unidade Franqueada

## Colégio Educação e Cultura/Anglo Jacutinga

### 2.1. Para onde vamos ?

Vamos para Jacutinga, sul de Minas Gerais; uma pequena cidade com apenas 18.233 habitantes[91], mas ascendente economicamente devido a forte produção e comércio de malhas, são centenas de micro-empresas trabalhando nos fundos dos quintais, garagens adaptadas, em grandes galpões ou em belos e modernos barracões, nos quais lojas e vitrines ocupam a frente, na entrada.

Nas ruas ainda de paralelepípedos, galerias disputam espaço na luta pelos melhores pontos de venda. Casas antigas cedem suas salas para novos balcões. Porões se transformam em pequenos shoppings. As fachadas são pintadas, ganham cartazes e novas portas. Produção e comércio.

Toda a população, inclusive aqueles poucos que não estão diretamente ligados a atividade econômica gerada pelas malharias, esperam ansiosamente pelo inverno de cada ano e seus resultados. É a época em que milhares de pessoas vindas de todo o país invadem a cidade desde a madrugada em busca das blusas baratas ou caras, transformando o dia a dia calmo, monótono e lento que caracteriza o cotidiano das cidades do interior. Surgem os ônibus

[91] http://www.ibge.gov.br. dado relativo ao ano de 1994

com as sacoleiras, os carros com os turistas, os ambulantes, os pedintes, os larápios, mas fundamentalmente, o real, o dinheiro.

E este movimento, que as vezes até beira a desordem, cria uma perspectiva de ascensão financeira que, em muitos casos, inibe os jovens de seguir com seriedade seus estudos; desvia os caminhos de uma pretensa formação escolar, desmotiva o exercício de outra atividade profissional; pois dar continuidade a malharia dos pais ou mesmo construir um negócio próprio e lucrativo, aparece como uma alternativa muito presentes quando o desempenho nos estudos não corresponde ao esperado ou quando não há aptidão, vontade, estímulo ou mesmo a necessidade de estudar, diante da coerção exercida pelo capital e suas tentações.

A cidade localiza-se bem na fronteira de Minas Gerais com o estado de São Paulo. A curta distância que separa os estados e particularidades históricas fazem com que a população se identifique com os hábitos e costumes paulistas e mantenha uma ligação mais estreita com este estado do que com a Minas Gerais tradicional. São 600 quilômetros de distância em relação a Belo Horizonte, e apenas 200 em relação a capital paulista.

Em Jacutinga percebemos que os meios de comunicação de massa mais presentes e influentes são os jornais paulistas, os times de futebol, paixão de todos os brasileiros, são paulistas e é para São Paulo que as pessoas costumam viajar para passear, gastar e também negociar. Isto tudo porque, além da proximidade física, há a influência do poder econômico e dos padrões de consumo paulistas, o que acaba caracterizando Jacutinga como uma extensão não oficial do estado de São Paulo.

Não é incomum ouvirmos pelas ruas que "seria melhor pertencer a São Paulo mesmo". De fato esta região de fronteira fazia parte dos limites do território paulista, quando quase nada havia, a não ser as aves arborícolas (que vivem em cima das árvores e raramente descem ao chão) hoje extintas na natureza (existem algumas em cativeiro), que lhe concederam o nome.

Aos poucos este entreposto de ligação entre os dois estados do sudeste brasileiro foi brotando nas várzeas do rio Mogi-Guaçu e barras dos ribeirões batizados Santo Antônio e São Paulo, que correm aos pés de um ramo da Mantiqueira.

Em 1819, o cadete José Caetano Monteiro Guedes recebeu a incumbência de comandar a abertura de uma picada ligando Ouro Fino (MG) a Espírito Santo do Pinhal (SP), determinando assim historicamente a possibilidade de criação de um arraial nas terras onde hoje se localiza a sede do município de Jacutinga[92]. Terras que a ninguém pertenciam oficialmente até aquele momento.

Como a região tinha fama de ser próspera em ouro, muitos aventureiros vindos do interior de São Paulo e de cidades vizinhas chegaram em busca de riquezas a explorar, no entanto muito pouco foi encontrado e os primeiros moradores tiveram de voltar suas atividades para o cultivo das terras virgens. Por isto a formação organização e expansão de um povoado no local atrasou, acontecendo, de fato, apenas na metade do Século XIX, após a construção de uma capela em honra a Santo Antônio por iniciativa de José Francisco Fernandes. Como toda cidade mineira, Jacutinga nasceu e cresceu com uma igreja católica em seu centro.

---

[92] A área total tem 394 km². A altitude da sede é de 830 metros. Dados presentes em Ferreira (1959)

A obra foi inaugurada em 1847, quando a família Fernandes, que residia em Ouro Fino, nomeou Emílio de Paiva Bueno como zelador do povoado e confiou a este a doação do patrimônio.

Segundo a Enciclopédia Dos Municípios Brasileiros[93], o povoado de Santo Antônio de Jacutinga, que em 1871 já havia sido elevado a condição de Distrito, pertencia a Ouro Fino, que, por sua vez, pertenceu ao Estado de São Paulo, até 16 de Setembro de 1901. Esta mesma data, que marca a incorporação destas terras ao estado de Minas Gerais, coincide com a lei Estadual nº 319 que estabelece o desmembramento do município de Ouro Fino e a emancipação de Jacutinga.

Portanto, não causa tanta surpresa existir passeando livremente pelas ruas um discurso e mesmo um sentimento que vincula as tradições e a própria identidade dos jacutinguenses muito mais a valores culturais paulistas. Poderia até arriscar dizer que hoje a cidade vive uma crise de personalidade, pois tenta buscar em seu passado raízes mineiras e não as encontra, tenta divulgar sua integração com o estado e não consegue. Os próprios mineiros que nos visitam em busca das malhas não nos vêm como conterrâneos autênticos e a população de Jacutinga parece também compartilhar desta idéia, camuflando o "Uai" em frases recheadas de "RR" caipiras adquiridos no convívio próximo e constante com o oeste paulista.

A época em que ocorreu a emancipação de Jacutinga e sua incorporação ao estado de Minas Gerais, como vimos, 1901, encontra-se distante do período auge da exploração aurífera das minas de Minas, ocorrida principalmente

---

[93] Ferreira (1959): 332-336.

durante o século XVIII, tempo conhecido como "Ciclo do Ouro", parte importante da história do Brasil Colonial.

Quando a cidade se configura, adquire contorno e status de município, vivência seus primeiros anos e passa a receber um número maior de pessoas residentes, já estamos às portas do novo século, o XX.

Neste momento o país passava a respirar novos ares: a República havia sido instituída em 1889. A Constituição de 1891, inspirada no conjunto de leis norte-americanas, organiza o país segundo os moldes federativo e liberal, permitindo maior autonomia políticas as províncias que adquirem status de estados. Entre outras coisas isto significava que os estados poderiam contrair dívidas no exterior e montar forças militares próprias e independentes.

Mas provavelmente a grande mudança social e política pela qual passou o país durante a Primeira República (1889-1930) tenha sido o aumento da população provocado pelo forte fluxo imigratório. O Brasil recebia então um grande número de estrangeiros; neste movimento de deslocamento humano milhões de europeus vieram para a América, para o Novo Mundo.

A corrente imigratória, que tinha o sul e sudeste brasileiros como destino, era principalmente composta por italianos e, em menor número, alemães, espanhóis e portugueses.

Todos cruzavam o Atlântico rumo ao Brasil em busca de trabalho e de terras para cultivar, em busca de sobrevivência e de sonhos. Em busca de possibilidades para uma vida melhor. Entre os anos de 1887-1914 registra-se a entrada de 3,8 milhões de estrangeiros no país, sendo que 2,74 milhões, 72% do total de entradas se verificou no período 1887-1914.[94]

[94] Fausto (1995), p. 275.

Os números comprovam que foram os italianos o grupo de imigrantes mais numeroso: cerca de 35,5% do total geral. Portugueses somam 29% e espanhóis 14,6%[95].

Não se sabe exatamente quem foram os primeiros italianos que nestas terras de Jacutinga se estabeleceram, e mudaram para sempre a pacata história da região com a fala alta e os gestos incontidos. Certo é que eles bem se adaptaram ao clima frio da região[96] e assim muitos nela chegaram, se fixaram e espalharam as boas novas para que outros viessem também.

O trabalho oferecido, geralmente realizado nos moldes do sistema de colonato, era de enxada nas mãos e começava com o raiar do dia nas lavouras de café, até hoje principal produto agrícola do município e importante fonte de renda que agora gera empregos não mais para os italianos, cujos descendentes acabaram por ser transformar em proprietários, mas para trabalhadores rurais vindos principalmente do Paraná e do norte do estado de Minas.

A boa localização geográfica que coloca Jacutinga dentro do chamado "Circuito das Malhas" formado, entre outras cidades, por Águas de Lindóia (SP), Serra Negra (SP), Socorro (SP) e Monte Sião (MG), garante potencial turístico a ser explorado pelo município,

Como já foi dito, as malharias aceleram o processo de desenvolvimento econômico e garantem uma boa oferta de emprego à população em geral, com destaque para a presença da mão de obra feminina em todo o processo de produção, comandando com prática as máquinas de passar, overloques, costuras e botões.

---

[95] Fausto (1995) p. 276.
[96] A temperatura média oscila entre 16 e 24 graus.

No entanto cabe aqui salientar que, sem dúvida, a intensa atividade econômica gerada pela indústria das malhas afastou ainda mais a população, que nunca contou com muitas oportunidades de acesso a educação, das lutas pela melhoria da qualidade do ensino oferecido pelas 8 escolas públicas do município[97].

Jacutinga também perdeu os espaços antes existentes para a difusão de sua cultura e atividades artísticas. Não há mais os cinemas, o teatro. A biblioteca é arcaica e funciona em uma sala subalterna à prefeitura. Museu nunca houve.

Soma-se a isto o fato de que até o ano de 1988 o município não contava com nenhuma escola, repito, nenhuma escola pública ou privada de ensino médio regular. Situação que não era nada animadora para os jovens que, como eu, pretendiam um dia cursar uma universidade.

A única alternativa para quem quisesse seguir em seus estudos secundários em Jacutinga era o Colégio Comercial Santo Antônio que oferecia, e ainda oferece, cursos técnicos em contabilidade[98], tradicionalmente freqüentado pelos homens, e o magistério, tradicionalmente destinado às mulheres. Estes cursos profissionalizantes, para efeitos de matrícula e conclusão, eram equivalentes ao 2º grau.

---

[97] São quatro estaduais: três de ensino fundamental (EE Floriano Sareti, EE Maria Roberto de Lima, EE São Luiz) e mais uma que oferece toda a educação básica (EE Júlio Brandão); e quatro municipais, todas de ensino fundamental (uma no distrito de Sapucaí, uma no distrito de São Sebastião dos Robertos, outra na sede do município e mais a escola Alfeu Duarte que foi municipalizada este ano de 1998).

[98] Inclusive é engraçado relembrar que eu acabei por me formar neste curso profissionalizante em contabilidade do Colégio Comercial Santo Antônio de Jacutinga, embora também tenha terminado o 2º grau convencional na unidade do Anglo de Itapira. Não me envergonho em dizer que cursei a contabilidade para ter alguma coisa para fazer nas entediantes noites jacutinguenses e que muito pouco do aprendizado se fixou em minha mente e, acredito eu, também nas mentes dos meus colegas. O Colégio St Antônio e seu velho curso de contabilidade e de magistério ainda existe e neste ano, para sobreviver e tentar manter suas atividades, colocou a disposição da população cursos de ensino básico da 1ª série do fundamental até 3º ano do ensino médio, utilizando material apostilado elaborado pelo grupo Dom Bosco de Curitiba. Ou seja, mais uma franquia foi aberta na cidade de Jacutinga, e no mesmo prédio onde o Colégio Educação e Cultura/Anglo iniciou suas atividades, conforme veremos mais adiante neste capítulo.

A outra opção naquela época era cair na estrada rumo a vizinha cidade de Itapira, distante cerca de 30 km e localizada já dentro dos limites do estado de São Paulo. E para lá íamos nós que não tínhamos ou não gostávamos do trabalho e das perspectivas apresentadas pelas malharias, ou que simplesmente queríamos um estudo melhor, nada técnico. Também iam alguns colegas obrigados a terminarem seus estudos básicos e cujos pais não permitiam a matrícula no Santo Antônio.

Claro que, independente das razões que nos levavam a Itapira, todos tínhamos condições econômicas suficientes para arcar com os custos da viagem e dos estudos, portanto era, antes de tudo, nossa condição de classe média que nos possibilitava a abertura da oportunidade de dar seqüência aos estudos.

As vezes éramos até 16 adolescentes espremidos em Kombis como sardinhas. Ao todo cerca de 30 alunos que viajavam diariamente para em Itapira freqüentar as aulas oferecidas pela Escola Estadual Elvira Santos de Oliveira. Acordávamos às 5:30 hs da manhã e voltávamos para casa geralmente às 13:00. Depois as Kombis foram substituídas por um ônibus, mas quando isto aconteceu eu não estava mais lá, pois cursei o ensino médio entre os anos de 1984 e 1986.

As duas primeiras séries, ou seja, o primeiro e segundo anos do então 2º grau, eu cursei na escola pública de Itapira. Até que, em 1986, no último ano do ensino médio, surgiu na mesma cidade uma unidade franqueada do Sistema Anglo de Ensino, a primeira da região. Esta escola foi criada por um conjunto de professores entre os quais alguns que trabalhavam na escola pública em que eu estudava.

Então eu os acompanhei e me transferi para este novo colégio na esperança de uma preparação melhor com vistas ao meu acesso ao ensino superior. No começo do funcionamento desta unidade do Anglo tudo parecia meio improvisado, haviam apenas três turmas, uma para cada série, as aulas eram ministradas no porão de uma igreja, um antigo velório, que foi alugada pelos mantenedores e transformada em escola.

Mas, como foi demonstrado no capítulo anterior, as unidades franqueadas destes tipo de Sistemas de Ensino não podem adotar oficialmente, para efeitos de regulamentação nas Secretarias de Ensino, o nome Anglo. Elas devem ter outra razão social e jurídica, ou seja, um outro nome com o qual a escola é registrada e tem seu funcionamento legalizado. No caso da unidade franqueada de Itapira este nome é Grupo Educacional Integrado e em todos os documentos emitidos pela escola para qualquer efeito este é o nome institucional presente.

O nome do Anglo só aparece nos adesivos, no uniforme, na porta de entrada, e é claro, no material embaixo dos braços dos alunos e na propaganda dos cursos oferecidos. Inclusive, se algum de nós perguntar nas ruas da cidade onde fica o Colégio Integrado ninguém saberá nos dizer, a não ser que tenhamos a sorte de perguntar isso a algum dos mantenedores, o mesmo acontece em Jacutinga se perguntarmos a população onde fica o Colégio Educação e Cultura. Em geral os colégios que se transformam em unidades franqueadas do Sistema Anglo de Ensino perdem sua identidade particular e passam a ser conhecidos simplesmente como Colégio Anglo.

Mas o fato é que foi no Anglo de Itapira que acabei meus estudos do ciclo básico, estimulado pela possibilidade de me preparar melhor para os

vestibulares que me dariam acesso a faculdade e a vida fora de Jacutinga, perspectiva esta que sempre me alegrou e que despertava em mim muita ansiedade.

Razões tão individuais podem até fazer parecer que estes dados sobre uma turma de alunos jacutinguenses que viajavam diariamente para estudar em Itapira são irrelevantes para esta pesquisa, mas, ao contrário, trata-se de um fato extremamente pertinente pois esta é uma das justificativas que acabaram por levar um grupo de pais a idealizar e fundar o Colégio Educação e Cultura/Anglo Jacutinga: tirar seus filhos dos perigos da estrada e do incômodo do estudo distante de casa, o que pode até mesmo ser prejudicial para o rendimento escolar.

Quando esta idéia de abrir em Jacutinga uma escola particular surgiu, em 1990, o Anglo/Itapira já havia absorvido todo o contingente de alunos que antes freqüentavam a escola pública Elvira Santos de Oliveira. Todos aqueles que então se deslocavam para a cidade vizinha o faziam exclusivamente para estudar no Anglo; eram cerca de 40 alunos os matriculados.

Em Jacutinga a Escola Estadual Júlio Brandão, onde estudei da 1ª a 8ª séries do ensino fundamental, também havia implantado o ensino médio, ampliado sua atuação e estendendo suas atividades gradativamente; passando assim a oferecer aos jovens a possibilidade destes cursarem sem nenhum ônus o nível médio e completarem sua formação básica. 1987 foi o primeiro ano em que este nível de escolaridade foi oferecido pela escola pública em Jacutinga. Primeiro funcionando apenas no período da manhã. Depois, no

início da década de 90, foram abertas as vagas para o período noturno[99], atendendo aos anseios daqueles que trabalham nas malharias durante o dia.

Assim um novo panorama escolar, aliado a transformações econômicas e sociais se configurava na cidade, ao mesmo tempo em que, no plano político, a democracia lentamente retornava ao país. Faço esta relação porque em Jacutinga, assim como em grande parte dos municípios brasileiros, durante a ditadura militar (1964-1985) não houve eleições diretas para a escolha do chefe do executivo municipal. O prefeito era indicado pelo governador do estado simplesmente por ser a cidade oficialmente reconhecida como estância hidromineral. As razões para este cerceamento dos direitos políticos nunca convenceram ninguém, mas...

De qualquer forma, quando as eleições foram restabelecidas, logo no 2º pleito, realizado em 1988, um novo grupo político capitaneado por um filho de italianos ainda jovem e muito popular na cidade de nome Luiz Roberto Pieroni (PDT), ascendeu ao poder[100]. Na 3ª parte deste capítulo será descrito como este fato acabou facilitando a criação e o estabelecimento do Colégio Educação e Cultura/Anglo em Jacutinga.

Antes porém serão expostos os limites da região sul de Minas Gerais que encontram-se sob a jurisdição escolar da 32ª Superintendência Regional de Ensino do estado, com sede na cidade de Pouso Alegre. Será exposto a seguir como aconteceu a expansão da rede de ensino privado na região no período

---

[99] Até o meio da década de 80 a Escola Estadual Júlio Brandão, que tradicionalmente se constituiu como uma escola reservada ao estudo dos filhos da elite local, pelo menos até a fundação do Anglo, não abria suas portas para nenhum tipo de atividade no período noturno, o que evidencia que a estrutura de funcionamento da escola pública em Jacutinga estava voltada a atender apenas as necessidades dos estratos sociais mais favorecidas economicamente e pouco dava oportunidades de freqüência aos alunos vindos da periferia ou que precisavam trabalhar para ajudar no orçamento doméstico. Em estudo de Frigotto (1987) fica demonstrada que esta não era uma situação exclusiva à cidade de Jacutinga.

[11] Neste ponto é preciso abrir uma nota para que fique exposto de forma clara que não há parentesco sangüíneo entre o prefeito de Jacutinga e o redator deste trabalho, apesar do mesmo sobrenome.

entre o final da década de 80 e primeira metade da década de 90, momento em que o material vendido pelo Sistema Anglo de Ensino ultrapassou as fronteiras do estado de São Paulo e ampliou seu alcance rumo a Minas Gerais.

Para finalizar esta nossa viagem gostaria de mais uma vez destacar que as Minas Gerais de Jacutinga são as minas das águas límpidas e minerais que descem das montanhas que ondulam o horizonte. Não são as minas tradicionais do ouro preto ou dos sertões de Rosa, nem as minas de ferro e pedras preciosas que brilham nos versos de Drummond. Somos parte da história ainda pouco conhecida de uma nova Minas, que tenta incorporar ao seu cotidiano o pão de queijo, o doce de leite, a carne de porco; e também o valor da escola, da educação, aliando a este processo o crescimento econômico conquistado com a produção de malhas e com a abertura ao turismo.

## 2.2 - A Região Escolar Sob Jurisdição da 32ª Superintendência Regional de Ensino do Estado de Minas Gerais.

Até aqui foram feitas algumas considerações sobre a cidade de Jacutinga e suas características históricas, políticas e geográficas. Para atingirmos o objetivo de descrever como se deu o processo de implantação de uma escola privada que adota um modelo de ensino franqueado neste município, é preciso formalizar a configuração escolar da região.

Qual a estrutura da rede particular que funciona nas cidades vizinhas a Jacutinga? Qual é efetivamente a presença do Sistema Anglo no Sul de Minas Gerais? Quando esta rede de ensino privado expande sua área de atuação e se estabelece na região? Como a região é vista aos olhos do Sistema Anglo de Ensino? Estas são algumas das questões que tentarei responder a seguir.

Antes no entanto é preciso enfatizar que o crescimento desta presença se deu de duas maneiras distintas: algumas escolas, como é o caso da unidade Anglo de Jacutinga, foram montadas e abertas sendo previamente estabelecido que funcionariam nos moldes de uma franquia, com a central inclusive oferecendo apoio técnico e suporte pedagógico para que o processo de autorização para o funcionamento destas fosse rapidamente aprovado. A outra maneira se relaciona à adoção do material apostilado em escolas privadas que já existiam e que se viram, por questões de concorrência e de sobrevivência, obrigadas a se tornarem parceiras destes Sistemas de Ensino.

Em linhas gerais se verifica que o primeiro destes casos, ou seja, o das novas escolas que iniciam suas atividades já sob a tutela de um sistema de ensino franqueado, seja Anglo, Objetivo, Positivo, Dom Bosco, etc..., geralmente surgem em cidades que não contavam até então com nenhuma

escola privada cuja concepção estivesse enfaticamente voltada para a preparação de seus alunos para o vestibular (Ouro Fino, Montes Sião, Jacutinga). A maioria das unidades escolares que se enquadram neste perfil na região sul de Minas Gerais foram abertas entre o final da década passada e o início desta.

A partir dos anos 90 a queda nos números de abertura de novos colégios particulares força uma mudança neste modelo de expansão e os sistemas de franquias educacionais centralizam seus esforços e estratégias de crescimento sobre escolas privadas já em funcionamento em cidades médias da região, como Pouso Alegre (85.095 habitantes), Itajubá (78.001 habitantes) e Poços de Caldas (114.056 habitantes)[101]. Nestas cidades algumas escolas tradicionais, passam então a adotar o material didático produzido e vendido por estes Sistemas de ensino franqueado.

Especificamente em relação a análise proposta por este trabalho cabe ressaltar que este duplo movimento de expansão, como já foi demonstrado no corpo do capítulo 1, segue a política de crescimento empresarial adotada pelo Sistema Anglo de Ensino.

Tal política encontra-se baseada no aumento cada vez maior do número de unidades franqueadas (as que assumem a identidade do Anglo) e de escolas parceiras (as que apenas compram o material apostilado e seguem com sua própria identidade), cujo raio de crescimento tem como centro a cidade de São Paulo e a direção do interior de estado e depois outros estados e outras regiões em todo o Brasil.

---

[101] http://www.ibge.gov.br. Dados populacionais referentes a 1994

É importante novamente notar que os critérios para a autorização de concessões se encontram ligados a simples idéia de avanço, de conquista de espaço em mercados ainda não explorados. Segundo pude constatar, para os diretores do Sistema Anglo não importa o número de alunos de cada unidade, mas sim os resultados alcançados e o pagamento em dia do material que é comprado.

As unidades do Sistema dificilmente se relacionam ou agem em conjunto, não há, por exemplo, uma associação das escolas particulares franqueadas; mas para fazer a propaganda institucional, o marketing do Sistema Anglo de Ensino foi encontrada uma solução regional: as unidades do Sistema Anglo foram agrupadas em blocos que seguem explicitamente a divisão territorial delimitada pela área de alcance das emissoras afiliadas da Rede Globo de televisão. A propaganda do Anglo é veiculada pelas emissoras de TV regionais ligadas a Globo e o custo desta publicidade é dividido pelas unidades do Sistema localizadas nas cidades que se encontram dentro dos limites de alcance das imagens de cada uma destas emissoras[102].

É como se o interior dos estados de São Paulo e Minas Gerais estivessem divididos pela Rede Globo em lotes que são explorados por cada uma das chamadas emissoras afiliadas. O Sistema Anglo de Ensino segue esta divisão para agrupar suas unidades franqueadas e dividir entre elas o custo da publicidade que obrigatoriamente é rateada entre as escolas de acordo com a porcentagem que o número de seus alunos representam em relação ao número total de alunos do Sistema Anglo na região.

---

[102] Esta informação, obtida a princípio em uma das unidades franqueadas, foi confirmada em entrevista pelo Coordenador de Franquias do Sistema Anglo de Ensino, realizada em 25/06/98.

Por isso a divisão regional das unidades do Anglo em grupos não coincidem com as regionalizações oficiais estabelecidas pelas secretarias estaduais de ensino.

Aqui surge um problema metodológico para a definição dos focos desta análise, pois a região sul de Minas Gerais, onde está localizada a cidade de Jacutinga, encontra-se dividida pela Secretaria de Estado da Educação em três Superintendências de Ensino, com sedes em Poços de Caldas, Itajubá e Pouso Alegre; enquanto que para o Sistema Anglo de Ensino a região é delimitada de acordo com a área de alcance da EPTV Sul de Minas, emissora afiliada da Rede Globo na região, ou seja, todas as unidades Anglo existentes em cidades do Sul de Minas formam para o Sistema Anglo um grupo único, embora a unidade de São Lourenço, por exemplo, pertença a área sob jurisdição da Superintendência Regional de Ensino de Itajubá; e a de Jacutinga pertença a área sob jurisdição da Superintendência Regional de Pouso Alegre, o que quer dizer que os dados referentes as escolas franqueadas do Sistema na região sul de Minas Gerais encontram-se divididos.

Como meu objetivo é lidar com aspectos da educação privada inerentes aos chamados sistemas de ensino franqueado a partir de um estudo de caso, concentrarei meus esforços de análise sobre as unidades Anglo da região que encontram-se sobre o alcance e responsabilidade da 32ª Superintendência Regional de Ensino de Pouso Alegre, pois esta supervisiona os estabelecimentos escolares existentes na cidade de Jacutinga. Mas não serão deixados de lado os números obtidos referentes ao conjunto das franquias do Anglo na região e as informações que dizem respeito as relações travadas entre estas unidades, principalmente porque, conforme foi descrito, tais

unidades franqueadas fazem a divulgação de seus resultados e a propaganda do sistema de forma integrada.

A criação destes grupos regionais de unidades Anglo também é utilizada para a realização de algumas reuniões conjuntas promovidas pela matriz. Estas reuniões servem para a discussão de questões referentes a finanças, apresentação dos novos materiais, explicações sobre métodos de ensino, problemas de desempenho e outras questões relativas ao funcionamento das franquias que eventualmente são levantadas.

Definidos os parâmetros para as configurações regionais do Sistema Anglo de Ensino, inicio a descrição das particularidades referentes a presença deste Sistema na região onde se encontra a unidade franqueada escolhida para nosso estudo de caso.

Em toda a região sul de Minas Gerais existem 11 unidades franqueadas do Anglo. A seguir serão mostradas quais são elas, com suas respectivas porcentagens de alunos em relação ao total de matrículas do Sistema na região: Pouso Alegre (18%); Lavras (24%); Andradas (5%), Guaxupé (7%), Itajubá (5%); Muzambinho (4%), Ouro Fino (5%), Poços de Caldas (14%), São Lourenço (5%), Varginha (8%) e, finalmente, Jacutinga (5%)[103]. Destas unidades apenas as de Ouro Fino, Pouso Alegre e Jacutinga encontram-se sob tutela da 32ª Superintendência Regional de Ensino, as demais se encontram agrupadas a estas três por se localizarem dentro dos limites alcançados pela EPTV Sul de Minas. Este percentual de participação de cada unidade sob o total de alunos do sistema é o parâmetro utilizado para o rateio da propaganda.

[103] Ver Anexos G.

Somando os números de registros de alunos de cada uma destas unidades escolares temos que o total de matrículas do Sistema Anglo no sul de Minas em 1996 era de 6.375 alunos; sendo que deste total apenas 2.508 cursavam o ensino médio e o restante, o fundamental e pré-escolar[104].

Devido aos problemas descritos - as unidades pertencem a diferentes regiões no mapa escolar da Secretaria Estadual da Educação - não foi possível verificar quanto este número representa em relação ao total de alunos que freqüentam as redes pública e privada de ensino nestas cidades, mas se forem somadas apenas os números referentes as três unidades do Anglo que se encontram sob jurisdição da 32ª Superintendência teremos um total de 1725 alunos. Como o total da rede privada de ensino nesta região em 1996 era de 8.675 alunos, verificados todos os níveis de ensino e as diferentes escolas, incluindo os cursos profissionalizantes, magistérios e supletivos, os alunos do Sistema Anglo correspondem a 20% do total das escolas particulares[105].

Quanto ao número de alunos matriculados nas salas exclusivas de cursinhos destas mesmas unidades do Sistema Anglo não foi possível obter dados, já que estes cursos preparatórios para os exames vestibulares são freqüentados majoritariamente por alunos que já terminaram seus estudos básicos, não havendo, portanto, a obrigatoriedade das escolas em apresentar os números relativos a este tipo de serviço a nenhum órgão oficial ligado a Secretaria de Educação de Minas Gerais ou ao Ministério da Educação do Governo Federal, nem ao menos para efeitos de levantamentos estatísticos.

---

[104] Dados resultantes das informações colhidas junto a 32ª Superintendência Regional de Ensino de Minas Gerais.

[105] Dados resultantes das informações colhidas junto a 32ª Superintendência Regional de Ensino de Minas Gerais.

Ainda sobre o conjunto das unidades franqueadas é importante detalhar um pouco mais como é feito, todo início de ano, o investimento publicitário para a divulgação do Sistema Anglo de Ensino na região.

A propaganda é feita através dos meios de comunicação e mídia, principalmente jornais, rádios FMs e, com óbvio destaque, pela EPTV Sul de Minas, afiliada à Rede Globo de televisão. Tal publicidade segue alguns padrões nacionais, como a adoção de um slogan único que muda a cada ano, e sua vinculação é obrigatória às escolas que trabalham com o material e com a marca Anglo.

Esta propaganda feita em conjunto transmite a imagem do Sistema Anglo de Ensino, não se trata, neste caso, de uma propaganda independente de uma unidade divulgando e explorando seus resultados, valores de mensalidades e outras características particulares, mas sim uma propaganda padronizada que ressalta e evidencia as qualidades gerais do Sistema Anglo.

Sendo assim, cada unidade paga sua parte de acordo com a porcentagem que o número de seus alunos representam em relação ao total das matrículas nas 11 unidades do Sistema Anglo na região sul de Minas Gerais alcançada pelas imagens da EPTV Sul de Minas. Deste modo a unidade de Jacutinga, por exemplo, paga 5% dos custos da propaganda anual[106].

Além deste apelo de marketing, a região conta com um conjunto de faculdades e universidades públicas e privadas[107] que formam profissionais com possibilidade de atuação nas mais diversas áreas de conhecimento, o que estimula e reforça ainda mais o desejo dos jovens da região de enfrentarem o

[106] Ver Anexos G

vestibular; um desejo valorizado pelo fato de que o custo de vida em cidades pequenas e interioranas é bem menor do que em outros tradicionais centros de ensino como São Paulo, Belo Horizonte ou mesmo Campinas. Sem contar a qualidade de vida e o imaginário de liberdade proporcionado pelo convívio em repúblicas com os colegas, sem o riscos inerentes às grandes cidades. Esta hipótese de um estudo mais próximo da família, mais barato e mais seguro em muito agrada aos pais.

De modo geral a região sul de Minas Gerais mostra-se como um mercado emergente, suas cidades apresentam um bom nível de crescimento demográfico e econômico. A região tem recebido fortes investimentos por parte do setor público, como por exemplo a obra de duplicação da Rodovia Fernão Dias que liga São Paulo e Minas Gerais, o que evidencia seu potencial de desenvolvimento e abre espaço para a instalação de grandes empresas privadas, fato que geralmente se relaciona a uma maior oferta de empregos e de circulação de capital, criando novas perspectivas entre os moradores.

É claro que no rastro deste quadro promissor surge uma ampla oferta de novos produtos e serviços. Assim o ensino privado vai também ocupando o seu espaço. Aos meus olhos, que são os olhos de quem quando em idade escolar básica não contava com muitas oportunidades para dar seqüência a seus estudos em sua própria cidade, este movimento de crescimento do número de escolas que trabalham em sistema de franquias aconteceu na direção de São Paulo rumo a Minas Gerais. Um movimento de travessia de fronteiras que se intensificou no final da década de 80[106].

---

[107] Podem ser destacadas as universidades federais de Lavras, Alfenas, Itajubá e Santa Rita do Sapucaí e as faculdades particulares existentes em Pouso Alegre, Poços de Caldas, Ouro Fino e também em Alfenas.

[106] Movimento este que, conforme revela estudo de Mafra (1988), segue a tendência de expansão e privatização do ensino médio no estado de Minas Gerais. Segundo a autora no período entre os anos

A princípio minha hipótese para este trabalho era a de verificar o crescimento da rede privada de ensino médio apostilado na região oeste do Estado de São Paulo. Cheguei até mesmo a colher uma série de dados prévios em visitas a Delegacia Regional de Ensino de Mogi Mirim[109], no entanto me defrontei com números que inverteram o rumo de minhas investigações pois evidenciavam a retração do crescimento da rede privada.

Durante os anos 80 nesta região pelo menos 5 escolas que trabalham em sistema de franquias foram criadas: as unidades Anglo de Mogi Guaçu e Itapira (cujos mantenedores são os mesmos) e as unidades Objetivo de Mogi Mirim, Itapira e Mogi Guaçu. Já nos anos 90 houve um refluxo na tendência de abertura de novas escolas privadas de ensino médio. Mas, na verdade, percebi que o processo de expansão não havia cessado, simplesmente havia se deslocado, ultrapassado a fronteira em direção a Minas.

Alguns pais (caso de Jacutinga), professores (caso de Monte Sião) e empresários (caso de Ouro Fino), perceberam que o deslocamento de seus filhos ou alunos ou consumidores todos os dias de Minas Gerais para as cidades vizinhas do estado de São Paulo em busca de uma educação mais adequada visando a preparação para os exames vestibulares era desnecessário, diante da possibilidade oferecida de se criar suas próprias escolas dentro dos limites de seus municípios.

Gostaria de justificar estas afirmações e comprovar este deslocamento demonstrando alguns dados sobre o crescimento do número de

---

de 1961-1981 o crescimento da rede particular de ensino neste estado superou todos os índices de expansão verificados no restante do país. Um dos dados por ela apresentados revela, por exemplo, que em 1980 63,6% das matrículas iniciais no ensino médio mineiro foram efetivadas em escolas privadas e apenas 36,4% em escolas da rede pública. Mesmo em relação ao número de estabelecimentos esta maioria se mantém: em 1980 a rede privada contava com 588 escolas de ensino médio (64,0% do total) e a rede pública era composta de apenas 331 (36,0%).

estabelecimentos escolares privados na região da 32ª Superintendência Regional de Ensino De Minas Gerais, um crescimento verificado principalmente nos primeiros anos da década de 90.

Ao todo são 30 municípios sob jurisdição desta Superintendência. Somam-se 521 estabelecimentos de ensino básico (educação infantil, fundamental e média), sendo 338 municipais, 117 estaduais, um federal e 65 particulares. O número total de alunos matriculados na região, segundo dados relativos a 1996, era de 103.414; sendo que 94.739 estudavam em escolas públicas municipais, estaduais e uma federal (91,7%) e 8.675 em escolas privadas (8,3%)[110], 2.608 alunos destes matriculados no ensino médio (30%).

Quanto ao dados sobre o número de estabelecimentos de ensino privado, a Superintendência informa que em 1991 havia 22 escolas particulares na região (contando também cursos técnicos, magistério e escolas de educação infantil), sendo que apenas 05 trabalhavam com o ensino médio regular. Em 1992 o número total subiu para 24, mas o crescimento das escolas de ensino médio foi de 100%, dobrando o número de escolas que trabalham com este nível de escolaridade para 10; sem coincidências, o ano de 1992 marca também o início das atividades do Colégio Educação e Cultura/Anglo Jacutinga. Em 1993 mais um pequeno salto e o número de escolas particulares passa para 29, sendo 13 de ensino médio. Em 1994 ocorre outro aumento, as escolas particulares passam para 30. Sobre 1995 não existem dados pois, segundo fui informado, não houve verbas suficientes para a sistematização dos números. No entanto os números relativos a 1996 revelam que o processo de

---

[109] Que tem apenas 8 municípios sob sua jurisdição: Itapira, Mogi Guaçu, Mogi Mirim, Santo Antônio da Posse, Holambra, Estiva Gérbi, Engenheiro Coelho e Arthur Nogueira

[110] Estes dados foram obtidos através das informações fornecidas pela 32ª Superintendência Regional de Ensino de Pouso Alegre

expansão manteve-se acelerado mas em outro nível de escolaridade: a educação infantil e pré escolar. Neste ano o número total de estabelecimentos particulares de ensino em funcionamento havia aumentado para 65, só que apenas mais uma escola com ensino médio surgiu, subindo para 14[111], o que evidencia que na metade da década o crescimento específico deste nível de ensino se estagnou[112].

O número total de alunos matriculados em estabelecimentos privados de ensino na região aumentou 247% em apenas 6 anos, passando de 3878 em 1991 para 8675 em 1996, e para 9568 em 1997[113].

Um rápido levantamento sobre as 14 escolas privadas que trabalham com ensino médio na região até o final do ano letivo de 1996 nos revela que 8 delas adotam material didático apostilado vendido pelos Sistemas de Ensino franqueadores. Os colégios São Marcos (Ouro Fino), Educação e Cultura (Jacutinga) e João Paulo II (Pouso Alegre) trabalham com o Anglo (São Paulo); os colégios Montesionense (Monte Sião), Meta (Cambuí) e Senador Amaral (Pouso Alegre), trabalham com o Objetivo (São Paulo); o colégio Santo Antônio (Jacutinga) trabalha com o material do Dom Bosco (Curitiba - PR); o colégio São José (Pouso Alegre) trabalha com o Grupo Positivo (Curitiba - PR) e o Colégio Pouso Alegre com o material Soma. Os outros 6 estabelecimentos são escolas técnicas ou de suplência que adotam material próprio.

---

[111] O grande aumento no número de estabelecimentos se relaciona principalmente a abertura de várias escolas específicas de educação infantil, nível da escolaridade básica onde atualmente ocorre o maior crescimento da rede privada.

[112] As próprias funcionarias da 32ª Superintendência com quem conversei informalmente notam esta diminuição nos últimos anos e afirmam que hoje a maioria dos novos processos de instalação de escolas que são iniciados são referentes a educação infantil.

[113] Os números gerais da 32ª Superintendência Regional de Ensino relativos ao ano de 1997 ainda não encontravam-se totalmente disponíveis até o mês de maio de 98, no entanto me foi possível obter extra-oficialmente o número total de matrículas em escolas particulares.

Antes de seguir em frente e iniciar a descrição de como ocorreu a criação e implantação do Colégio Educação e Cultura, gostaria de fazer um mapeamento mais específico sobre a educação no município de Jacutinga, mostrando qual é o número total de alunos matriculados na cidade e outros dados a respeito das redes pública e privada. Lembrando que os dados apresentados a seguir se referem ao ano letivo de 1996 e também foram colhidos junto a 32ª Superintendência Regional de Ensino de Minas Gerais.

A taxa de evasão na rede de escolas públicas do município de Jacutinga no ano de 1996 foi de 11,5%; a de repetência de 7,3%. Não existem estes dados sobre a rede privada.

A rede pública estadual contava àquela época ainda com 5 unidades de ensino, pois a EE Prof. Alfeu Duarte não havia sido municipalizada, e totalizava 2777 alunos matriculados.

A rede pública municipal de ensino então era composta por 25 escolas, 21 delas localizadas na zona rural. O número de alunos matriculados era de 935. Atendendo as metas propostas pelo governo federal, ainda durante o ano de 1996 estas escolas rurais, que em sua maioria contavam com apenas uma sala de aula dentro das quais as crianças de todas as 4 primeiras séries da educação fundamental e das mais diferentes idades eram ensinadas ao mesmo tempo, foram extintas e seus alunos passaram a ser deslocados para a zona urbana, onde um novo prédio escolar começou a ser construída para centralizar a presença dos estudantes.

Até o mês de julho de 98 a nova escola ainda não havia sido inaugurada, enquanto isso seus alunos, a maioria oriundos da zona rural, freqüentam as aulas em um prédio improvisado pela prefeitura[114].

Quanto a rede particular de ensino de Jacutinga, em 1996 ela era formada por 3 estabelecimentos: o Colégio Educação e Cultura/Anglo Jacutinga (315 alunos); O Colégio Santo Antônio e seu anexo Colégio Normal de Magistério (111 alunos) e ainda o Instituto Bíblico Peniel, uma instituição missionária norte-americana com sede na zona rural do município que oferece aos filhos de seus estagiários educação pré escolar e de 1ª à 4ª séries do ensino fundamental (26 alunos). Total da rede: 452 alunos.

Nos últimos dois anos o panorama escolar do município em muito se alterou, houve a incorporação pelo poder público local de grande parte dos alunos da rede estadual devido a municipalização da escola Alfeu Duarte e a expansão da rede particular de ensino para 708 alunos (crescimento de 63,8% em dois anos).

Segundo dados preliminares relativos ao número de matrículas iniciais efetivadas para o anos letivo de 1998[115], a rede de ensino público de Jacutinga conta com 1976 alunos estaduais e 2.089 alunos municipais, somando 4.055.

Somando estes números chega-se ao total da população escolar do município: 4.763; sendo que 8,39% destes são alunos do Sistema Anglo de Ensino.

Devido a intenção do governo federal em estabelecer o ano de 1998 como o ano nacional de matriculas muitas crianças que encontravam-se fora dos bancos escolares foram levadas às salas de aula. Isto fez aumentar a

---

[114] Ironicamente situado na mesma rua que o Colégio Educação e Cultura.
[115] Dados coletados na 32ª Superintendência Regional de Ensino em 27/07/98

demanda pelo ensino público, principalmente porque, no caso de Jacutinga, a prefeitura municipal em busca dos recursos repassados pelo MEC criou condições para o transporte gratuito dos alunos da zona rural para as escolas localizadas na sede do município nos três turnos: manhã, tarde e noite.

Outro ponto a ser destacado e que provocou mudanças no quadro da educação jacutinguense se refere a abertura de novas salas de ensino fundamental e médio privado pelo Colégio Santo Antônio, que no ano de 1998 ampliou sua atuação para além dos cursos técnico em contabilidade e magistério e passou a oferecer cursos regulares baseados no método de apostilas da marca Dom Bosco. Também foram abertas duas novas escolas de educação infantil na cidade, o que configura um quadro de expansão do número de matrículas da rede particular de ensino presente no município. Soma-se a isso o aumento verificado nos números de novas matriculas efetivadas no Colégio Educação e Cultura/Anglo Jacutinga que serão demonstrados e temos a constatação de que a porcentagem de alunos matriculados em escolas particulares na cidade de Jacutinga representa 17,45% do total , o dobro da participação geral da rede privada na região[116].

Passarei agora enfim a narração de como a rede particular começa a ganhar espaço no município de Jacutinga através da criação do Colégio Educação e Cultura, que faz ressurgir nas camadas médias ascendentes da sociedade local a necessidade e, principalmente, a possibilidade de "investir" na educação de seus filhos.

[116] Dado colhido na 32ª Superintendência Regional de Ensino de Minas Gerais.

## 2.3 - História e Consolidação do Colégio Educação e Cultura/Anglo Jacutinga

Antes de iniciar o relato do processo de criação de um colégio privado que funciona nos moldes de uma unidade franqueada de um Sistema de Ensino, é preciso reafirmar as razões que me levaram a considerar que este estudo de caso pode ser tomado como parâmetro o alcance do objetivo de equacionar as características deste tipo de ensino e como é o funcionamento de uma de suas unidades franqueadas, sempre lembrando que cada uma delas, apesar de seguir a um modelo pré fabricado, apresentam especificidades, particularidades e histórias diferenciadas.

De qualquer forma a unidade escolhida, o Colégio Educação e Cultura/Anglo Jacutinga, preenche os requisitos iniciais para levarmos adiante esta investigação: pertence ao Sistema Anglo, funcionando como uma franquia que utiliza-se de uma marca registrada cujo uso é permitido de acordo com um contrato renovado anualmente que também garante a compra do material didático.

Além disso o trabalho por mim realizado como professor de sociologia nesta unidade e meu envolvimento pessoal com a cidade de Jacutinga facilitam bastante o acesso as fontes para a pesquisa e a própria reflexão sobre os mecanismos de funcionamento de uma escola franqueada.

No entanto é preciso cuidado para que este estudo não gere falsas interpretações que venham inclusive a prejudicar meu trabalho cotidiano enquanto professor. Questões polêmicas e delicadas irão aparecer, não há como negar alguns fatos, mas deixo de antemão explícito que iniciei esta investigação consciente de seus riscos e também de seus possíveis méritos,

na medida em que julgo várias das ações e das conquistas do Colégio Educação e Cultura em Jacutinga extremamente positivas. Resta-me contar com a percepção dos leitores para que estes pontos e as possíveis contribuições de uma escola privada para o quadro geral da educação no país e para o quadro específico de um pequeno município do interior de Minas Gerais sejam evidenciados.

Primeiramente vamos tentar reconstruir as motivações que levaram ao surgimento e criação deste Colégio. Esta trajetória é interessante por revelar também como é o processo para a concessão de autorização para o funcionamento de uma escola privada, e quais são os procedimentos e negociações para a obtenção de uma franquia do Sistema Anglo de Ensino.

A idéia para a fundação do Colégio surgiu em 1990. A principal justificativa apontada pelos idealizadores (atuais mantenedores) foi a falta de alternativas para a educação dos seus filhos fora da rede publica estadual de Minas Gerais. A história recente do comprometimento da qualidade e mesmo da segurança das escolas públicas me dá subsídios para afirmar que a classe média não quer colocar seus filhos na escola pública e não luta pela melhoria dos serviços oferecidos pelo Estado, pelo contrário, tenta poupar recursos que permitam a compra de uma suposta "qualidade" oferecida pelos grupos empresariais privados que atuam na área da educação[117].

Este fato acabava levando os pais dispostos a investirem em uma formação por eles julgada como mais adequada aos seus objetivos a

---

[117] Este posicionamento de classe que não consegue ou não quer se mobilizar e se organizar no sentido de exigir uma melhoria nos serviços públicos me parece muito claro quando percebo que na cidade de Jacutinga a situação de ascensão econômica provocada pelo sucesso das malharias cria um universo de disputa e concorrência que inibe a união. Um dos poucos fatos registrados na história recente do município que contraria este quadro de segmentação social foi uma reação violenta por parte dos proprietários das malharias contrários a presença dos fiscais da receita estadual no município, ou seja, o protesto foi contra a presença do Estado .

matricularem seus filhos na unidade franqueada do Anglo em Itapira SP, o Grupo Educacional Integrado.

Como já foi anteriormente exposto, este deslocamento de alunos não era uma novidade, eu mesmo freqüentei o Anglo/Itapira em 1986, ano de sua fundação, e mesmo antes dos anos 80 as famílias tradicionais e de maior poder aquisitivo de Jacutinga sempre procuraram enviar seus filhos para o estudo secundário em outras cidades, as vezes até bem mais distantes.

Nos anos 50 e 60 um endereço comum para a realização dos estudos primários e secundários eram os temidos colégios religiosos, onde as crianças e jovens eram "internadas". Inclusive meus dois irmãos, cerca de 18 anos mais velhos que eu, foram mandados para estudar em Pouso Alegre, Itajubá, Borda da Mata[118].

Nos anos 70, com a expansão do ensino médio privado e a abertura de escolas mais "liberais" e leigas e dos cursinhos, os colégios internos foram gradualmente sendo substituídos na preferencia daqueles que procuravam um tipo de ensino mais específico preparatório para os exames vestibulares. Nesta época Campinas, então já com duas de suas universidades[119], começava a despontar como o pólo estudantil mais próximo de Jacutinga.

Nos anos 80, devido a questões econômicas e mesmo afetivas, o fluxo migratório dos alunos de Jacutinga desviou-se para Itapira. Mas a viagem diária para a vizinha cidade paulista tinha seus custos e seus riscos. Quando o número de pais que procuravam por vagas no Anglo/Itapira e pelo serviço de transporte aumentou e as Kombis foram substituídas por um ônibus lotado com

[118] Percebe-se que nesta época a rota dos estudos seguia a direção de algumas cidades mineiras.
[119] PUC-Campinas e UNICAMP.

46 passageiros, surgiu a idéia de se montar uma filial da unidade franqueada de Itapira em Jacutinga.

No início do ano de 1990 alguns pais resolveram implementar uma ação e procuraram a direção do Grupo Educacional Integrado/Anglo-Itapira para sondar as possibilidades desta expansão. A princípio houve interesse, mesmo porque os alunos oriundos de Jacutinga representavam uma considerável fatia da receita do Colégio Integrado, que, obviamente, não gostaria de perder estas matrículas.

No entanto o projeto não caminhou devido a dificuldades financeiras e, principalmente, burocráticas, já que, estando Jacutinga localizada em outro estado da federação, havia a necessidade de se montar um processo específico para que se obtivesse a documentação que autoriza em Minas Gerais o funcionamento de uma escola privada. Além disso, conforme perceberemos ao longo do texto, negociações de caráter político também são fundamentais neste processo de montagem e abertura de um novo estabelecimento escolar. Estas circunstâncias acabaram por determinar o desinteresse dos mantenedores do Anglo/Itapira em abrir uma filial em Jacutinga.

Mas isto não desanimou o grupo de pais que passou então a vislumbrar a hipótese deles mesmos se organizarem para tentar montar uma franquia do Anglo em Jacutinga.

A idéia ganhou corpo. O discurso inicial era o da fundação de um estabelecimento de ensino sem fins lucrativos, uma espécie de escola comunitária que seria gerida pelos pais dos alunos e que contariam com o apoio didático e pedagógico do Sistema Anglo de Ensino. Mas esta justificativa

foi descartada logo no primeiro contato com a matriz do Sistema em São Paulo, pois as regras do Anglo impõem que a pessoa física ou jurídica com pretensões de se tornar uma unidade franqueada deve estar legalmente constituída enquanto entidade escolar de direito privado.

Obedecendo estas recomendações foi formada em setembro de 1990, mais precisamente no dia 12, a Sociedade Jacutinguense de Educação e Cultura, cujos membros pioneiros foram três dos sete mantenedores atuais do Colégio, todos então com filhos estudando em Itapira: O Sr Carlos Roberto Grossi, coordenador financeiro do grupo e atual vice-prefeito da cidade; o bioquímico Dr. Luiz Carlos Ferraz do Amaral, professor e primeiro diretor administrativo da sociedade, e o engenheiro Antônio Henrique Almeida Moreira, que, por trabalhar em São Paulo e em São José dos Campos, teve uma atuação de destaque no processo de convencimento para que os supervisores do departamento de franquias do Anglo aceitassem a criação de uma unidade em Jacutinga.

Iniciam-se então dois movimentos específicos em busca da abertura do Colégio: um visando em São Paulo a autorização para a criação de uma unidade do Sistema Anglo de Ensino em Jacutinga, ou seja, a concessão de uma franquia deste sistema; e outro relativo aos procedimentos legais que devem ser tomados para a criação de uma escola particular no estado de Minas Gerais. Começa a fase de convencimento de todas as partes envolvidas: os pais dos possíveis alunos, a comunidade local, as autoridades municipais, os técnicos do Sistema Anglo, a burocracia estatal.

O contato inicial com a matriz do Sistema Anglo de Ensino em São Paulo não foi muito produtivo nem receptivo, uma vez que também houve pressões

no sentido contrário ao surgimento de uma unidade do Sistema em Jacutinga por parte dos mantenedores da unidade de Itapira. Mas como me foi relatado por alguns dos mantenedores com quem conversei, o principal argumento apresentado pelos responsáveis pela concessão de franquias do Anglo para rechaçar a idéia de abertura de uma unidade em Jacutinga foi o número pequeno da população do município, então com cerca de 14.000 habitantes.

Para os técnicos isto significava um mercado restrito de matrículas que poderiam não se efetivarem em número suficiente para a montagem de uma escola com séries de educação infantil, fundamental e média que representam no mínimo 12 classes. Sem dúvida tratava-se de um quadro de incertezas que poderia prejudicar os resultados financeiros da franquia, ou seja, havia um grande risco de prejuízos.

Então, graças ao apoio do poder público municipal que garantiu algumas vantagens para a instalação do Colégio; e as relações de amizade travadas entre alguns dos mantenedores da unidade de Jacutinga e os donos da importante unidade franqueada de São José dos Campos[120], foi feita uma espécie de pressão para que o Anglo estudasse com mais carinho a possibilidade de permitir a abertura de uma unidade em Jacutinga.

É muito interessante notar que a princípio o Sistema Anglo não demonstrou disposição em instalar uma franquia em Jacutinga. A presença do Anglo na cidade acaba sendo fruto de uma luta movida por alguns pais de alunos, não por empresários procurando expandir sua atuação no mercado de ensino privado. Ao contrário, é a cidade que bate a porta da matriz deste Sistema de ensino, procura o serviço e revela seu interesse. Aparentemente

[120] A unidade de São José dos Campos foi a 1ª unidade do Anglo a existir fora da capital.

este jogo de negociações inclusive faz parte do esquema de funcionamento de qualquer empresa que trabalha em sistema de franquias, seja na área de educação ou não[121], o interessado por uma determinada marca é quem geralmente procura os que oferecem um determinado serviço e se dispõe a aceitar as condições impostas, que vão da adaptação do espaço aos padrões estabelecidos pela matriz até os preços que poderão ser cobrados pelos produtos.

Vencidas as resistências e aceitas as condições, chega-se a um acordo e o Sistema Anglo passa a ajudar no processo oficial de criação e instalação do Colégio Educação e Cultura/Anglo Jacutinga.

A Resolução nº 306/83 do Conselho Estadual de Educação de Minas Gerais estabelece as etapas a serem cumpridas e os documentos necessários para que se inicie o processo legal para a criação de uma escola, no caso por nós analisado privada. A quantidade de documentos exigidos é muito grande, o que por vezes inibe a criação de novos estabelecimentos de ensino. Arrisco até afirmar que talvez seja este excesso de burocracia um estímulo para a abertura de novos cursinhos pré-vestibulares que, diferente de uma escola privada regular que trabalha com ensino fundamental ou médio, não precisam cumprir nenhum tipo de determinação legal ou de seguir qualquer tipo de legislação específica para iniciar suas atividades.

O primeiro passo do processo de criação de uma escola privada é um requerimento do representante legal da entidade mantenedora dirigido ao Secretário de Estado da Educação expondo as suas intenções e justificativas. Trata-se de um pedido de autorização de funcionamento. Deve ser anexado a

---

[121] Embora já tenhamos feito observações que nos levam a observar que nos últimos anos este modelo teve de ser revisto.

este requerimento um documento afirmando que o estabelecimento pretendente não iniciou as atividades escolares correspondentes à autorização pedida.

Segue-se a isto a formulação e apresentação de um documento conhecido como carta-consulta. Este documento, elaborado pela entidade mantenedora que pretende abrir uma escola e atuar na área de educação, deve conter a descrição completa de tudo referente aos sócios do colégio, a constituição e ao funcionamento do futuro estabelecimento de ensino, bem como as justificativa apresentadas para sua criação: denominação, endereço, acomodações físicas, finalidade e orientação pedagógica, serviços administrativos, estrutura pessoal, modalidades e formas de matrícula, previsão de duração do ano letivo, calendário, conteúdo curricular, formas de avaliação, regras de freqüência, recuperação e promoção, características e números do corpo docente, idoneidade civil e financeira dos sócios da entidade mantenedora requerente.

A carta-consulta é muito mais do que uma simples descrição prévia do projeto de funcionamento de cada escola privada que pretende iniciar suas atividades, trata-se do mais importante documento, são as chaves da escola. As informações prestadas devem ser amplas e abrangentes, expondo até mesmo dados sobre o município e sobre os mantenedores.

No caso do Colégio Educação e Cultura/Anglo Jacutinga, o início desta verdadeira via sacra burocrática ocorreu no mês de setembro de 1990 e desde o começo contou com o importante auxílio dos poderes executivo e legislativo municipais.

Para atender as exigências iniciais impostas pela Secretaria Estadual da Educação segundo a Resolução 306/83, era preciso que a entidade mantenedora fizesse algum tipo de convênio que comprovasse a disponibilidade de uso por parte da futura escola de área para a prática de educação física; era preciso também que se criassem condições especiais que possibilitassem o acesso provisório dos seus alunos a uma biblioteca, enquanto não fosse montado um acervo bibliográfico próprio.

Neste sentido, visando auxiliar a entidade mantenedora na criação de uma escola privada em Jacutinga, o Sr prefeito Luís Roberto Pieroni encaminha a Câmara Municipal no dia 13/09/90 a mensagem nº 028/90, adicionada de projeto de lei nº 32/90, que requer a convocação extraordinária dos vereadores para a discussão, em regime de urgência, do referido projeto de lei, que autoriza a assinatura de convênio ente a prefeitura e a Sociedade Jacutinguense de Educação e Cultura.

Composto de três artigos que possibilitam ao executivo assinar convênio para que o futuro colégio possa fazer "uso especial" da biblioteca e do ginásio municipal de esportes por um prazo de 5 anos a contar de janeiro de 1991 (prazo este que pode ser posteriormente renovado), o projeto é aprovado sem dificuldades no plenário do legislativo e transforma-se na Lei Municipal Nº 870/90, sancionada em 20/09/90.

Ainda durante este mesmo mês de setembro de 1990 o pedido de autorização, a carta-consulta, a planta baixa do prédio que irá sediar a escola, a relação dos equipamentos e uma cópia do Regimento Escolar (espécie de constituição que regulamenta a organização e o funcionamento da escola), são encaminhados à Secretaria Estadual da Educação através da 32ª

Superintendência Regional de Ensino de Minas Gerais que forma então uma comissão para a verificação in loco das informações contidas nos documentos.

O relatório específico sobre a visita realizada em Jacutinga no dia 21/09/90 data de 27/09/90, e é assinado por dois inspetores de ensino. Segundo o parecer emitido pelo relator do processo para a autorização do funcionamento do Colégio Educação e Cultura em 14/02/91, houve "plena correspondência entre a situação alegada e a efetivamente encontrada pelos inspetores"[122].

No relatório desta referida visita, escrito a mão, consta, por exemplo, que a escola irá funcionar em prédio cedido por tempo indeterminado situado a Ruas dos Expedicionários nº 145[123]; há também a descrição de cada uma das 9 salas de aulas, da sala do diretor, da secretaria e seus equipamentos e a seguinte afirmação:

> *"O Colégio Educação e Cultura acabará com a grande preocupação dos pais dos jovens adolescentes que se deslocam para cidades vizinhas, percorrendo rodovias movimentadas e cheias de risco, mantendo-os próximos do lar por mais tempo até se tornarem mais maduros quando poderão partir em busca do 3ºgrau"*[124].

Portanto e para todos os efeitos os inspetores se mostraram extremamente favoráveis a aprovação dos processos de autorização de funcionamento do Colégio Educação e Cultura, assumindo a posição de defesa

---

[122] Câmara do Ensino de 2º grau, parecer nº 157/91
[123] Mesmo local de funcionamento do Colégio Santo Antônio.
[124] Relatório de Verificação in loco, 27/09/90

desta autorização e o próprio discurso das justificativas apresentadas pelos mantenedores.

No dia 24/09/90, data entre a verificação in loco e a apresentação do relatório final sobre esta visita feita pelos inspetores, acontece a aprovação prévia do Regimento Escolar do Colégio Educação e Cultura, enviado pela entidade mantenedora a Superintendência de Ensino de Pouso Alegre. Neste Regimento, que deixa transparecer a impressão de ter sido construído a partir de um modelo prévio perfeitamente aplicável a qualquer escola desde que se especifiquem algumas particularidades, se revelam em vários capítulos (70 páginas) toda a configuração e as regras para o funcionamento de um estabelecimento de ensino privado, suas finalidades, objetivos, orientação pedagógica, corpo docente, mantenedores. No entanto, apesar de naquele momento já existir a definição de que o Colégio Educação e Cultura trabalharia como uma unidade franqueada do Sistema Anglo de Ensino, seguindo suas orientações, metodologia e material didático, em nenhuma linha deste e dos outros documentos exigidos pela Secretaria Estadual de Ensino esta união é citada ou aparece de forma implícita ou explícita[125].

Este detalhe, ou "esquecimento intencional" ao meu ver compromete todas as razões que justificariam o excesso de papeis exigidos pela Secretaria de Estado da Educação no processo que autoriza a criação de uma escola privada, na medida em que neles não aparecem vestígios sobre os vínculos entre um determinado colégio com o Sistema Anglo de Ensino ou com qualquer

[125] Esta união prévia entre o Sistema Anglo de Ensino e a entidade mantenedora do Colégio Educação e Cultura pode ser comprovada pelo texto de um documento oficial municipal: a mensagem 028/90 enviada pelo prefeito de Jacutinga à Câmara Municipal, datada de 13/09/90, nela se lê "O Projeto de Lei que tenho a honra de enviar a essa ilustre Câmara, prende-se ao fato da intenção de fundação de uma escola particular de 1° grau e colegial sob a direção técnica do Anglo". Ou seja, o poder público municipal estava ciente desta parceria e a acolheu com entusiasmo, quanto a este fato ser levado ao conhecimento dos órgãos estaduais que gerencial a política educacional não existe nenhuma obrigatoriedade legal.

outra destas empresas de ensino franqueado. Mas como não existe nenhum mecanismo legal que torne obrigatória sua exposição, esta omissão não fere nenhuma lei e segue a cartilha liberal de liberdade de escolha da iniciativa privada e de não interferência do Estado.

Cópias de todos estes documentos, seus inúmeros carimbos e suas publicações no Diário Oficial foram por mim analisadas. Creio ser muito importante nesta descrição de um processo de criação de uma escola privada destacar que em nenhuma linha de nenhum dos documento oficiais submetidos aos órgãos educacionais competentes, aparece qualquer tipo de menção em relação ao verdadeiro material didático que será usado na escola e muito menos qualquer referencia ao Sistema Anglo de Ensino.

No Capítulo I, Título VI do Regimento Escolar do Colégio Educação e Cultura, que trata da organização didática e da estrutura de ensino do colégio, não há qualquer menção ao material apostilado produzido pelo Anglo. Cabe a nós educadores nos perguntarmos o porque desta omissão.

Aliás já observamos que a elaboração de toda a documentação segue um modelo aplicável as mais diferentes escolas, e que, para a realização deste trabalho, conta-se inclusive com a ajuda de "especialistas" e técnicos. Ao meu ver estas são algumas evidências de mecanismos bem brasileiros, o conhecido "jeitinho", utilizados, neste caso para facilitar e dar agilidade ao processo de abertura de uma escola privada.

Voltando a cronologia percebemos que também no dia 24/09/90 diante da aprovação do Regimento Escolar iniciam-se os encaminhamentos para a obtenção da autorização prévia que permite o funcionamento provisório da escola e a abertura de matrículas.

Após a análise do conjunto dos documentos pelo Conselho Estadual de Educação a carta-consulta é aprovada através do parecer nº 157/91 de 14/02/91, que foi publicado no Diário Oficial de Minas Gerais em 21/02/91. Isto indica que a autorização provisória que permite o funcionamento do Colégio Educação e Cultura deverá ser concedida por um prazo de dois anos. O parecer também informa que 120 dias antes do esgotamento do referido prazo o colégio deve necessariamente encaminhar ao Conselho um pedido de Reconhecimento Definitivo.

Considerando este parecer do Conselho que se mostra favorável a autorização, a Secretaria Estadual da Educação faz publicar no Diário Oficial de 07/03/91 a portaria nº 280/91, que permite o funcionamento do Colégio Educação e Cultura em Jacutinga e o registro de matrículas para alunos em todos os níveis de educação, da pré-escola ao ensino médio.

De posse dos documentos oficiais que permitiriam a abertura da escola, os mantenedores utilizam o ano de 1991 inteiramente para a organização da estrutura física e financeira do colégio, para a assinatura do contrato de filiação ao Sistema Anglo de Ensino que possibilita o uso do nome e a compra do material apostilado, e para a captação e matrícula dos alunos que continuavam a viajar para Itapira, bem como de outros novos.

Assim, o Colégio Educação e Cultura prepara sua entrada na cidade e finalmente abre suas portas para inscrições no início do ano de 1992, começando a funcionar em fevereiro, já contando com todas as séries do ensino fundamental em atividade e 186 alunos matriculados.

Não podemos considerar que este processo de estabelecimento ocorreu sem conflitos. Quando a idéia de se montar um colégio privado vazou para a

comunidade sem dúvida houveram resistências, inclusive por parte dos profissionais de ensino ligados a rede pública, que se sentiram ameaçados com a presença de uma escola privada no município. Um dos mantenedores fala sobre este assunto:

> *"Quando nós começamos a correr atrás da idéia de trazer uma escola de qualidade para Jacutinga sofremos restrições de todos os lados. As pessoas da cidade diziam que era impossível, que a cidade não tinha estrutura para contar com um colégio particular. Este discurso se repetiu quando tivemos o primeiro contato com os técnicos e suas análises estatísticas, o pequeno número da nossa população era um obstáculo.(...) Os profissionais da educação local se manifestavam contrários a abertura do colégio, imaginavam que estávamos os denegrindo, que estávamos emitindo um atestado de incompetência. Mas o que nós queríamos também era implantar aqui um ritmo e um espírito diferente. Nossos jovens haviam se acomodado, haviam perdido a idéia do que era a universidade, estavam todos adormecidos e desestimulados, a escola não era mais valorizada pois víamos pelas ruas advogados e engenheiros trocando seus diplomas pelas malharias. As famílias questionavam o valor de um diploma."*[126]

De fato os embates ocorridos no seio da sociedade local entre aqueles que defendiam e aqueles que execravam ou levantavam dúvidas quanto a presença do Colégio Educação e Cultura na cidade iriam inclusive se acentuar, especialmente em um momento muito delicado, quando a entidade mantenedora passou a requerer junto ao poder público a instalação do Colégio

Educação e Cultura em um prédio público municipal, então ocupado pelo batalhão da Polícia Militar. A seguir passaremos a acompanhar como ocorreu mais esta etapa rumo a consolidação do Colégio na cidade; etapa esta que contou, é claro, com um respaldo ainda maior das autoridades.

De passagem foi colocado que o prédio onde inicialmente o Anglo/Jacutinga começou a funcionar era provisório e suas instalações precárias. Tal prédio, que ainda existe e onde este ano foram implantados cursos de ensino fundamental e médio, pertence ao já citado Colégio Santo Antônio e foi cedido aos mantenedores do Anglo/Jacutinga em regime de comodato para que estes lá se instalassem em seu 1º ano de funcionamento.

É interessante notarmos como nas cidades pequenas as histórias se cruzam com facilidade, as vezes nos suscitando a imaginar sobre as coincidências da vida. Inclusive este prédio do Colégio Santo Antônio onde o Anglo primeiramente se instalou, localiza-se vizinho à Escola Estadual Júlio Brandão, a mais tradicional e antiga escola pública em atividade no município; estabelecimentos de ensino que representam diferentes esferas da educação e que se posicionam em constante conflito, se encontram separados por mísero mas sólido muro.

Mas a presença do Anglo/Jacutinga neste endereço foi muito rápida, durou apenas o período de um ano letivo. A partir de seu 2º ano de funcionamento, 1993, o Colégio Educação e Cultura, uma instituição escolar de caráter privado passou a ocupar gratuitamente um prédio público municipal, onde continua instalado.

---

[126] Entrevista realizada em 31/03/98

Está é uma questão muito delicada de ser abordada, mas o farei consciente de que hoje os próprios cidadãos jacutinguenses aceitam o fato e o consideram de menor importância diante dos resultados obtidos pelo Colégio desde então. Todo caso sempre resta a impressão de que existe alguma coisa fora de lugar; mesmo que os mantenedores, segundo as declarações feitas nas entrevistas, não retirem do colégio qualquer tipo de lucro, cobrem mensalidades mais baratas que as praticadas pelo mercado e tenham reformado e adaptado um prédio desgastado pelo tempo para deixá-lo em condições para o uso pretendido.

Houve uma atuação marcante dos poderes executivo e do legislativo municipal no sentido de ver aprovada e facilitada esta concessão, o que permite a indagação sobre se este investimento de forças e de negociação política não poderia ter sido feito também para melhorar a qualidade do ensino oferecido pelas escolas que compõem a rede pública e dos seus prédios.

Analisada sobre este aspecto político a atuação do prefeito municipal incentivando a instalação de uma escola privada na cidade acaba sendo considerada como positiva por todos, embora favoreça a apenas uma parte das crianças e jovens em idade escolar de Jacutinga. Afinal, quem levantaria a voz contra a instalação de mais um estabelecimento de ensino em qualquer cidade do mundo ?

Esta história toda de concessão começou praticamente junto com a inauguração do colégio em 1992, o que faz supor que tal intenção de ocupar o prédio localizado a Rua Professor Augusto Felipe Wolf Nº 36, sempre existiu.

Neste prédio durante muito tempo funcionou um antigo ginásio público também chamado de Santo Antônio (percebe-se ser este o santo padroeiro da

cidade), onde gerações de Jacutinguenses obtiveram suas respectivas formações de 1º grau, inclusive meus pais, que lá estudaram. Este argumento acabou por se transformar em uma das principais justificativas utilizadas pela sociedade mantenedora para o convencimento dos edis e da população em geral, quando da aprovação da lei de concessão, sendo sempre ressaltado durante a tramitação do projeto que o prédio a ser cedido para a instalação da nova escola foi criado para fins educacionais.

Recorreu-se as tradições para justificar a cessão do prédio e a retomada de suas antigas funções remodeladas para os anos 90; pois agora quem quiser nele estudar tem de pagar. Soma-se a isto o fato de que tal empreendimento, colocado como de alto risco para seus idealizadores, foi recebido como uma benfeitoria em um município carente de escolas.

O primeiro documento em que aparece explicitamente o desejo da Sociedade Jacutinguense e Educação e Cultura, entidade mantenedora do Colégio Educação e Cultura, de ocupar o citado prédio tem a data de 24/03/92. Trata-se de um ofício encaminhado ao presidente da Câmara Municipal, vereador Benedito Carvalho da Silva, solicitando deste o empenho na formulação de uma indicação para a criação de um projeto de lei no sentido de conceder o prédio ocupado pela Polícia Militar para a instalação nele do Colégio Anglo/Jacutinga. As razões do pedido são expostas oficialmente, sendo a falta de espaço adequado no prédio do Colégio Santo Antônio apontada como o principal problema enfrentado pelas crianças e jovens que lá estudam.

No mês de maio de 1992, dois meses após a abertura do Colégio já se encontrava bem organizada e avançada idéia dos mantenedores. No dia

11/05/98, utilizando-se do mesmo procedimento de dois anos antes quando houve a aprovação da Lei Nº 870/90, o Sr Prefeito Municipal envia a Câmara de Vereadores a Mensagem Nº 12/92 cujo teor dispõe sobre a apreciação do Projeto de Lei 15/92 de iniciativa do executivo, que objetiva a cessão de prédio público municipal aos mantenedores do Colégio Educação e Cultura para que os mesmos possam fazer funcionar neste prédio sua escola.

O texto da Mensagem, que não sita sequer o endereço correto do prédio que irá ser cedido, expõe como justificativas questões de ordem pedagógica como a necessidade de um maior espaço para "aulas de reforço", e problemas que surgiram em função da distância entre o local onde então o colégio funcionava e o ginásio municipal de esportes, onde são ministradas as aulas de educação física (cerca de 300 metros).

É lembrado aos vereadores que o referido prédio já serviu a instituições escolares no passado, que a maioria de suas salas permanecem vazias e ociosas e também que o município não dispensará nenhum recurso público para que esta cessão se efetive, uma vez que os mantenedores se comprometem a arcar com todas as despesas de adaptação do prédio e as de transferencia do batalhão da Polícia Militar para um outro prédio vizinho.

Quanto ao prazo da cessão o prefeito indica na mensagem que este será estabelecido segundo os critérios adotados pela Câmara, mas há uma sugestão para que seja de 20 anos. Finalizando, a Mensagem lembra os vereadores que "O Colégio Educação e Cultura recebeu grande aceitação na cidade, pois segue a orientação do Anglo".

Quanto ao Projeto de Lei, cujo descaso para com a tramitação se revela quando percebemos que não houve sequer o cuidado em se preencher o

campo com a data de seu envio a Câmara, são 4 o números de artigos inicialmente propostos. O primeiro trata da concessão do prédio e de suas finalidades. Deixa um espaço em branco onde posteriormente será colocado o prazo de cessão, estabelecendo que sob qualquer validade esta começará a ser contada a partir de 1º de Janeiro de 1993.

O Artigo 2 estabelece que como compensação a Sociedade Jacutinguense de Educação e Cultura se compromete a adaptar o prédio aos fins a que se propõe e a instalar devidamente o batalhão da Polícia Militar em outro prédio situado na mesma rua e que também necessita de reparos.

O Artigo 3 diz que cabe a prefeitura municipal a fiscalização das obras e o Artigo 4 revoga as disposições contrárias.

As discussões do projeto na Câmara Municipal começaram na 12ª Reunião Ordinária daquele ano de 1992, realizada em 18/04/92[127]. Fazendo a leitura da ordem do dia da referida sessão encontramos como primeira atividade programada a apresentação de um convite feito pelo próprio Colégio Educação e Cultura/Anglo Jacutinga para que os vereadores visitem a 1ª Feira do Livro promovida pela escola entre os dias 18 e 23 daquele mesmo mês no Clube Lítero Recreativo Jacutinguense.

Sobre o Projeto de Lei 15/92 este é lido e encaminhado a apreciação da Comissão de Finanças, Justiça e Legislação da Câmara, da qual faziam parte três vereadores, todos governistas.

Na 13ª Reunião Ordinária, do dia 08/06/92, os vereadores da Comissão expõem seu parecer que informa que o Projeto de Lei 15/92 encontra-se dentro das normas constitucionais. No entanto este parecer acrescenta ao projeto

[127] A Câmara Municipal de Jacutinga reúne-se ordinariamente apenas uma vez por semana, todas às segundas feiras.

inicial uma emenda aditiva de autoria do vereador Hélio Ribeiro do Lago que estabelece que a referida Lei "poderá ser, mediante aprovação da Câmara Municipal, reeditada no final do prazo ou revogada antes do tempo se não forem cumpridas as exigências do contrato, ou se o ensino ministrado não estiver atingindo os alvos propostos para a educação". Tento imaginar quais seriam estes alvos.

Aparece nas atas da mesma reunião um esboço de reação da sociedade civil, mais especificamente dos alunos, professores da escola pública e demais funcionários da educação contrários ao referido projeto. Esta reação, quase que já conformada com o seu destino, se dá através de um abaixo-assinado que propõe a criação de um centro cultural no local onde funciona o Batalhão da Polícia Militar *"a fim de que toda a população jacutinguense possa usufruir de um local público destinado à cultura"*.[128]

Através de uma cópia deste documento pude constatar que ao todo foram colhidas 238 assinaturas. Nota-se que em nenhum momento foi citado nominalmente o Colégio Educação e Cultura ou o Projeto de Lei 15/92 em suas folhas repletas de assinaturas.

Ainda nesta sessão do dia 08/06/92 o projeto foi colocado em 1ª votação, sendo aprovado por 7 votos a favor e 3 contrários. No entanto não sabemos como os vereadores explicitamente se posicionaram, pois o pedido de votação nominal foi rejeitado pelo plenário (8 x 2) e a votação ocorreu de forma secreta.

Na Sessão seguinte, do dia 15/06/92, o assunto é retomado com discussões, o projeto enfrenta seu momento mais delicado de oposição antes da aprovação definitiva: surge um novo abaixo-assinado, agora de teor mais

---

[128] Texto do abaixo assinado anexado à ata da 13ª Reunião Ordinária da câmara Municipal de jacutinga, 1º Período de 1992

explícito e também estimulado por professores e estudantes da escola pública, que manifestam sua posição contrária a ocupação de um prédio que também já foi uma escola pública por uma empresa particular, afirmando que um prédio parte integrante do patrimônio público deve destinar-se a atividades as quais toda a população possa ter livre acesso.

Estas "vozes discordantes" se fizeram presentes no plenário. A 2ª votação do projeto acabou sendo adiada por 8 x 2 sob a alegação de que a Câmara Municipal desconhecia até então a minuta do contrato a ser assinado entre as partes. Foram também pedidos esclarecimentos aos mantenedores do Colégio Educação e Cultura sobre o Projeto de Lei que os beneficia através de Ofício nº 63/92.

Como era previsto, os (as) lideres das manifestações que provocaram o retardamento do andamento normal da tramitação do referido projeto sofreram retaliações, sendo taxados (as) como pessoas contrárias ao progresso e ao desenvolvimento do município, etc... Uma delas, a Diretora da Escola Estadual Alfeu Duarte, foi inclusive levada a enviar ofício a Câmara manifestando sua posição em relação *"aos boatos que visam denegrir sua imagem"*.[129]

Diante dos fatos políticos que se apresentavam momentaneamente desfavoráveis, a direção do Colégio Educação e Cultura se viu obrigada a atender as solicitações da Câmara Municipal e enviar à casa um ofício de esclarecimentos sobre seus propósitos e intenções.

Tal ofício foi lido em plenário na 15ª Sessão Ordinária do dia 22/06/98. O Texto é muito interessante quando trata dos embates travados entre os alunos das escolas públicas e os objetivos da entidade mantenedora do Colégio

---

[129] Segundo consta em ata da 14ª Sessão Ordinária da Câmara Municipal de Jacutinga, 1º Período de 1992

Educação e Cultura, que, claro, tenta desqualificar as legítimas manifestações da sociedade e o livre posicionamento dos cidadãos, e tenta justificar suas necessidades com os argumentos de que toda a sociedade, de alguma forma, sairá beneficiada com a cessão pois a rede pública de ensino se desobrigará da necessidade constitucional de oferecer vagas para mais 200 alunos.

Transcrevo a seguir alguns trechos do citado ofício que se referem a polêmica que havia emergido na Câmara Municipal durante a reunião anterior e que nos revelam que a tramitação do projeto não foi tão tranqüila:

> *"(...) para que sua tramitação* **(do projeto)** *ocorra sem nenhuma pressão ou coação, objetivando apenas o bem comum, sem interferências de pseudo representantes de alunos que em manifestações gratuitas tentam influenciar particularidades mesquinhas e descabidas, tentando inutilizar uma iniciativa sadia que vem funcionando com sucesso. Destruir o que está funcionando é muito fácil, difícil é construir. É público e notório que com o projeto se concretizando em lei o prédio do Ex Ginásio Santo Antônio voltará a suas origens. (...) Justiça seja feita aos vereadores de bem que compõem está Egrégia Casa que relevou a segundo plano as manifestações teatrais com propósitos escusos (...) pois são pessoas responsáveis e cientes de que a permanência do Colégio Educação e Cultura além de aliviar o número de vagas nas escolas públicas em muito contribuirá para a formação intelectual dos jovens. Tivemos que preliminarmente desabafar nossos constrangimentos certos de que as famílias dos 186 alunos que estão matriculados em nosso colégio comungam do nosso pensamento"*[130]

[130] Ofício remetido pelo Colégio Educação e Cultura à Câmara Municipal de Jacutinga no dia 20/06/92, lido em plenário e anexado a ata da 15ª Reunião Ordinária do 1º Período da 4ª Sessão Legislativa da Câmara Municipal De Jacutinga, do dia 22/06/92

Segue no texto a descrição de cada uma das melhorias que os mantenedores se propõem a realizar no prédio, por exemplo: pintura externa e interna, colocações de divisórias, revisão da rede elétrica e hidráulica, etc...

É neste ofício que aparece a sugestão de que a cessão seja feita pelo prazo de 5 anos, que acabou sendo acatado pela Câmara, o que não deixou de ser um recuo se compararmos a proposta inicial de 20 anos.

Especificamente quando toca no assunto sobre o contrato a ser firmado com a prefeitura, razão inicial da apresentação do pedido de esclarecimentos, o texto é evasivo, afirmando que a Sociedade Jacutinguense de Educação e Cultura aguarda as clausulas que serão impostas pelo poder executivo municipal, "entre outras" (as aspas estão aqui reproduzidas de acordo com o ofício) sugestões a entidade mantenedora se compromete a pagar as contas de energia elétrica e de água[131] e a usar o prédio exclusivamente para fins de educação e cultura.

Após esta exposição ocorre nova tentativa de adiamento da votação, proposta rejeitada pelo plenário 5x4. O Projeto então é novamente colocado em votação, sendo aprovado pela 2ª vez, com o resultado de 7 votos favoráveis contra 2.

Finalmente no dia 29 de junho de 1992, data da 16ª Reunião Ordinária do 1º Período, da 4ª Sessão Legislativa da Câmara Municipal o Projeto de Lei Nº 15/92 é colocado em 3ª e última votação, sendo aprovado desta vez sem maiores discussões por 7 votos favoráveis contra 3 contrários. Ou seja, após um mês de tramitação nenhum voto dos vereadores foi mudado, acrescentou-se um artigo ao projeto inicial e ficou estabelecido que o prazo para de cessão

[131] Contas estas que são repassadas aos profissionais que exploram o serviço de cantina do Colégio.

do prédio será de 5 anos a contar de 1º de janeiro de 1993, com possibilidade de renovação. Cria-se assim a **Lei Municipal Nº 929/92** que **"Dispõe sobre concessão de uso de imóvel do patrimônio municipal e contém outras providências".** No dia seguinte ela é sancionada pelo prefeito.

Toda esta descrição detalhada do processo de implantação desta escola em Jacutinga revela a promiscuidade das relações entre o poder público e o setor privado, que, na confusão que se estabelece, utiliza-se de maneira privilegiada de instalações que pertenceriam ao chamado 'bem comum".

Muito pode ser discutido sobre este assunto que é apenas mais um sintoma da privatização do Estado; sobre a confusão na fronteira da esfera pública com a esfera privada; sobre as mobilizações e os conflitos que deste embate saltam aos nossos olhos. O caso relatado é apenas um pequeno exemplo do processo de privatização do Estado ora em curso e das facilitações historicamente concedidas pelo poder público para incentivar a expansão do setor privado da economia. Facilitações que incluem a criação de legislação específica para atender a um determinado caso, isenção de impostos, concessão de serviços.

É claro que o discurso que justifica esta ação sempre é o de geração de empregos, do investimento na educação, dos benefícios que isto representa para todo o conjunto da população, que, neste caso, teria ganho com a presença do colégio na cidade.

De fato houve a incorporação do Colégio Educação e Cultura ao cotidiano da cidade, fato que fez aumentar sensivelmente o número de jovens jacutinguenses que hoje freqüentam o ensino superior em faculdades públicas e privadas. A cidade despertou e passou a dar mais valor para a educação e a

formação profissional e acadêmica como uma alternativa para o futuro ou mesmo como um trampolim para o aperfeiçoamento das indústrias de malhas.

Mas eu não queria cair no risco de reproduzir e legitimar um discurso presente entre os mantenedores do colégio. Cabe ao leitor fazer este julgamento. Como subsídio para isto ofereço um interessante trecho de uma entrevista por mim colhida na qual um dos donos do colégio, consciente das questões éticas e morais que envolvem o uso do prédio público por uma entidade privada, tenta fazer entender um pouco mais sobre a própria presença da escola no município e quais seriam suas funções e o que aconteceria se, por ventura, a Câmara Municipal não renovasse o direito do Anglo/Jacutinga de utilizar o prédio onde encontra-se instalado:

*"Este prédio sempre foi um local destinado a educação, eu acredito que várias gerações de Jacutinga passaram por ele e nós tínhamos a intenção de retomar o local a sua antiga função. Assim, contatamos o poder público municipal buscando obter sua utilização. Fizemos uma reforma no prédio que viríamos a ocupar, tentando adaptá-lo as nossas necessidades. (...) Formar o indivíduo para o exercício de sua cidadania é uma obrigação do Estado; nós viemos e nos instalamos com uma proposta diferente, que visava dar chance de acesso ao 3ºgrau. Nós sabemos que a escola pública não cumpre essa missão, o jovem que a freqüenta tem poucas chances de concorrer em condições de igualdade para alcançar uma vaga. Uma eventual reação de parte da comunidade pela entrega do prédio não tem nenhuma razão, pois todas as crianças que estão dentro do Colégio Educação e Cultura são munícipes e portanto tem direito à escola, tem o direito de estar em uma sala de aula dotada de recursos que*

*tornem possível seu aprendizado, tem o direito de estar em uma escola cujos custos seriam bancados pelo governo. A diferença é que agora eles estão ocupando uma sala de aula paga por seus pais. Na verdade nós estamos ajudando a que a escola pública funcione melhor, caso contrário o poder público teria de arrumar escola para mais 300 alunos, nós estamos evitando um gasto obrigatório do governo para com a escola pública e ainda proporcionamos aos pais uma escola que visa a preparação para o acesso a uma vaga na universidade. Eu acho que o Colégio assim cumpre sua função social porque hoje, se ele deixar de existir, o prédio não vai poder ser utilizado para uma outra coisa, sairiam os professores pagos pelos pais e entrariam os professores pagos pelo poder público. (...) Se não houver um dia a renovação da permissão de uso não tem problema nenhum: nós devolvemos o prédio e os alunos. É obrigação do poder público dar escola para os nossos filhos. O que está acontecendo é que os pais estão pegando recursos próprios e cobrindo as deficiências do Estado".*[132]

Entende-se entre linhas que há uma inversão de valores neste discurso, na medida em que é o Estado que aparece como favorecido com a presença da escola e não a escola que conta com favores públicos para se estabelecer. Além do que firma-se a idéia de que o governo é inoperante, incapaz, deficiente. Proclama-se uma "Função Social", direitos de cidadania.

A percepção de que o uso de um prédio público é uma situação complicada e passível de críticas é reafirmada por outro mantenedor:

[132] Entrevista realizada em 31/03/98

*"Embora nós hoje tenhamos uma situação mais ou menos estável, ocupamos um prédio que não é nosso, ele é público e toda a população tem consciência disso. Este é um ponto muito delicado para mim, pois é uma situação difícil de se defender, pois se o prédio pertence a comunidade porque ela não o usa ? Tento responder a isto abrindo as portas da escola, recebendo as pessoas, ponho nossas salas e até os computadores a disposição de quem quiser. Para alguns alunos que demonstram força de vontade nós cobramos apenas o custo do material. Eu pensei até em fazer um concurso, mas o problema é que não cabe mais ninguém nas salas de aula. Por outro lado nós não temos recursos para construir um prédio, isto só acontecerá daqui a muitos anos. Este nos foi cedido pela Câmara dos Vereadores. Nós o reformamos e tudo, mas continua uma questão contraditória em uma cidade como a nossa, talvez isto seja tolerado por serem os mantenedores pessoas muito ecléticas entre si e ligadas a diferentes grupos e correntes políticas"*[133].

Dois pontos importantes estão lembrados acima. Um diz respeito as questões econômicas que impediriam a entidade mantenedora de construir uma sede própria, fato que acaba por revelar as intenções do grupo em se fixar por um longo período no prédio. O outro é a abertura da sociedade para outros e novos membros.

[133] Entrevista realizada em 10/02/98

Esta admissão de mais 4 sócios aconteceu em 15 de março de 1993, no exato momento em que o Colégio Educação e Cultura inicia seu 2º ano de atividades letivas e passa a funcionar em seu novo prédio. Este aumento no número de mantenedores de 3 para 7 pessoas sem dúvida veio a contemplar outros grupos de influência política e econômica na cidade. São pessoas distintas entre si, mas que se uniram para viabilizar e consolidar a presença do Colégio, sem interesses comerciais e empresariais. Nenhum deles esperava enriquecer através da escola, a maioria deles nem sequer nela aparece, talvez as motivações que mais tenham pesado nestas decisões individuais estejam ligadas ao status adquirido. Mas há um ponto em comum entre eles: todos são pais de alunos.

Os mantenedores posteriormente incorporados a sociedade foram o Sr Noé Francisco Rodrigues, empresário do setor agrícola e prefeito municipal entre os anos de 1993-1996. O Sr Hildo Grassi, também empresário do setor agrícola e presidente da Cooperativa Agropecuária de Jacutinga. O Sr Roberto Vilela, advogado e o Sr Antônio Almeida Casceli, engenheiro e professor, responsável hoje por toda coordenação pedagógica da escola e elo de ligação entre docentes e a administração.

O registro desta sociedade em contrato estabelece que todos tem a mesma quantia de cotas, direitos idênticos e mesmas obrigações. Estabelece também que a gerencia administrativa e financeira ficaria a cargo do Sr Carlos Roberto Grossi. que permanece nesta função cujo exercício da direito a uma remuneração pró-labore.

Uma vez ocupado o prédio tão desejado e configurada definitivamente a entidade mantenedora, o último passo para a consolidação do Colégio

Educação e Cultura era a obtenção de seu registro permanente enquanto estabelecimento de ensino privado na Secretaria de Estado da Educação.

Este registro é obtido através de um Decreto de Reconhecimento, promulgado pela Assembléia Legislativa de Minas Gerais após dois anos da aprovação da carta-consulta. Este Reconhecimento foi obtido e publicado no Diário Oficial de Minas Gerais em 27/02/93, após aprovação do parecer favorável para o registro definitivo com base em relatório do Conselho Estadual de Educação do dia 02/02/93.

Termina assim este extenso relato, através do qual ficaram evidentes todos os procedimentos e mecanismos inerentes a um processo de criação de uma escola privada no interior de Minas Gerais, mais especificamente na cidade de Jacutinga.

## 2.4. - Estrutura Física e Financeira

Através deste estudo de caso tento detalhar o funcionamento de uma unidade pequena entre as franquias do Sistema Anglo. A escolha no entanto se justifica por várias razões já descritas até aqui, sendo uma delas o fato ter sido meu exercício docente em seu interior a principal motivação que levou-me a refletir sobre o ensino médio no Brasil e a desenvolver uma dissertação de mestrado que equacionasse questões relativas a esta experiência.

As instalações físicas do prédio no qual o Colégio Educação e Cultura atualmente funciona são antigas e acanhadas para os padrões das escolas modernas. Sua construção data do início do século, as salas de aula atuais acabaram sendo improvisadas, adaptadas as novas exigências.

No andar superior, por exemplo, elas encontram-se separadas por paredes móveis de fórmica (o anfiteatro que ali outrora existiu foi transformado em 3 salas de aula), o que faz com que as aulas "vazem" de uma sala para outra. Estas salas de aulas contam com outros problemas de engenharia estruturais, como apenas uma tomada de energia elétrica em cada uma. Além disso não há nelas a possibilidade de ventilação corrente, as janelas são muito altas e antigas, tudo parece estar desgastado pelo tempo. Apesar do antigo prédio escolar ter sido reformado recentemente para receber o Colégio Educação e Cultura em condições de funcionamento.

Para obter uma dimensão dos limites físicos do prédio basta deixar registrado que existe um número de salas de aulas apenas suficiente para comportar uma classe por série de ensino.

Apesar disto as reformas feitas no prédio pela entidade mantenedora ainda possibilitou a criação de uma biblioteca com espaço para estudo em grupo; de um laboratório; uma sala de computação e uma de vídeo (ainda provisória). Além de dispensa, almoxarifado.

No geral as acomodações para os alunos e as condições de trabalho são boas; as carteira e as lousas são novas, existem ventiladores no teto e cortinas nas janelas, há espaço suficiente entre os alunos e alguns equipamentos, como retroprojetor, aparelho de som e mapas, a disposição dos professores.

Todas as salas de aula, os corredores e o prédio estão pintados em azul e branco, seguindo o modelo padrão indicado pelo Departamento de Franquias do Sistema Anglo de Ensino. Os alunos devem também usar uniforme nestas cores, sem o qual são impedidos de freqüentar as aulas que começam às 7 da manhã.

O prédio tem três andares, no subsolo funcionam 3 salas de aulas, pela manhã a 5ª e 6ª séries do nível básico e a tarde ensino fundamental. É neste andar que encontram-se também localizados o laboratório, a sala dos computadores e aulas de informática e a biblioteca, os dois maiores banheiros para o uso dos alunos e alunas e um grande pátio ao ar livre para onde os alunos se dirigem no intervalo.

Neste espaço livre existe um parquinho com alguns brinquedos para as crianças, vários bancos e canteiros floridos e a cantina, cujos serviços encontram-se terceirizados.

Todo este espaço é anexo ao Ginásio Municipal de Esportes, onde acontecem as aulas de educação física, e a uma quadra de esportes com acesso ao Estádio Municipal de Futebol.

No andar térreo do prédio encontra-se a entrada principal da escola, localizada na Rua Professor Augusto Felipe Wolf, e, consequentemente, todas a parte administrativa: a sala da diretora, sala do coordenador pedagógico e a secretaria. Neste andar localizam-se também a sala dos professores (que infelizmente não contam com um banheiro para seu uso exclusivo), a sala de vídeo e mais 3 salas de aulas utilizadas para as aulas do pré-escolar, cujos alunos necessitam de carteiras e outros recursos pedagógicos especiais. Há também um bebedouro e vários murais de aviso espalhados pelas paredes do estreito corredor.

No andar superior, cujo acesso se dá através de uma longa e larga escadaria de madeira[134] funcionam cinco salas de aulas, pela manhã ocupadas pelas 7ª e 8ª séries do ensino fundamental e 1º, 2º e 3º anos do ensino médio.

O corredor que separa estas salas é bastante estreito, o que faz com que alunos de diferentes idades e níveis de escolaridade se misturem e convivam. Isto pode ser considerado como uma deficiência: alunos muito novos em contato com outros mais velhos. Alunos no meio de seus estudos e outros que já concluíram o curso básico (aqueles que estão matriculados no cursinho). Crianças com adolescentes. Tal situação poderia até gerar problemas maiores de disciplina, mas nunca se fez necessário a presença de um bedel ou inspetor de alunos, até porque há uma rígida ordenação do espaço escolar e do próprio tempo que o aluno permanece dentro da escola. Tempo este que se limita ao horário das aulas e de eventuais plantões de estudo no período vespertino.

Alguns excessos, como a livre circulação dos alunos pelos corredores em horário de aulas e saídas constantes da sala para "ir ao banheiro", "ir tomar

[134] O que obriga as classes a mudarem de local se entre os seus alunos existirem deficientes físicos

água", as vezes são admitidos pela direção, até para se amenizar o esquema de "aula dada aula estudada" e do tamanho absurdo da programação imposta pelo programa das apostilas. Mesmo porque o que este tipo de escola precisa e acaba fazendo é disciplinar o professor para que este não se atrase no calendário de programação das aulas, não o aluno.[135]

As características físicas do prédio escolar ocupado pelo Colégio Educação e Cultura/ Anglo Jacutinga colocadas nos parágrafos acima explicitam os limites para o crescimento do espaço físico da escola e até mesmo para a abertura de novas turmas ou absorção de novas matrículas Não existem muitas perspectivas de crescimento. Como já havíamos colocado, a construção de um prédio próprio não passa pela cabeça dos mantenedores, seria hoje um projeto inviável. Vejamos a seguir algumas das razões apontadas como principais dificuldades para o expansão das atividades da Sociedade Jacutinguense de Educação e Cultura, entidade mantenedora desta unidade franqueada do Sistema Anglo de Ensino:

> *"Não há demanda de alunos para isto, eu acredito que no nosso atual quadro econômico nós nos encontramos muito próximos do nosso limite em relação ao número de alunos (...)Nosso prédio tem limitações físicas flagrantes, as salas não são grandes e não há como expandir, mas temos de nos contentar porque hoje, com a receita que nós temos, é impossível construir alguma coisa (...) Se nós conseguíssemos de alguma forma um prédio mais adequado seria o ideal, embora eu continue a considerar isto o menos importante em educação. Uma educação de*

[135] Conforme reflexão observada durante o exame de qualificação deste trabalho, realizada em 30/04/98.

*qualidade não passa por prédios suntuosos, mas sim por professores bem remunerados, pagos em dia.*"[136]

Com esta fala entro na discussão de algumas questões financeiras apontadas como as principais dificuldades enfrentadas pelo Colégio Educação e Cultura para crescer fisicamente e em número de alunos matriculados.

Às condições de trabalho e à remuneração dos professores serão abordadas na parte seguinte deste capítulo, mas podemos adiantar que esta opção dita como preferencial, em dignificar e bem remunerar o trabalho docente esbarra em uma característica fundamental do Sistema Anglo de Ensino: o privilégio que é dado ao material na estrutura hierárquica deste tipo de ensino que segue os moldes de uma franquia.

No próprio material de propaganda, criado e divulgado pela matriz e distribuído pelas unidades aos possíveis compradores dos serviços oferecidos, os professores encontram-se em segundo plano em relação as apostilas. Elas não possibilitam um trabalho docente diferenciado que evidencie particularidades e qualidades de um professor, embora alguns professores de cursinhos de grandes capitais se apresentem como astros de TV e recebam salários compatíveis a esta posição alcançada. A situação nas unidades pequenas no entanto é bem diferente e envolve muito sacrifício, viagens e enorme quantidade de aulas semanais.

O centro das atenções e do próprio funcionamento destes Sistema de Ensino franqueado é, sem dúvida, o material apostilado que é vendido as unidades, não os professores que o aplicam. Um dos sintomas desta

[136] Entrevista realizada em 31/03/98

preferência, e que caracterizou muitas unidades do Sistema, inclusive desta unidade de Jacutinga em seus primeiros anos de funcionamento, é a alta rotatividade de professores considerados descartáveis como as apostilas que a cada ano são renovadas. A princípio qualquer professor pode aplicá-las em sala de aula, esta é inclusive uma das possibilidades abertas por este tipo de material. Posteriormente voltarei ao assunto, mas é válido destacar que esta característica demonstra como são estabelecidas as relações econômicas entre as matrizes destes sistemas de ensino e suas unidades franqueadas, relações estas que encontram-se pautadas por questões financeiras de compra e a venda do material que será aplicado em sala de aula em todas as instâncias do ensino.

Particularmente em relação a estrutura financeira do Colégio Educação e Cultura/Anglo Jacutinga, creio que o aspecto mais importante já foi ressaltado algumas vezes ao longo deste texto e está sempre na ponta da língua dos mantenedores: eles não tem o objetivo de retirar dividendos da escola. A única vantagem econômica seria o estudo gratuito de seus filhos no colégio, que neste ano de 1998 formam um grupo de 14 alunos.

Penso que o Colégio Educação e Cultura/Anglo Jacutinga segue um estilo de gerência administrativa de certo modo familiar, o que diferencia o caso aqui tomado como objeto de estudo da maioria das histórias das outras unidades franqueadas montadas a partir de lógicas empresariais. O contato que tive com algumas das unidades franqueadas e com a matriz do Sistema Anglo de Ensino me faz perceber como seus mantenedores, mesmo quando professores, assumem uma postura de executivos. O Anglo Jacutinga parece contradizer este movimento na medida em que seus proprietários reafirmam

não ter interesses comerciais particulares em relação a esta atividade e proclamam que tal postura tem o objetivo maior de "ajudar" a cidade, promovendo a educação e a melhoria da qualidade do ensino praticado no município.

Segundo as informações obtidas no decorrer desta pesquisa de campo e levando em conta as palavras de seus mantenedores, não há a retirada de qualquer tipo de lucro para fins pessoais do Colégio Educação e Cultura/ Anglo Jacutinga, o único privilégio dos 7 mantenedores em relação aos outros pais dos alunos do colégio seria o estudo gratuito de seus filhos, situação relatada pelo próprio coordenador financeiro da escola:

> *"Nós abrimos esta escola para a comunidade (...) como uma entidade sem fins lucrativos, por que até hoje nenhum dos mantenedores tirou dela qualquer centavo. (...) Nós não nos utilizamos do colégio como fonte de renda pessoal, não seria justo usarmos um prédio público para fins privados, como todos sabem, só são remunerados aqueles que prestam serviços lá dentro, nenhum de nós recebe qualquer dividendo na condição de mantenedor. Nossa única vantagem é que nossos filhos não pagam a escola"*[137]

Independente do caráter comercial desta empresa e das mais louváveis intenções de seus mantenedores, pode ser observado com propriedade através deste caso como as esferas administrativas públicas facilitam a implementação de projetos privados.

---

[137] Entrevista realizada em 31/03/98

Esta proclamada "função social" utilizada como justificativa para o fato de um colégio pertencente a rede privada de ensino fundamental estar operando em caráter definitivo nas dependências de um prédio público, mesmo que este tenha sido reformado e modificado para atender as necessidades da nova escola da cidade, também serve para diferenciar os mantenedores do caso de Jacutinga dos demais empresários do setor educacional, na medida em que os proprietários deste Colégio Educação e Cultura reafirmam não deter nenhum interesse comercial em relação a esta atividade, posição que um capitalista não assumiria jamais por procurar apenas a obtenção de lucro.

Creio que a atitude e postura "social" defendida pelos mantenedores da unidade de Jacutinga seja contrária a visão empresarial própria ao Sistema Anglo, e pode causar até um certo mal estar entre os dois extremos, abafado pelo pagamento sempre em dia do material e pelos resultados alcançados nos exames vestibulares. Esta atípica situação foi identificada pela Coordenadoria de Franquias do Sistema Anglo de Ensino, que assim a justifica:

> *"A escola que nós temos em Jacutinga só funciona porque os donos são de lá e não se preocupam com o lucro porque tem outras fontes de renda. O que eles querem é dar para cidade e para seus filhos uma escola decente, em termos de negócio não vale a pena. Eles são todos bem de vida. O que importa para eles é que seus filhos possam ter acesso a uma escola decente que os prepare para os vestibulares."*[138]

O conteúdo do discurso presente na fala dos mantenedores do Colégio Educação e Cultura é aceito e reproduzido pelos diretores do

Sistema Anglo de Ensino, cujo coordenador ainda aproveita a oportunidade para ressaltar novamente a questão da qualidade do ensino oferecido pelo Anglo, que agora aparece como sinônimo de "escola decente".

Mas a principal idéia defendida pela entidade mantenedora que é a de estar o Colégio Educação e Cultura cumprindo uma "função social". Outro ponto que dá respaldo a esta tese é o suposto baixo valor das mensalidades cobradas pela unidade de Jacutinga.

Segundo os números divulgados pelos mantenedores, o preço das mensalidades é o mínimo viável e varia de acordo com o nível de escolaridade e com a série cursada, pois o preço das apostilas utilizadas também varia. O preço mais alto cobrado de quem tem apenas um filho matriculado na 3ª série do ensino médio e que, portanto, se utiliza da apostila mais cara que é a Alfa, é de R$ 275,00[139], a média fica nos R$180,00 mensais[140]. De fato foi constado que estes valores encontram-se um pouco abaixo dos preços praticados pelas demais unidades franqueadas do Sistema Anglo na região sul de Minas Gerais.

Outro lado da mesmo questão me faz perceber que nenhum dos mantenedores, por não retirarem da escola qualquer tipo de lucro, pretende fazer qualquer tipo de investimento no colégio que implique a alocação de recursos exteriores àqueles captados pela cobrança de mensalidades, ou seja, se não é possível retirar lucros da escola, também não é possível aplicar nela novos investimentos.

---

[138] Entrevista realizada em 25/06/98

[139] Cada filho a mais matriculado na escola dá direito aos pais um desconto de 10% sobre o valor total das mensalidades.

[140] Valores referentes ao primeiro semestre letivo de 1998.

Para suprir situações emergenciais, como por exemplo um aumento violento da inadimplência ou pagamento de direitos trabalhistas aos funcionários, os mantenedores contam com um caixa chamado de reserva técnica.

Segundo as informações que obtive, o faturamento mensal da escola gira em torno de R$ 40.000,00; sendo que os gastos com a folha salarial chegam a R$ 30.000,00[141]. Além disso existe o pagamento das apostilas, do material de secretaria, café, telefones, Internet, higiene, limpeza, manutenção e impostos. Ou seja, custos normais que garantem o funcionamento e a manutenção de uma escola.

Há também os gastos com o pagamento de impostos federais. Sobre a tributação há muita reclamação e novamente reaparece a idéia de que a escola privada oferece benefícios a comunidade e ao Estado, devendo, portanto, desfrutar de outros tipos de isenção, além da utilização, neste caso específico, de um prédio público. As novas batalhas a serem implementadas pelas escolas privadas em geral aparecem com destaque no discurso de um dos mantenedores do Colégio Educação e Cultura transcrita abaixo:

*"Nós oferecemos um benefício pelo qual os pais pagam mesmo tendo direito a educação pública gratuita, mesmo pagando uma série de impostos. O ideal seria sermos isentos e, para isto, estarmos freqüentemente submetidos a uma fiscalização. Nós pagamos todo tipo de impostos que uma empresa qualquer é obrigada a pagar. Falta um modelo*

*jurídico diferente para as escolas; um modelo que possibilitasse a existência de uma entidade sem fins lucrativos mas com o controle da sociedade através do ministério público e demais órgãos competentes da sociedade civil. Sem os impostos nossa escola seria 30% mais barata, o que viabilizaria a inclusão de novos setores da sociedade em nossas carteiras. 30% do que os pais pagam vai para o mesmo governo que tem a obrigação de lhes oferecer uma escola de graça."*[142]

Na parte anterior deste mesmo capítulo que os responsáveis pela concessão de franquias do Departamento de Franquias do Sistema Anglo foram receosos quando ocorreram os contatos iniciais para a abertura da unidade de Jacutinga. Eles avaliavam que o mercado de possíveis alunos na cidade era restrito e que os resultados financeiros poderiam ser negativos, o que comprometeria o pagamento do material apostilado. Hoje, após a consolidação da escola, não há mais este temor; o problema agora se volta a questão da inadimplência, cujo aumento tem crescido em toda a rede de ensino privada.

No caso do Colégio Educação e Cultura/ Anglo Jacutinga a cobrança de valores mensais abaixo do mercado talvez tenha permitido a incorporação de novos alunos, seria necessário, entretanto, uma pesquisa mais específica para saber qual a média de renda das famílias dos alunos do Colégio para afirmar se houve realmente o acesso de diferentes segmentos sociais à escola privada.

---

[141] Valor obtidos em entrevista realizada em 10/02/98. Nele encontram-se embutidos os salários de todos os professores e de mais 5 funcionários da limpeza e manutenção, 4 da secretaria, 2 plantonistas fixos, a diretora e o coordenador pedagógico.

[142] Entrevista realizada em 31/03/98

Neste ano de 1988 o Anglo/Jacutinga conta com 417 alunos matriculados. Segundo a avaliação dos mantenedores este número indica que a escola chegou ao limite de sua demanda, física e financeira. Embora o município não enfrente muitos problemas em relação aos seus indicadores econômicos, não sofre com o desemprego, apresenta um bom poder de consumo e vive em um clima de prosperidade que contrasta um pouco com o panorama nacional, isto necessariamente não significa que a riqueza esteja melhor distribuída e menos concentrada no município do que no restante do país, ou que o salário pago aos operários das malharias permite a eles a oportunidade de colocar seus filhos em uma escola particular, no caso o Anglo.

Outra questão econômica que ajuda a desmitificar a idéia de que Jacutinga representa um oásis é o aumento da inadimplência, fato que atualmente preocupa os mantenedores do Colégio Educação e Cultura da mesma forma que também preocupa qualquer outro dono de uma escola privada de ensino básico. Este quadro ascendente de inadimplência, sobre o qual me foi pedido não revelar números, levou os mantenedores a adotar algumas das atitudes possíveis diante da legislação que protege o aluno em situação de débito e garante sua freqüência na escola. No caso, como o pagamento das mensalidades liga-se diretamente a aquisição do material didático que permite ao aluno acompanhar todas as aulas, quem não apresentar o boleto bancário quitado não recebe as apostilas, situação que acaba forçando os pais a negociação da dívida. Mas a porcentagem de alunos devedores ainda não chega a preocupar exageradamente, são casos isolados, segundo nos relatou o Coordenar Financeiro do Colégio.

De qualquer forma percebe-se pelo discurso de seus mantenedores, que não se preocupam muito com a expansão de suas atividades, e pelo próprio provincianismo da cidade de Jacutinga, que o Colégio Educação e Cultura irá manter-se nos próximos anos dentro destas suas características físicas e financeiras aqui apontadas. Para finalizar esta descrição resta apenas demonstrar como a escola está configurada em relação a números totais de alunos, quais foram os resultados alcançados até aqui dentro dos objetivos propostos e como está estruturado seu quadro docente. É o que farei a seguir.

## 2.5 - O Material Didático Adotado, Alunos e Corpo Docente

Nesta quinta parte serão descritos quais são os materiais apostilados adotados pelo Colégio Educação e Cultura, quais os números de matrículas e de alunos do Colégio, quantos se formaram nesta escola e qual a porcentagem de aprovação destes alunos nos exames vestibulares.

Farei também o mapeamento do corpo docente do Colégio Educação e Cultura e quais são as características inerentes ao material didático que é adotado por esta escola no contexto do Sistema Anglo de Ensino.

Assim estarei buscando clarear a forma como este material é trabalhado pelos professores do Colégio para contar com subsídios suficientes que possibilitem identificar como se dá a prática de ensino em uma escola que se define com o objetivo de fazer com que seus alunos alcancem o sucesso nos exames vestibulares que garantem as vagas no ensino superior, desde que estes sigam o método de estudos proposto por um material didático que é previamente elaborado.

Tentarei explorar os problemas e os pontos positivos destacados pelos próprios professores do Colégio Educação e Cultura a respeito do material apostilado por eles utilizado em seu cotidiano de sala de aula. Para isto fundamentalmente analisaremos as respostas obtidas através de um questionário aplicado aos professores de 5ª a 8ª e de 1º ao 3º ano e de algumas conversas e entrevistas que foram com eles realizadas[143].

[143] Ver exemplo em Anexos H

### *2.5.1 - O Material Apostilado, Aulas e Grade Curricular*

A princípio é muito importante destacar que o material didático apostilado adotado pelo Colégio Educação e Cultura em suas séries de ensino fundamental e de ensino médio tem origens distintas, são diferentes.

Por enquanto, ainda não há a obrigatoriedade por parte de uma unidade franqueada do Sistema Anglo de Ensino em adotar exclusivamente o material produzido pelo Anglo em todas as suas séries do ensino básico, que corresponde ao conjunto formado pelo ensino fundamental e médio. As apostilas Anglo voltadas para as 8 séries iniciais que correspondem ao nível fundamental da educação são recentes, foram criadas durante a década de 90, e só agora é que começam a ganhar espaço e a se consolidar.

No primeiro capítulo deste trabalho foi abordado como o ciclo de implantação do material didático se fechou com o surgimento das apostilas de alfabetização para os 1º e 2º anos do ciclo inicial do ensino fundamental. No entanto este material ainda não é adotado pelo Colégio Educação e Cultura.

De fato o que ocorre no Colégio Educação e Cultura é a utilização das apostilas fornecidas pelo Sistema Anglo de Ensino apenas nas 3 séries que compõem o nível médio de escolaridade. Nas demais séries o material didático adotado é fabricado pelo Grupo Positivo, com sede em Curitiba, Paraná.

As principais justificativas apontadas para esta opção estão ligadas ao alto custo do material produzido pelo Anglo para o ensino fundamental, a correção de seu preço acima do índice inflacionário e a impossibilidade de se repassar estes valores para as mensalidades cobradas em Jacutinga. Ou seja, as apostilas do Anglo são mais caras do que o material oferecido pelo Positivo,

que, por sua vez, fornece este material ao Colégio Educação e Cultura desde sua fundação, quando ainda não havia um material Anglo desenvolvido especificamente para o ensino fundamental.

De fato existe esta diferença. Segundo os valores obtidos junto aos mantenedores do Colégio Educação e Cultura, o preço do material Anglo para o ensino fundamental é de R$ 38,00 por apostila, por mês; e o do material Positivo para as mesmas séries é de R$ 22,00. O próprio coordenador de franquias do Sistema Anglo admitiu em entrevista esta diferenciação de preços, mas sua justificativa resume-se a uma só palavra: qualidade.

> *"Nosso material realmente é um pouco mais caro, mas a qualidade é infinitamente superior"*[144]

Novamente está presente o discurso pela qualidade, agora na voz dos executivos do Sistema Anglo. Antes esta justificativa já havia sido utilizada pelos mantenedores do Colégio quando da luta por sua criação. Mais uma vez a questão da qualidade aparece como sinônimo de algo que é preciso pagar, adquirir, comprar; em resumo: sinônimo de uma educação só possível de ser oferecida pela escola privada. Se o material oferecido é mais caro, obviamente é melhor.

Outro motivo apontado pelo Coordenador para as vantagens da adoção do material Anglo em todas as séries diz respeito as pontes, as ligações que devem ser feitas entre o conteúdo do material construído para o ensino fundamental e o material de ensino médio. Uma idéia de continuidade que inclusive é defendida pelas novas diretrizes da educação nacional:

*"Para você ter uma escola onde o aluno passe da quarta para a quinta série, ou da oitava série para o primeiro ano do ensino médio com segurança, sem que haja perda do conteúdo que ele já adquiriu, você tem de usar uma mesma marca de material em tudo isso. Se você usa diferentes materiais quando o seu aluno sai da 8ª série e passa para o colegial ele apresenta uma diferença de conteúdo muito grande. Ele não tem subsídios suficientes para enfrentar o material Anglo. Ele não está acostumado"*[145]

Os pronomes usados acima pelo Coordenador de Franquias do Sistema Anglo de Ensino (você, seu) deixam transparecer a idéia de que seu interlocutor é considerado um possível dono de escola. Não posso, a princípio, discordar de seus argumentos, existe uma quebra de continuidade quando o aluno, acostumado com os métodos de estudo e com a linguagem própria de um material alcança o ensino médio e tem de se adaptar às características de uma nova apostila que pode inclusive conter conceituações diferentes sobre um determinado conteúdo curricular. Além disso, me parece ser um pouco contraditório a escola assumir-se como uma unidade do Anglo, estampar esta grife em seus uniformes, em sua fachada, e depois oferecer aos seus alunos do ensino básico um outro produto fornecido por outra empresa de material apostilado.

Mais adiante irá ser revelada de que maneira este fato repercute entre os professores. Como eles próprios avaliam o material com o qual trabalham diariamente? Por que o material vendido pelo Anglo é considerado e aceito

---

[144] Entrevista realizada em 25/06/98

como melhor? São questões que passeiam pela minha mente devido a força que a marca Anglo detêm no mercado e se impõe. Este sucesso é legitimado evidentemente pelos resultados alcançados em relação ao objetivo proposto que é o de proporcionar aos alunos que estudam com o material Anglo o acesso as melhores universidades do país. Este é inclusive o alimento principal do marketing montado pela empresa que espera ansiosa pela divulgação das listas de aprovação dos principais vestibulares para compará-las imediatamente aos nomes de todos os seus alunos que encontram-se armazenados nos computadores, procurando identificá-los imediatamente para evidenciar quais e quantos deles são alunos de alguma das unidades do Sistema Anglo. E este é o grande chamariz, a grande arma mercadológica.

Por enquanto devo continuar a descrição do cotidiano escolar do Colégio Educação e Cultura. Ainda sobre o material apostilado utilizado como base para as aulas em todas as séries, além da diferenciação quanto a sua origem, ou seja, o material para o ensino básico é produzido pelo Positivo e o material para o ensino médio é produzido pelo Anglo, existe a distinção entre o material voltado para as duas primeiras séries do ensino médio e o que é usado para o 3º ano e cursinho.

O material específico para o ensino médio é composto de 20 apostilas também conhecidas como Cadernos mensais que custam em valores de julho/98 R$ 56,00 cada. Os volumes de número 1 a 8 são para a aplicação no 1º ano letivo. Os de número 9 a 16 são programados para o 2º ano e os de número 17 a 20 tem sua aplicação prevista para o 1º semestre do 3º e último ano do ensino médio, ficando o último semestre reservado para uma revisão de

[145] Entrevista Realizada em 25/06/98

todo o conteúdo curricular feita através das apostilas do curso semi-extensivo do Sistema Anglo.

Como na unidade de Jacutinga há a integração no terceiro ano dos alunos do ensino médio e os alunos que buscam o cursinho, os quatro últimos Cadernos voltados para o ensino médio são substituídos pelo material conhecido como apostilas Alfa que tem o peço de R$ 56,00 cada[146].

A apostila Alfa é o conjunto de apostilas mais vendido do Sistema Anglo de Ensino, sendo muito usado nos cursinhos espalhados pelos quatro cantos do país. Trata-se de um material classificado como "mais forte", o que significa um grau de dificuldade maior, exercícios mais complexos. Este material geralmente é usado pelos alunos que se preparam para os cursos mais concorridos ligados a área de biomédicas. No entanto no caso de Jacutinga ele é utilizado por todos os alunos sem distinção. Outra característica deste material é que trata-se do mais caro conjunto de apostilas vendido pelo Anglo (R$ 56,00).

Quanto ao horário de funcionamento do Colégio Educação e Cultura as aulas propriamente ditas acontecem em dois períodos: o matutino, que se inicia às 7:00 horas da manhã e termina geralmente às 12:30 horas, e o vespertino, que começa as 13:00 horas e termina às 17:30 horas. Cada aula tem a duração de 50 minutos. O funcionamento das séries e dos diferentes níveis de escolaridade se dividem conforme a explicação a seguir:

No período da manhã funcionam de segunda à sexta a 5ª, 6ª, 7ª e 8ª séries do ensino básico, o número de aulas semanais varia em cada uma delas de acordo com o número de aulas previstas pelo material fornecido pelo grupo

[146] Valor referente ao mês de junho - 1998, obtido em entrevista realizada em 17/07/98

Positivo. Geralmente são cinco aulas diárias, o que corresponde a 25 aulas semanais. No entanto este número é acrescido por eventuais aulas extras e provas.

Também no período da manhã funcionam as três séries do ensino médio. Para estas séries o sábado também é considerado dia letivo. O 1º e 2º anos tem seis aulas diárias, num total de 36 semanais. Como o terceiro ano trabalha com o material Alfa, programado para o cursinho, o número de aulas previstas é maior, são 7 aulas todos os dias, total de 42 aulas semanais.

Fazendo uma comparação entre estes números de aulas semanais efetivamente aplicadas pelo Colégio Educação e Cultura em seu ensino médio com o número de aulas previstas pela programação das apostilas fornecidas pelo Anglo, pode ser verificado que existe uma sobra, uma diferença. A escola oferece mais do que o planejado. Isto acontece porque há a incorporação da sociologia[147] como disciplina permanente na grade curricular. Além disso há um espaço dentro do horário das aulas reservado para a aplicação de provas e simulados. São as chamadas provas de bloco, mais curtas e de menor valor que as bimestrais, nas quais as disciplinas se revezam quinzenalmente, evitando assim que o aluno fique com seus estudos sobrecarregados.

Sobre as atividades do Colégio Educação e Cultura no período vespertino, elas estão concentradas nas aulas do pré-escolar e da 1ª, 2ª, 3ª e 4ª séries iniciais do ensino básico. Para os alunos do período da manhã, reservam-se as tardes para as aulas de Educação Física e também para as atividades extras, como a exibição de um vídeo ou uma aula de alguma

[147] Pois é justamente esta a disciplina com qual trabalho no colégio há 5 anos. Minha carga horária é de apenas uma aula de 50 minutos por semana. Mas ela existe na grade curricular desde a 6ª série até o 3º ano do ensino médio, o que permite a aplicação de um processo de ensino-aprendizagem desenvolvido a longo prazo, desvinculado do imediatismo da busca por resultados rápidos que marca este tipo de ensino e seu

disciplina que tenha atrasado sua programação. Existe também um plantão de dúvidas. Deste modo os alunos que não trabalham podem contar com as portas da escola abertas para o reforço de seus estudos e outras atividades durante todo o dia.

O Colégio Educação e Cultura/ Anglo Jacutinga não funciona no período noturno.

Quanto as disciplinas que compõem a grade curricular foi anteriormente colocado neste trabalho que sua definição destas segue o conteúdo curricular mínimo exigido pelo MEC e a programação imposta pelas apostilas, que por sua vez se restringem as disciplinas tradicionalmente presentes nos exames vestibulares mais disputados: matemática, química, física, biologia, português, história, geografia e inglês.

Embora haja toda uma programação rígida quanto ao número de aulas e aplicação em dia do conteúdo, o Sistema Anglo deixa espaço para a liberdade de cada unidade incorporar a sua grade curricular outras disciplinas de acordo com sua proposta, desejo, disponibilidade, interesse e até com a própria possibilidade de viabilizar esta incorporação diante da carência de profissionais dispostos a construir um material autônomo e aplicá-lo neste esquema de aulas previsíveis e pré fabricadas.

Assim varia muito quais são as disciplinas extra-apostilas adotadas pelas unidades do Sistema. Vejamos alguns casos: na unidade de São João da Boa Vista - SP existem aulas música e teatro; em Itapira - SP são oferecidas aulas de geo-política e filosofia. No caso da unidade Anglo de Jacutinga existem as

---

sistema de avaliações de resultados através dos simulados, que não contém, assim como nos exames vestibulares, questões específicas relativas ao conteúdo disciplinar da sociologia.

aulas de Sociologia, que compõe a grade curricular desde a 6ª série do ensino básico até o 3º ano do ensino médio.

Existe a programação, mas existe também a possibilidade das unidades enriquecerem seu currículo com a adoção de outras disciplinas na composição da sua grade. Contudo esta possibilidade também encontra-se de certa forma prevista pelo Sistema Anglo e pelo próprio número de aulas programadas pelo material apostilado usado especificamente para o ensino médio. Conforme nos relata o coordenador do Departamento de Franquias do Sistema Anglo de Ensino esta inserção de novos conteúdos curriculares e de disciplinas é de responsabilidade de cada unidade que deve atuar segundo as especificidades e possibilidades de sua região.

*"A escola deve complementar o material com outras informações, mas isso cabe as próprias unidades. O que de específico os exames vestibulares locais pedirem deve ser abordado sob responsabilidade da escola. Elas começam a oferecer mais uma língua estrangeira, filosofia, sociologia, desenho geométrico"*[148]

No caso da disciplina de Sociologia que é adotada pelo Colégio Educação e Cultura sem dúvida o que permitiu sua implantação foi a possibilidade dos mantenedores contarem com um professor que se dispôs a ministrá-la e a preparar semanalmente todo o material de suas aulas sem o apoio das apostilas. Criou-se a oportunidade.

Consideramos apenas o cursinho e as classes de terceiro ano do ensino médio do Sistema Anglo que se utilizam do material Alfa, esta incorporação se

torna extremamente difícil devido ao grande número de aulas previstas pela programação prévia das apostilas.

Outra das responsabilidades que cabem as unidades franqueadas é o desenvolvimento e a aplicação das aulas práticas que não se encontram previstas nos cadernos e apostilas. Este material não existe devido ao fato de não serem todas as escolas equipadas com laboratórios, embora este seja um requisito importante para seu correto funcionamento. Soma-se a isto o fato de que muitos dos professores não sabem como, por diversas razões, ministrarem uma aula prática. Portanto é difícil construir um conteúdo comum aplicável para qualquer professor em qualquer um das unidades franqueadas para este tipo de aula, embora esta seja hoje uma necessidade.

Mesmo assim, no caso do Colégio Educação e Cultura, todos os alunos do ensino médio tem aulas práticas semanais de Zoologia e, mais esporadicamente, de química e física no laboratório da escola.

---

[148] Entrevista realizada em 25/06/98

### *2.5.2 - Número de Alunos e Alguns Resultados*

A marca Anglo e o aluno Anglo são transformados pelas estratégias de marketing da empresa em sinônimos de sucesso diante dos tão temíveis exames vestibulares, é por isso que novas parcerias e franquias não param de surgir. É por isso que até mesmo em uma cidade pequena como Jacutinga sentiu a necessidade em relação a este tipo de ensino. Quando a escola iniciou suas atividades, em 1992, já haviam se matriculado 186 alunos no Colégio. Neste ano de 1998 a escola conta com 417 matrículas no total[149], da educação pré escolar ao cursinho.

Destes 417, 60 são alunos em idade pré-escolar (14,38%), 144 são alunos de 1ª a 4ª séries, que corresponde ao primeiro ciclo do ensino fundamental (34,52%); 111 estão entre a 5ª e a 8ª séries do segundo ciclo ensino fundamental (26,61%); e os 102 alunos restantes encontram-se matriculados nas 3 séries do ensino médio (24,46%), incluindo neste número os que este ano estão matriculados como alunos de cursinho, ou seja, que já concluíram o ensino médio. Mas estes são poucos, o que inviabiliza formação de uma sala exclusiva de cursinho na unidade de Jacutinga[150].

O Colégio Educação e Cultura é uma escola de pequeno porte, com apenas uma sala por série; há um equilíbrio no número de alunos por sala, este número flutua pois durante o ano letivo ocorrem mudanças, alguns saem outros chegam, girando em torno de 30, sendo que a média é de 32 alunos por série.

---

[149] Números de março de 1998.

[150] Esta junção é muito comum nas unidades menores do Sistema Anglo, não há um número suficiente de alunos que force a montagem de uma sala exclusiva de cursinho, isto aumentaria muito os custos da escola. A solução encontrada então é a de se unirem as turmas, com todos seguindo o cronograma previsto pelas apostilas denominadas Alfa

Este número reduzido de alunos permitiu a escola abolir a figura do bedel ou fiscal de comportamento. Na verdade muito mais do que o número de alunos que freqüentam o Colégio, o que permite acabar com este personagem comum nos ambientes escolares é o controle disciplinar criado pelo próprio esquema de estudos e acompanhamento das aulas imposto pelas apostilas. Se um aluno perde uma aula fica complicado para ele acompanhar a seqüência da matéria devido a quantidade de informações que são passadas em apenas 50 minutos, principalmente no caso das apostilas Alfa. Além disso, como este material foi criado a princípio para ser utilizado exclusivamente nos cursinhos a presença do aluno não é obrigatória, mas sim facultativa, há uma certa conivência quanto a este fato. Quem acaba mesmo sendo disciplinado é o professor que deve seguir a programação, não o aluno.

O ano de 1998 é o 7º ano de funcionamento do Colégio. Até aqui 126 alunos concluíram seus estudos escolares básicos formando-se no Colégio Educação e Cultura/Anglo Jacutinga. Foram 12 alunos em 1992, primeiro ano de funcionamento da escola, 26 em 1993, 22 em 1994, 13 em 1995, 23 em 1996 e 30 em 1997.

O importante é destacar que, segundo os dados mantidos pela escola, destes 126 alunos 80 passaram nos vestibulares diretamente (sem precisarem fazer cursinho, em Jacutinga ou em outra cidade). Um aproveitamento considerado excelente que chega a 63% do número total dos alunos que se formaram. No entanto, não existem dados sobre quantos destes 80 ex-alunos estão cursando escolas públicas e quantos são os que estão cursando escolas privadas de ensino superior. Também não há estatísticas sobre os cursos preferidos por eles.

Estes números já começam a chamar a atenção não só da cidade, mas do próprio Sistema Anglo. Principalmente porque o aproveitamento da turma que concluiu seus estudos em 1997 foi excelente e ganhou destaque na mídia local[151], o que acabou estimulando o crescimento do número de matrículas neste ano de 1998: 72 novos alunos entraram no Colégio Educação e Cultura[152]; 12 na educação infantil, 30 no ensino fundamental e 30 no ensino médio.

Nos quadros comparativos dos resultados entre as unidades franqueadas nos simulados e nos vestibulares o Colégio Educação e Cultura/Anglo Jacutinga aparece sempre entre os primeiros lugares, claro que este destaque é proporcional ao número de alunos, de qualquer forma existem outras unidades também pequenas que não apresentam bom desempenho.

Estas tabelas estatísticas são sigilosas. Quando uma unidade as recebe apenas é possível de ser visualizada sua própria colocação diante das outras, mas não se sabe quais são as outras unidades, nem as melhores, nem as piores[153]. Somente os próprios diretores do Sistema Anglo tem acesso livre a estas informações. Em todo caso, o desempenho da unidade de Jacutinga é avaliado como "muito bom" conforme me relatou em entrevista o responsável pelo Departamento de Franquias do Sistema Anglo de Ensino.

Voltando especificamente às questões sobre o perfil dos alunos do Colégio Educação e Cultura, creio ser importante destacar novamente que os mantenedores consideram o número total de alunos da escola como próximo do possível e do ideal diante da capacidade de absorção de novas matrículas

---

[151] O que reforça a idéia dos resultados serem a principal arma da propagando do Sistema. Ver Anexos I

[152] Dados fornecidos pela Diretora do Colégio Educação e Cultura/Anglo Jacutinga em entrevista realizada em 30/03/98.

[153] Ver Tabela 1 em Anexos B.

pelo colégio. Já foram aqui citados os problemas relativos as próprias limitações do espaço físico que impedem o crescimento e a abertura de novas salas de aula; mesmo assim a questão dos preços das mensalidades reaparece como um ponto fundamental que na visão dos donos avaliza e explica a expansão verificada em relação ao número total de alunos, que aumentou 125% em seis anos.

Os mantenedores insistem em afirmar que entre os alunos matriculados ou que já passaram pelas carteiras da escola muitos não teriam condições de estudar em uma escola particular se fossem cobrados preços de mercado nas mensalidades. Esta seria a propalada "função social" desenvolvida pelo Colégio Educação e Cultura no município.

Embora se admita que a fatia da população que pode pagar a escola ainda é pequena não é somente a questão econômica que define quais são os alunos da escola; existem muitas crianças e jovens de Jacutinga que teriam condições de estudar no Anglo, mas cujos pais não colocam a educação privada como uma prioridade de gastos, preferindo ajustar os filhos para darem seqüência aos negócios familiares.

Avaliando estes dados pode-se afirmar que o Colégio Educação e Cultura provocou algum impacto na comunidade em geral, embora os benefícios continuem restritos as famílias que podem comprar o material. De qualquer forma antes a situação era ainda mais limitada, pois somente aquelas famílias que podiam e queriam mandar seus filhos para outra cidade contavam com este tipo de serviço ligado a educação. Esta ampliação do acesso a educação é sempre destacada pelos mantenedores:

*"O avanço foi grande e hoje os pais sentem orgulho de poder contar que seus filhos estão de volta as grandes universidades brasileiras, eles devem até se arrepender de não terem acreditado na idéia de criação do colégio quando ela surgiu. A educação foi valorizada novamente em nossa cidade após décadas de repouso e acomodação diante da vida aparentemente fácil possibilitada pelas malharias. Nada impede que estes alunos estejam amanhã de volta para trabalhar com seus pais nestas empresas familiares, mas eles voltarão com uma outra visão sobre o negócio e sobre a cidade. É para isto que nós batalhamos desde o momento em que surgiu a necessidade de montarmos um Colégio particular de qualidade em Jacutinga. Toda a experiência escolar é positiva, mesmo que se abandone o diploma depois. Outra coisa muito importante que eu gostaria de colocar é que até o ano passado o nosso público era formado por alunos que vinham para o colégio motivados pelo status proporcionado pela idéia de ser um aluno Anglo[154], o referencial era o Sistema Anglo, não nossa escola especificamente. No entanto, com o passar dos anos os resultados e as aprovações foram aparecendo, nossos alunos obtiveram um enorme sucesso nos vestibulares, principalmente aqueles que estavam conosco há mais tempo, isto acabou demandando para o colégio um público diferente. Este ano (1998) eu negociei pessoalmente a incorporação de novos alunos com baixo poder aquisitivo, pessoas que com dificuldade estão pagando a escola. Eles não vieram para a escola em busca de status, mas por vislumbrarem um caminho para uma possível ascensão social. Isto para mim é motivo de muita alegria, pois são pessoas comuns que antes nem ousavam falar em educar os filhos numa escola particular, isso irá desencadear uma grande mudança*

[154] Uma idéia que é freqüentemente estimulada pelo material de propaganda

*no futuro pois fará os outros enxergarem que suas posições na sociedade não estão garantidas se não houver luta. Está é a nossa função social."*[155]

Pela ótica dos mantenedores a rápida consolidação da escola ao longo destes 7 anos acabou provocando mudanças no quadro geral da educação do município. Novos alunos oriundos de diferentes classes sociais foram incorporados pela rede de educação privada. Existe a crença ou a afirmação de que o colégio atua no sentido de ampliar o acesso de alunos com baixo poder aquisitivo ao ensino superior. O Colégio Educação e Cultura incorpora os ideais de ascensão econômica e social através da educação e vende tal idéia a comunidade.

Quanto a questão da qualidade, que novamente aparece agora apenas de passagem, aqui ela nos remete a criação de uma expectativa formada no imaginário das famílias: quando o aluno entra na faculdade a qualidade da escola que ele estudou é confirmada, os pais então sentem orgulho de seus filhos e querem levar o sucesso alcançado ao domínio público. A vitória não fica escondida em seus limites domésticos, a comemoração e a exposição dos resultados extrapolam os lares e alcançam as ruas em rituais que se mantém, como a aceitação do trote e da raspagem dos cabelos. Este tornar público a aprovação alcançada constitui-se como mais um poderoso instrumento para o marketing da empresa.

Outro ponto que deve ser destacado desta fala é a afirmação textual de que houve uma valorização da educação na cidade, o que fez emergir a importância deste tipo de ensino preparatório para os exames vestibulares no sentido de manutenção e preservação das condições e posições de classe

[155] Entrevista realizada em 31/03/98

diante do fato de que o acesso e as portas abertas da escola a um *"público diferente"* poderia colocar em risco a estratificação econômica e social de Jacutinga.

Sintetizando todas estas informações o que ocorre, ao meu modo de ver, é a criação de novas necessidades para todos, tanto em relação a freqüência a este tipo de escola, que representa status para uns e mobilidade social para outros, quanto em relação ao acesso e obrigatoriedade atual de se chegar ao ensino superior, ou seja, a algum curso universitário e seu diploma.

### *2.5.3 - Os Professores: Características do Corpo Docente*

Serão analisadas agora questões relativas a prática do ensino e ao corpo docente da escola. Por razões metodológicas que se ligam obviamente ao uso do material apostilado produzido pelo Sistema Anglo, e adotado no caso da unidade de Jacutinga apenas no ensino médio, é este nível de escolaridade e as opiniões e considerações de seus professores que acabei por privilegiar nesta análise.

Antes estarão colocadas as informações gerais que dizem respeito ao número total de professores do Colégio Educação e Cultura. Encontram-se efetivados em seu quadro de funcionários 35 professores em atividade docente[156]:

Neste total estão relacionados 1 professor de Educação Física para todas as séries, 5 professoras que trabalham exclusivamente com as classes de pré-escola, 8 professoras que trabalham com as salas 1ª a 4ª série, primeiro ciclo do ensino fundamental. Há ainda uma professora para cobrir eventuais faltas ou reforçar o conteúdo de alguma matéria neste nível de escolaridade. Todos estas 14 professoras e mais o professor de Educação Física moram em Jacutinga e trabalham na escola no período da tarde, horário de funcionamento destas séries no colégio.

Também no período vespertino existe um plantão permanente de dúvidas voltado para os alunos que freqüentam as séries do período da manhã. Este plantão foi instituído em caráter permanente neste ano e fica sob

[156] Dos quais dois também fazem parte do grupo de mantenedores do Colégio

responsabilidade de apenas uma professora contratada exclusivamente para desenvolver este trabalho.

Os outros 20 professores[157] (as) - treze homens e sete mulheres - são os que atualmente estão trabalhando com as séries de 5ª a 8ª do ensino fundamental (segundo ciclo) e nos 3 anos do ensino médio, desenvolvendo suas atividades docentes no colégio durante o período matutino. São três professores de matemática[158], três de química (um deles fica também com todo o currículo da disciplina de física), um de ciências (ensino fundamental), dois de biologia, dois de história[159], um de geografia, quatro de português (incluindo redação e literatura), dois de inglês e um de sociologia. É importante ressaltar que este quadro, referente ao mês de abril de 1998, pode sofrer alterações no decorrer do ano letivo devido a problemas de rotatividade e troca de professores.

Seis (6) entre estes 20 professores trabalham exclusivamente nas séries de 5ª a 8ª do ensino fundamental; sete (7) trabalham exclusivamente no ensino médio e os sete (7) restantes nos dois níveis de escolaridade.

Apenas oito (8) entre estes 20 professores moram na própria cidade de Jacutinga. Todos os outros se deslocam das cidades vizinhas para aplicar suas aulas no Colégio Educação e Cultura, sendo 12 os professores itinerantes ou "estrangeiros". Seis (6) deles vem de Itapira - SP (30 km); outros cinco (5) vem

---

[157] Entre os quais eu me incluo

[158] No conjunto da equipe de professores de matemática encontra-se incluído o responsável pelas aulas de Educação Artística para o ensino básico. O conteúdo curricular desta disciplina encontra-se essencialmente ligado ao desenho geométrico e, devido a este fato, deve ser ministrado por um professor de matemática. Percebemos através deste exemplo como o material apostilado, no caso o fornecido pelo Positivo, preenche as exigências curriculares do MEC e dribla as dificuldades das escolas franqueadas de conseguirem professores devidamente habilitados para o ensino da Educação Artística e de outras disciplinas que não fazem parte do rol daquelas que são consideradas mais importantes; aquelas que efetivamente "caem" nos exames vestibulares em provas específicas. Assim a transformação da Educação Artística em Desenho Geométrico responde as necessidades das unidades franqueadas e dos fabricantes do material, e dá a esta disciplina um caráter de utilidade no contexto da preparação dos

de Campinas - SP (100 Km) e um único se desloca de São João da Boa Vista - SP (60 Km). Todos portanto, vivem no estado de São Paulo e tem os custos desta viagem pagos pelo Colégio.

Os motivos para este deslocamento estão diretamente ligados a carência que as cidades pequenas tem em relação a possibilidade de contar dentro de seu próprio limite geográfico com professores especializados e gabaritados para trabalhar com o material apostilado. No caso de Jacutinga esta carência se concentra principalmente nas áreas de línguas e humanidades. Todos os professores de português, história e geografia e mais a professora de inglês para as classes do ensino médio da unidade Anglo de Jacutinga residem em outras cidades.

Mas esta característica de professores "migrantes" não é exclusiva a unidade Anglo de Jacutinga. Trata-se de uma situação comum em toda as escolas particulares presentes na região por nós delimitada para este estudo. Arriscaria dizer que esta é uma das características inerentes ao próprio modelo pedagógico adotado pelas escolas que optam funcionar em um sistema de educação aqui descrito como franqueada.

Tal situação evidencia alguns problemas que necessitam de uma abordagem mais cuidadosa. O principal deles liga-se a dificuldade em se realizarem reuniões pedagógicas conjuntas entre os membros do corpo docente da escola. Este quadro de professores que raramente se encontram porque vivem em cidades diferentes e dão aulas em dias distintos dificulta qualquer tipo de trabalho multidisciplinar. No entanto este fato não é visto como prejudicial para os objetivos das unidades franqueadas, ao contrário, um dos

---

alunos, desde as séries do nível básico, para as provas vestibulares, fato que mais uma vez evidência qual é o objetivo destes Sistemas de Ensino.

pontos realçados como positivos do material apostilado é que este abre brechas para esta presença de um mesmo professor em várias escolas e permite que as unidades distantes dos grandes centros de ensino coloquem em prática um modelo pedagógico considerado eficiente na preparação de seus alunos para os exames vestibulares, independente dos professores que transmitem o conteúdo deste material.

O contato entre os professores responsáveis por setores de uma mesma disciplina se restringe ao horário das aulas, isto quando há a coincidência entre os dias em que cada professor trabalha no Colégio. Existe a pretensão de se estabelecerem reuniões pedagógicas bimestrais, muitas já foram realizadas mas a presença dos professores nunca é completa devido as dificuldades de se encontrar um dia e horário adequado a possibilidade de participação de todos eles. Mesmo que este dia seja um sábado. Questionados sobre este problema todos os professores com quem conversei disseram que este quadro se repete em qualquer das escolas em que eles trabalham.

Surge então um outro aspecto: a maioria dos professores não são contratados exclusivos de uma única escola, a maioria deles trabalham em várias. Escolas privadas e escolas públicas. Apenas como exemplo pode ser citado o caso de um destes professores que chega a trabalhar em seis escolas de cinco cidades diferentes.

No entanto esta realidade não é exclusiva a unidade de Jacutinga, ela é inerente a configuração do Sistema Anglo de Ensino e seus concorrentes e a estrutura do serviço por eles oferecido. Trata-se de uma das mais evidentes características de uma educação apostilada. Um mesmo professor pode dar

---

[159] Um deles ~~também é responsável pela disciplina de Geografia para o ensino fundamental~~

sua aula em várias unidades diferentes pois sua baliza é o material que não muda, que é o mesmo em qualquer uma das unidades franqueadas. Por outro lado a adoção deste tipo de material permite a própria direção da escola conviver com um problema grave que é atenuado pela existência das apostilas e da possibilidade por ela aberta de facilitação do trabalho docente: a rotatividade de professores. Da mesma forma pela qual um professor pode dar aula em várias unidades, ele pode ser dispensado a qualquer momento por qualquer uma delas. Do mesmo modo que o material é descartável e não pode ser reutilizado, o professor também pode ser trocado quando algo não vai bem, quando ele não consegue se adaptar ao material ou a dinâmica da unidade em que trabalha.

Trabalhar com professores de fora da cidade não é simplesmente uma opção, trata-se de uma necessidade. Os mantenedores afirmam que existe uma preocupação da parte deles em não contentarem apenas com o conteúdo das apostilas; esta busca por profissionais em outras cidades seria reflexo de uma procura por uma qualificação. Professores com formação mais abrangente e que em sala de aula possam abordar qualquer tipo de assunto. Existiria uma preferência em se trabalhar com professores que também estejam ligados a outras escolas por estes estarem mais familiarizados com este tipo de ensino e com os problemas cotidianos que surgem a todo instante na prática pedagógica. Os "estrangeiros" teoricamente teriam mais experiência, mas diante do fato de que professores de outras cidades representam aumento nos gastos com as viagens, compor o quadro docente somente com estes profissionais revela-se incompatível com uma política econômica que pretende manter custos baixos. Professores que moram distantes da escola

simplesmente são contratados devido as dificuldades em encontrar profissionais disponíveis nas cidades pequenas.

Quanto aos salários e ao preço pago pelo Colégio Educação e Cultura pela hora aula, o valor varia dependendo do professor. Não há muita clareza sobre este assunto, nem há uma organização ou mesmo troca de informações sobre isto entre os professores. Não há tempo disponível nos momentos de rápido contato entre os membros do corpo docente para que problemas comuns sejam realçados. Não sei nem mesmo se existe uma real disposição para se discutir coletivamente questões financeiras. O fato é que os professores são pagos em valores diferenciados, sem um plano de carreira ligado ao tempo de trabalho no colégio ou que esteja vinculado aos títulos acadêmicos ou ao currículo individual de cada professor.

A explicação e os critérios para esta diferenciação não encontram-se esclarecidos, em via de regra é assim que todas as escolas da rede particular de ensino se organizam. Eventuais aumentos são conseguidos através de uma negociação individual e ninguém sabe, ou não vem ao caso saber, o quanto o outro colega ganha.

Através das informações obtidas junto aos mantenedores foram revelados alguns valores referentes ao ensino médio: o preço mínimo pago pela hora aula é de R$ 6,87 e o maior, segundo informações é de R$ 10,00; média de R$ 8,43[160]. Além disso os professores contam ainda com adicionais de 20% pagos para o trabalho extra-classe, ou seja, por mês eles recebem somado no holerite valores referentes a uma semana a mais de aulas. Como a questão salarial é um tema muito delicado, para encerrá-la deixo um dos mantenedores abordar o

[160] Valores de maio de 1998, anteriores ao abono salarial previsto pelo dissídio coletivo da categoria dos Professores das Escolas Particulares de Minas Gerais

assunto e a necessidade que a escola tem em contratar professores de outras cidades:

> *"Por enquanto os aumentos são informais pela própria idade da escola, mas existe a formulação de um plano de carreira até para podermos recrutar profissionais com um maior critério. Todos o aperfeiçoamento curricular deve ser recompensado, mesmo porque o professor está nos vendendo mais informações. Há também o pagamento do qüinqüênio aos professores com mais de 5 anos de trabalho conosco, uma vantagem assegurada pela negociação coletiva. Outra coisa que pagamos é o auxílio transporte, os deslocamentos dos professores de fora que trabalham em duas ou mais escolas diferentes, estas despesas de viagens são um agravante muito alto nos custos para a manutenção do colégio, mas não tem como ser diferente, uma vez que os professores são profissionais. E nós somos obrigados a contar com estes profissionais não só pela carência de mão de obra, mas porque eu quero um professor que esteja em contato coma universidade e com outras escolas para nos transmitir informações num espírito de troca e contato que tem de predominar."*[161]

Promessas sempre são feitas, mas o mais interessante desta fala é a colocação de que os custos das viagens representariam algum tipo de ganho salarial.

De qualquer forma os mantenedores tentam traçar um perfil dos professores do Colégio embora na prática as contratações aconteçam de

[161] Entrevista realizada em 31/03/98

acordo com as necessidades que surgem, as lacunas que se abrem na grade curricular e a própria oferta de profissionais existente na região.

Em um texto elaborado pelo Colégio e entregue aos seus professores no início do ano letivo a entidade mantenedora tenta explicitar quais os padrões de conduta a serem seguidos pelo professor, quais suas responsabilidades como educador, quais suas competências. A idéia é impor um perfil homogêneo ao corpo docente da escola, mas a tentativa ignora as características próprias ao conjunto dos professores do Colégio.

Os mantenedores parecem não saber ou mesmo não querer saber quem são seus professores e quais as reais possibilidades de se cumprirem as metas desejadas ou ainda como o colégio pode atuar na capacitação de seus profissionais de educação e ajudá-los a melhorar seu desempenho em sala de aula e fora dela. Este exemplo apenas revela mais um dos mecanismos disciplinadores que atuam sobre os professores e sua prática de ensino e que transferem exclusivamente a eles uma série de responsabilidades que deveriam ser repartidas com a direção da escola. Eis alguns dos itens listados neste texto:

**Perfil do Professor/ Colégio Educação e Cultura:**

- *Conhecimento Científico da Matéria*
- *Cultura geral atualizada*
- *Domínio do Conteúdo*
- *Visão conjunta do processo educativo*
- *Emprego de métodos de ensino atuais que busquem a independência do aluno em relação ao professor*

- *Tomar o ensino interessante e atrativo*
- *Saber o que, o porquê e o como ensinar*
- *Ter maturidade afetiva, o que significa auto estima, honestidade, equilíbrio, otimismo, imparcialidade, segurança, capacidade de adaptação, bom relacionamento.*
- *Ter senso de responsabilidade e dever; o que significa assiduidade, pontualidade, dedicação, organização, disciplina.*
- *Participação em toda ação educativa promovida pela escola*
- *Elaborar e executar a programação referente a regência da classe*
- *Observar a ordem e a disciplina em sala e fora dela*
- *Manter em dia os registros de classe relativos à ação docente*
- *Participação em conselhos, reuniões, treinamentos, planejamentos e outras atividades sempre que convocado.*
- *Manter contato com pais e responsáveis*
- *Controlar a freqüência.*
- *Ser o último a se retirar da sala, apagando o quadro negro e retirando os restos de giz"*[162]

Esta série de deveres e afins que mais parecem terem sido retiradas de algum tipo de manual de administração de empresas evidenciam as distâncias existentes entre um conjunto de normas e regras impressas e a efetivação destas na prática escolar cotidiana, ainda mais quando está sendo descrito o caso de uma escola marcada pelo uso de um material que já se encontra pronto e acabado a disposição dos professores. Como então *"elaborar e*

[162] Texto entregue aos professores do Colégio em reunião do corpo docente realizada em fevereiro/98.

*executar a programação"?*[163] ou *mesmo* participar da elaboração dos cronogramas de aula?

Na verdade as relações travadas entre a direção e os docentes do Colégio Educação e Cultura são bem mais brandas do que sugere o texto do qual foi as normas explicitadas acima. No quadro em que todos estes profissionais estão inseridos fica difícil imaginar que estas regras e normas de condutas podem ser cumpridas devido inclusive a todos os mais diversos tipos de problemas ligados a educação brasileira, seja ela particular ou privada. A impressão é que as particularidades da escola não foram levadas em conta na elaboração deste "perfil", como se um grupo de regras generalizantes que indicam como o professor deve trabalhar e ensinar fossem possíveis de ser aplicadas em qualquer escola de maneira uniforme.

Pois é justamente a busca das particularidades, dos detalhes sobre a constituição e as atividades do corpo docente do Colégio Educação e Cultura e de suas características mais gerais que se relacionam a um tipo de ensino que funciona nos moldes de uma franquia é que, ao longo de todo este trabalho estamos tento determinar, delimitar, desvendar.

Muitas das características narradas até aqui ajudam a delimitar qual o real papel desempenhado pelos professores no interior deste quadro cujo grande astro e centro da dinâmica empresarial que envolve as relações do sistema Anglo com suas unidades franqueadas ou parceiras é o material apostilado.

Se insistirmos em defender a atuação do professor como elemento indispensável e fundamental em qualquer processo que envolve o ensino e a aprendizagem devemos questioná-los, fazê-los pensar sobre qual seu grau de

---

[163] Idem

participação na elaboração de suas próprias aulas. A quem pertence efetivamente o controle da classe e dos alunos? Como garantir seu espaço de atuação no interior de um Sistema de ensino cujo panorama geral destaca o material e descarta as possibilidades individuais dos professores enquanto participantes do processo de elaboração do conhecimento? Seria o professor e sua prática docente mero transmissor do conteúdo veiculado pelo material? Qual a real possibilidade de interlocução entre os professores das unidades e os que escrevem as apostilas? A tão divulgada qualidade do ensino oferecido pelo Sistema Anglo e afins independe da atividade docente?

Para melhor dimensionar e discutir estas questões e destacar possíveis respostas passarei agora a análise dos resultados obtidos através dos questionários aplicados. Como é o trabalho com o material apostilado em um escola franqueada segundo a ótica de seus próprios professores?

### *2.5.4 - Impressões e Avaliações dos Professores Sobre o Material Apostilado*

Começo com a apresentação das questões que foram formuladas e que constituíram o questionário. É preciso enfatizar que este questionário foi formulado para ser rapidamente respondido pelos professores durante o intervalo das aulas no próprio colégio; a razão para isto se liga ao pouco tempo que os professores se encontram nas dependências do Colégio Educação e Cultura devido as características referentes ao quadro atual do trabalho docente, apontadas neste trabalho: atividade em várias escolas e cidades diferentes o que dificulta o contato entre os professores. Desta forma a elaboração de questões rápidas e diretas garantiu que as respostas fossem entregues

1) ***Em quais escolas você trabalha? (explicitar a cidade onde a escola está localizada, a qual rede de ensino ela pertence, o nível de escolaridade em que você atua e quais as apostilas que você utiliza)***
2) ***Quantas aulas você dá por semana?***
3) ***Onde você mora?***
4) ***Há quanto tempo trabalha com material Anglo?***
5) ***Como você se sente em relação ao trabalho com o material apostilado?***
6) ***Aponte quais são para você as maiores virtudes e os maiores defeitos deste material***
7) ***Existe a possibilidade de incorporação nas aulas de algum tipo de material extra-apostilas? Que tipo de material?***
8) ***Você consegue cumprir a programação estabelecida pelas apostilas?***

Neste questionário não existem questões que tornam possíveis identificar quem são os professores, qual a formação de cada um ou a disciplina que lecionam. Não eram estes os meus objetivos. Além disso a preservação da identidade poderia deixá-los mais a vontade para a formulação de críticas.

Como devo aqui me excluir do conjunto total dos professores do Colégio e assumir o distanciamento necessário para a análise dos resultados[164], irei considerar como 19 o número de professores que trabalham nas classes a partir da 5ª série do conjunto educação básica. Destes consegui obter 12 respostas. Um resultado excelente pois foram entregues 14 questionários, ou seja, só dois dos professores contatados deixaram de responder as questões.

Entre os professores que colaboraram com esta pesquisa e responderam ao questionário estão 3 dos 6 residentes em Jacutinga, estes trabalham exclusivamente no Colégio Educação e Cultura.

Em relação aos 9 restantes, os "estrangeiros", apenas um aparece com professor exclusivo do Colégio Educação e Cultura/Anglo Jacutinga todos os outros dão aulas em várias escolas de varias cidades diferentes. Aparecem citadas escolas situadas em cidades como Andradas, São João da Boa Vista, Aguaí, Espírito Santo do Pinhal, Mairiporã, Itapira, Mogi Mirim, Mogi Guaçu, Campinas. São 20 escolas diferentes, entre elas 6 públicas, pois destes nove, cinco também trabalham na rede pública do estado de São Paulo.

Na rede pública os professores utilizam-se basicamente de livros didáticos como material básico para as aulas. Quanto ao material utilizado nas escolas particulares aparecem listados: Anglo (Jacutinga, São João, Itapira, Andradas, Aguai), Objetivo(Itapira, Mogi Mirim, Mogi Guaçu, Mairiporã) COC (Mogi Mirim)

---

[164] Também pelo fato de não trabalhar em minhas aulas com o material apostilado fornecido pelo Sistema Anglo de Ensino e pelo Grupo Positivo não posso me colocar na mesma posição que meus colegas.

e Positivo (Jacutinga). Todos os professores que responderam os questionários obviamente trabalham com as apostilas do Anglo e sete deles também trabalham com o material do Positivo no Colégio Educação e Cultura. Quatro trabalham com o Objetivo e dois com o COC.

De modo geral todos consideram o material apostilado como facilitador do trabalho, "ele ajuda bem mais que atrapalha" chega a descrever um colega. Esta característica de facilitação do trabalho docente aparece carregada de um valor qualificado como altamente positivo; a justificativa primordial para esta avaliação é a necessidade que cada professor tem hoje de trabalhar muito e dar o maior número de aulas possíveis "para sobreviver", conforme apontam várias das respostas.

Um dos professores chega a dar 48 aulas semanais se beneficiando da existência do material e do próprio esquema de correção de provas e simulados centralizado e único desenvolvido pelo Sistema Anglo de Ensino para que possa conseguir cumprir esta estafante jornada. O menor número de aulas semanais aplicada entre os professores que responderam ao questionário é de 12. A média do número de aulas dadas por estes professores fica em 26,5 por semana.

Sem dúvida a justificativa procede, a existência de um material apostilado com o conteúdo das aulas evita que se "perca tempo" com a preparação da mesma. O professor pode até manter seu material de classe na própria escola, levando para o trabalho em casa apenas exercícios e provas que por ventura precisem de correção. Um dos professores chega a admitir que não é possível "gastar" muito tempo com a correção, principalmente dos exercícios, ele então anota o número dos alunos que entregam as tarefas para que esta participação

seja usada quando do fechamento do bimestre para o "arredondamento" da nota[165].

Independente da marca, e esta é uma conclusão importante, o material apostilado é considerado facilitador do trabalho por trazer organizado o que o professor vai ter de fazer. Todo o conteúdo curricular está ali impresso e pronto para ser transmitido pelo professor. Diante disso não há sequer a percepção de que o professor encontra-se inserido em um processo de alienação de seu trabalho. Não há a dimensão do conteúdo do programa curricular a ser efetivado como um todo, cada um é responsável por passar adiante uma parte bem definida do conteúdo de sua disciplina que encontra-se dividido, fragmentado em setores e que corresponde a sua especialidade. Mesmo porque o ideal de produtividade que se busca é o cumprimento do cronograma previamente estabelecido pela empresa no início do ano.

O calendário escolar marca as datas em que cada uma das apostilas deve estar concluída e mais especificamente em que dia tal e determinada aula deve ser ministrada para que o professor esteja sempre atento aos prazos e evite o atraso que pode desorganizar o planejamento e obrigar o aluno a levar para a sala de aulas várias apostilas ao mesmo tempo, situação que se deve evitar. Todos os professores tem de estar sincronizados e acabar ao mesmo tempo cada apostila mensal.

A pressão é grande e impede que o professor arrisque levar para sala outros materiais. Há o medo do atraso, principalmente por parte dos iniciantes. E mesmo assim a programação acaba sendo cumprida em termos: os

---

[165] Esta interessante colocação mostra como a enorme quantidade de exercícios presentes nas apostilas do Anglo dificulta também o trabalho dos professores que não contam com tempo disponível para as correções. Neste caso específico o professor criou um critério próprio para cobrar os exercícios e tarefas, e a idéia

professores apontam que não há tempo para a correção de exercícios, que não há tempo para a incorporação de outros materiais, que às vezes acontecem atrasos, que às vezes a sala atrasa por problemas de comportamento. De qualquer forma, a princípio, todos responderam "sim" a questão sobre o cumprimento do calendário, embora com ressalvas, como a afirmação de que este "cumprir" só foi conquistado após alguns anos de experiência.

Os professores em média tem 4,3 anos de experiência com as apostilas, o que sugere, como apontam várias respostas, que a experiência adquirida no contato constante com o material ajude muito no trabalho e também o facilite, o simplifique. É a adaptação, o costume.

Mas as relações com o material apresentam-se contraditórias, pois apesar de todas as dificuldades que surgem para que se cumpra a programação e os prazos impostos, sempre quando perguntados sobre os pontos favoráveis do material apostilado todos os professores responderam que o ponto mais importante é a organização, a orientação do trabalho e o planejamento tanto da exposição dos conteúdos disciplinares e sua divisão em aulas, quanto dos estudos dos alunos. As aulas, segundo um dos professores, ganham sentido pois todas elas seguem um objetivo, um fim, que é visível para professores e alunos.

São levantados como pontos positivos do uso de apostilas a possibilidade de trabalho com material mesmo sem se ter muita experiência e também o fato de poder se trabalhar com um mesmo material em várias escolas diferentes.

As razões para a existência das apostilas aparecem ligadas não só a facilitação do trabalho dos professores, mas a criação de um rígido método de

---

prossegue para as avaliações quinzenais; nelas estes mesmos exercícios aparecem novamente para que os alunos que os resolveram possam "provar" que efetivamente o fizeram.

estudos que o aluno deve seguir. O material força no aluno o surgimento do hábito de estudos diários.

Não há uma percepção clara de que estes são mecanismos de disciplina e controle, tanto de professores quanto dos alunos. Mas isto acontece e não é difícil de ser identificado: um dos professores me contou sobre uma colega que foi "fisgada" pelo Sistema Anglo de Ensino devido aos baixos resultados alcançados por sua disciplina nos simulados unificados; ela foi chamada para uma conversa particular em São Paulo, seu desempenho foi mapeado e cobrado.

Em relação ao conteúdo específico de cada material, a avaliação feita pelos professores coloca as apostilas do Anglo como sendo as melhores, numa reprodução clara do discurso da qualidade tão ressaltado pelos donos da franquia. Esta análise não contém mecanismos suficientes que me possibilitem afirmar que esta avaliação encontra-se introjetada pela própria propaganda no inconsciente destes profissionais. Portanto analisarei apenas as justificativas por eles apontadas e que os levam a esta conclusão. O método utilizado é o da comparação. Considerando todas as apostilas como facilitadoras do trabalho em sala de aula, o que já revela uma disposição em se destacar mais os méritos e as virtudes do que prováveis problemas e defeitos, os professores classificam o material do Anglo como estimulante para os alunos por levá-los a reflexão e ao raciocínio crítico. Além disso os professores destacam que os textos são bem feitos, os exercícios propostos são atuais e variados e ligam-se ao conteúdo teórico de cada aula, há uma seqüência.

Ainda sobre o material do Anglo dois professores disseram que a teoria é extensa; por outro lado um outro professor considera a teoria muito sintética, o

que me leva a concluir que neste campo não há uma unidade de discurso e que a maioria dos problemas são específicos ao conteúdo de cada disciplina.

Mas existe um consenso sobre o material Alfa, aplicado aos alunos de 3º ano do ensino médio e cursinho. A apostila, de revisão do conteúdo curricular geral previsto para ser aplicado nos 3 anos do ensino médio, é julgada como difícil e a responsabilidade pelo sucesso da sala é transferido para os alunos que "chegam ao cursinho com diferentes níveis de aprendizagem". Um dos professores aponta que este material é construído com o claro objetivo de unificar estas diferenças, mas que há o nivelamento "por cima", ou seja, as apostilas Alfa adotam um alto grau de dificuldade que só favorece aqueles tais 20% que são os alunos melhores preparados e que o Anglo considera aptos para alcançarem as universidades mais disputadas.

Sobre o material do Objetivo os professores afirmam que apesar da excelência gráfica e do uso de cores, os exercícios e textos encontram-se defasados. Eles dizem que o material há muito tempo não muda[166].

Quanto ao conteúdo do material Positivo todos os professores que com ele trabalham foram unânimes em avaliá-lo como "fraco" e "confuso", principalmente quando comparados aos outros materiais. Há um claro descontentamento em relação a este material. Existe a afirmação de que os conceitos são resumidos e sem profundidade, que os exercícios são muito fáceis, que falta mais cuidado na elaboração do material, um deles supõe que este descuido se dá devido ao fato de que o material é voltado para o ensino

[166] Não seria este mais um indicativo de que o grupo Objetivo comandando pelo empresário José Carlos Di Gênio, poderoso lobbista da educação privada no Brasil, hoje concentra suas atuações e prioridades na expansão da oferta de vagas em sua rede de ensino superior a UNIP, universidade com vários campus espalhados no estado de São Paulo, milhares de alunos, cursos rentáveis e disputado e em franca expansão?

fundamental, nível de escolaridade em que a concorrência entre os fabricantes de apostilas é menor.

Em relação ao material do COC a avaliação é de que este vem melhorando muito, mas que ainda apresenta erros de revisão e nos gráficos.

Sobre os problemas comuns que os professores foram estimulados a identificar nos diferentes materiais, novamente a questão do tempo aparece. Alguns deles se queixam de que o tempo é curto (o "limite do tempo" foi destacado como problema por 4 professores) o que impede o acréscimo de outros conteúdos oriundos de outras fontes.

O discurso que inclusive alguns professores tentam reproduzir é o de que não há tempo para nada. Assim não há tempo para refletir, para questionar, para se encontrar ou mesmo para incorporar às aulas outros materiais.

A velocidade e a quantidade com que os conteúdos curriculares são passados aos alunos também são apontados como problemas na medida em que, se a sala "enrosca" em um determinado ponto da matéria não há tempo para detalhá-lo, o professor "passa batido" para não atrasar a programação. Há a ressalva de que isto acontece principalmente em classes do período noturno que se utilizam de um material mais simples e superficial, e onde podem ser identificados vários problemas que dificultam a aprendizagem, como por exemplo o cansaço de professores e alunos. Além disso o número de aulas é menor, enquanto que o conteúdo curricular permanece o mesmo.

De qualquer forma existem duas importantes afirmações de que as apostilas retiram do professor a liberdade destes desenvolverem outros temas de interesse da classe, deixando o professor preso, sem espaço de manobra inclusive para atender as necessidades do aluno que vai prestar vestibular fora

do circuito USP, UNESP, UNICAMP. Ou seja, na prática não há muito espaço para que a escola incorpore efetivamente os conteúdos denominados "regionais" que seriam, segundo os Coordenadores do Sistema Anglo de Ensino, de responsabilidade de cada unidade.

Apesar desta situação disciplinadora e restritiva à autonomia de cada professor, a maioria deles, afirmam que é possível incorporar em suas aulas outros tipos de materiais didáticos, além das apostilas, e que fazem isto, sempre ou às vezes, levando para a sala outros exercícios extras (área de exatas), programando a exibição de filmes (área de humanas), utilizando transparências, fazendo uso do laboratório e até incorporando o conteúdo de livros didáticos para que se completem as carências, principalmente do material do ensino fundamental.

Os professores consideram esta prática importante por mostrar ao aluno que existe vida fora do material, que ele pode ser curioso e não limitar sua aprendizagem as apostilas, abrem-se possibilidades para que o aluno receba outras fontes de informação, mas é explícita a ressalva de que esta incorporação de outros materiais, este ir além do previsto pela apostila, é difícil pois supõe que o professor esteja "em dia" com a programação, algo que, segundo eles, se conquista com a experiência adquirida no trabalho com o material que é previamente elaborado. Pode ser observardo através das respostas aos questionários que os professores se sentem um pouco incomodados e até constrangidos em incorporarem outros tipos de materiais com medo de prováveis atrasos.

Para evidenciar estas e as demais dificuldades um professor se utiliza da palavra "intimidade" para definir o ideal para o bom relacionamento entre ele e

o material apostilado. O valor da experiência adquirida com o contato com o material ao longo dos anos é destacado. Ele nos coloca que não é muito difícil o trabalho do professor com o material quando este o enfrenta pela primeira vez, desde que este saiba dimensionar o conteúdo previsto dentro do espaço de tempo programado para as aulas, procura-se uma sincronia tempo-conteúdo para que o professor "não se perca". Este é o grande problema enfrentado pelo professor em seu primeiro contato com o material.

Um dos professores com mais experiência chega a admitir que ele mesmo consegue organizar sua programação independente do que é oficialmente programado, definindo quantas aulas ele julga necessárias para a exposição de determinado conteúdo abordado, sem que isso provoque atrasos na programação. Há um sistema de compensação cuja dinâmica ele controla.

A idéia de que o professor pode, com o passar dos anos, começar a intervir com mais segurança nas decisões relativas ao controle sobre suas aulas, permite uma ponte para outros importantes aspectos sobre as relações travadas entre os professores e o material apostilado. A própria relação com materiais de diferentes fontes acaba colaborando para que o professor some e incorpore conhecimentos sobre o conteúdo de sua disciplina, o que acaba ajudando na criação de um referencial próprio, uma bagagem pessoal; e este domínio se dá por via indireta já que o professor não participa diretamente do processo de elaboração do material.

Esta distância em relação àqueles que elaboraram as apostilas e a superficialidade da presença dos professores no processo de construção do conhecimento e do próprio conteúdo curricular das disciplinas que eles terão de aceitar e simplesmente transmitir como se fossem hospedeiros do saber, não

foi identificada pelos professores como um dos problemas inerentes a educação franqueada. Questionados especificamente sobre este assunto e sobre qual o grau de participação de cada um na construção das apostilas eles se lembram que cada caderno traz em seu interior uma carta de avaliação sobre o conteúdo para ser respondida e enviada a central. Poucos professores efetivamente preencheram e enviaram alguma destas cartas. Os que isto fizeram obtiveram respostas as suas colocações.

Este é um dos poucos mecanismos existentes para intercâmbio e ligação entre o Sistema Anglo e os professores que trabalham com o material. O outro são as reuniões realizadas em São Paulo para a exposição do material e a maneira como ele deve ser usado. Isto permite que os professores conheçam pessoalmente os coordenadores de cada área (disciplina) e setor, façam algumas colocações e esclareçam suas dúvidas. No entanto estas reuniões, que não tem um data fixa, existem mais para ensinar e adestrar os professores para estes liderem com o material, do que para alguma troca de informação entre as partes.

Da mesma forma nenhum professor tocou em um ponto que julgo ser importante: a dificuldade de reuniões pedagógicas entre os membros do corpo docente. A construção de pontes interdisciplinares fica comprometida, mas a integração entre os diversos setores de uma mesma disciplina, que muitas vezes são comandados por diferentes professores, aparentemente estaria garantida pelas características próprias do conteúdo de cada material. Uma situação comumente encontrada em todas as escolas franqueadas, sendo que muitas vezes professores de uma mesma disciplina nem sequer se conhecem.

Ao discutir está série de questões relativas aos limites da atuação individual de cada professor diante do material apostilado e as dificuldades em se criarem condições para um trabalho conjunto de todo o corpo docente do Colégio Educação e Cultura no interior dos processos de produção do conhecimento e de ensino - aprendizagem, estou evidenciando problemas encontrados em muitas escolas. Segundo as informações obtidas junto aos professores esta dificuldade existe inclusive na rede de educação pública do estado de São Paulo.

Diante deste fato ambas as redes, pública e privada, sofrem um processo de desgaste e de queda da tão invocada questão da qualidade no ensino. Associo a esta idéia a prerrogativa de que o professor deve ocupar uma posição fundamental de destaque e importância em qualquer ação educacional.

No entanto esta exposição e análise sobre as possibilidades de intervenção do professor no contexto da produção do saber e do conhecimento nas escolas franqueadas que adotam como ponto de referência e de prioridades o material apostilado, deixa transpassar alguma luz, ou mesmo uma lufada de vento indicando que, mesmo presos a aulas cuja programação encontra-se previamente estipulada, os professores podem melhorar sempre seu desempenho, podem aperfeiçoar sua ação, se desvincularem da condição passiva de meros transmissores do conhecimento e resgatarem a dimensão da transformação do mundo. Isto é possível.

# CONSIDERAÇÕES FINAIS

Talvez a maior dificuldade e ao mesmo tempo o maior desafio deste trabalho tenha sido a necessidade de estabelecer limites entre minha atividade docente e minha atividade enquanto pesquisador. Em que momento deveria eu sair da sala de aula, me afastar da escola, dos alunos, das provas e passar a refletir sobre isto, sobre este universo que envolve a nós educadores como um vírus de paixão?

Creio que ao elegermos um tema de estudo não podemos nos desvincular da nossa história; de nós mesmos, de nossos projetos, sonhos e esperanças. Por isso a escolha do objeto não pode ser aleatória. No meu caso a escolha foi fruto do desejo de unir à prática cotidiana uma reflexão intelectual que a dotasse de sentido.

Na verdade desde o princípio do curso pensava em instrumentalizar meus objetivos de mestrando relatando na dissertação as características referentes ao trabalho docente em uma escola privada, nova, com poucos alunos, interiorana. De certo modo buscava respostas a questões pessoais, aquelas que passeiam na nossa mente em noites de insônia. Eis algumas delas: o que significa ser professor neste contexto? Qual minha contribuição como educador ao processo de transformação ou mesmo de preservação da realidade social? Como transmitir um pouco do sempre pouco que conseguimos saber para jovens curiosos ou tímidos, interessados ou não?

Não sei se consegui respondê-las, mas foi um grande estímulo vislumbrá-las no horizonte da estrada que liga a Unicamp - a academia - à Jacutinga, ao Colégio Educação e Cultura. Local em que junto de outros colegas tento

colocar uma pitada de algo pessoal na rígida rotina das apostilas, programação, diários de sala, notas.

Um projeto de pesquisa acadêmico só conseguirá respaldo se, antes da repercussão, o pesquisador disposto a tocá-lo acreditar em sua importância e pertinência. Seus objetivos devem estar de alguma forma também aliados as suas perspectivas futuras para a vida profissional e moral.

Sempre lembrando que falamos de educação, área na qual seus profissionais não podem abrir mão da dimensão da mudança e da crença na possibilidade de uma melhora nas condições gerais de ensino e aprendizagem para todos, estejam eles nas escolas públicas com suas dificuldades ou nas escolas privadas com suas imposições.

Aos poucos fui percebendo que deveria abandonar a extrema preocupação que havia em separar o eu professor de sala de aula do eu estudante de pós-graduação. Sou um só só eu e assim busquei unir estas dimensões de mim mesmo e da nossa atividade, mergulhando em busca da construção de pontes entre realidades complementares, não contraditórias. Com isso finalmente consegui driblar muitas angústias tão comuns a nós mestrandos e a nós pessoas. A imersão é grande, é física, é dolorosa, é insegura, mas minha primeira conclusão é a de que vale a pena. Agradeço a oportunidade.

Escrevo estas palavras na tentativa de contribuir através do relato de minha experiência como professor/pesquisador para que todos os colegas sintam-se encorajados, acreditem em suas impressões e descobertas, criem as condições que os possibilitem a investir no aperfeiçoamento de sua profissão e

da prática pedagógica, sempre em busca da valorização da atividade docente e da vontade/necessidade de ensinar.

Perdido o medo da ciência, e agora em conclusão, tentarei recordar as questões que foram levantadas no corpo do texto. Criar novas perspectivas para que o trabalho germine, deixar vazar algumas letras mais passionais. Arriscar erros, intuições, contradições.

Dizer, por exemplo, que as formas de preparação dos jovens brasileiros para as provas de acesso ao ensino superior, vendidas pelos cursinhos e seus respectivos "Sistemas de Ensino" são excludentes, imparciais e injustas. Lembrar um fato óbvio, o que sempre é importante, a escola pública não consegue classificar seus próprios alunos para a continuidade que seria a natural àqueles que desejam seguir em seus estudos: a universidade também pública. Não seria mais coerente todos os níveis do ensino e do poder público estarem racionalmente trabalhando em torno de um mesmo fim: o êxito e a valorização de seus alunos?. No entanto o que ainda acontece é a preservação de um sistema de privilégios onde os mais favorecidos são os componentes da chamada "indústria dos vestibulares", basicamente formada pelos cursinhos e seus "sistemas de ensino" cuja lógica de funcionamento procurei equacionar ao longo desta dissertação

Apesar do momento atual (Segunda metade dos anos 90) ser de retração quanto ao número de abertura de novas escolas privadas e de queda na participação da rede particular de ensino nos números absolutos de estudantes matriculados no ensino médio brasileiro, os cursinhos e o material didático produzido por seus professores exclusivos não perderam espaço e expandiram sua atuação rumo as instâncias regulares do ensino.

Especificamente em relação aos resultados deste estudo minha maior constatação foi a de conseguir desvendar o material didático apostilado como o centro sob o qual se movem as relações construídas entre as matrizes deste modelo de educação franqueada.

É o material didático comercializado por estes Sistemas de Ensino que, a princípio, organiza, define e programa a atividade docente; que estabelece os parâmetros e as regras que vão direcionar o funcionamento das unidades franqueadas e que controla o comportamento, os procedimentos e os resultados de diretores, funcionários, professores e alunos.

Esta interferência no cotidiano escolar é tão forte e tão grande que as escolas abandonam a construção de uma identidade particular, de um modelo próprio de ensino e aprendizagem, em favor dos benefícios generalizantes oferecidos pelos franqueadores. Trata-se de uma relação bilateral com supostas vantagens para ambas as partes: os cursinhos aumentam seus lucros e divulgam sua imagem e os resultados alcançados, as escolas tem todo seu trabalho facilitado, até mesmo o de conseguir novos alunos, pois acabam tendo seu perfil ligado a uma marca reconhecida como moderna e eficiente no mercado, se deixando absorver.

Analisando estas implicações somos até levados a admitir que realmente existe algo maior envolvendo as relações entre matrizes e unidades conveniadas, franqueadas ou parceiras destes Sistema de Ensino do que apenas a simples compra e venda de apostilas; é o caso por exemplo de considerarmos positivo o fato de jovens de médio poder aquisitivo e que moram distantes dos grandes centros urbanos adquirirem através das unidades franqueadas novas possibilidades de estudo e de preparação específica para

os exames vestibulares sem a necessidade de mudar de cidade ou se deslocar diariamente por estradas perigosas em busca das prometidas fórmulas de acesso ao ensino superior. Mas como o funcionamento destas escolas neste sistema de educação franqueada depende do pagamento em dia dos boletos bancários e das notas de faturamentos das apostilas, permanece claro e evidente que é o material didático o denominador comum, o combustível que faz tudo funcionar.

Devo destacar que esta fórmula de aulas já prontas, impressas e organizadas seqüencialmente em apostilas, possibilita a disseminação do uso do material. Há uma espécie de homogeneização do trabalho docente que os próprios professores julgam ser um fato positivo na medida em que as apostilas são consideradas facilitadoras da prática de ensino, possibilitando inclusive que mesmas aulas sejam aplicadas em escolas diferentes.

Entrevistando professores envolvidos neste processo, um deles chegou a afirmar que não gosta da segmentação do currículo em aulas fechadas e numeradas porque ela retira qualquer impressão e sentimento específico do professor diante de uma determinada sala:

*"Perde-se um pouco a sensibilidade pois as características de cada sala são abafadas em prol de uma homogeneização do currículo"*[167]

Paradoxalmente, observa o mesmo professor, cria-se um benefício:

*"justamente a facilidade para as unidades distantes dos grandes centros poderem trabalhar e preparar seus alunos"*[168].

[167] Segundo resposta presente nos questionários aplicados em abril/98

Apesar deste quadro e dos próprios limites em relação ao tempo imposto pela programação e pelas atividades docentes que são desenvolvidas em cidades e escolas diferentes e as vezes distantes entre si, é muito importante para este trabalho deixar explícito que os professores podem e devem acrescentar ao material apostilado outros instrumentos didáticos, novas maneiras de trabalhá-lo, outras formas de dar aula.

Não devemos simplesmente nos curvarmos aos limites impostos pelo material. Aqueles que aceitam esta situação é porque dela também se beneficiam e se acomodam, sem interesse em aperfeiçoar sua própria atividade docente.

Partindo de um suposto interesse e vontade o professor pode desde planejar excursões para cidades históricas, reservas ambientais, parques, museus, feiras até incorporar ao conteúdo curricular de suas disciplinas outras fontes bibliográficas, ou mesmo usar com mais freqüência laboratórios e bibliotecas; organizar palestras e outras atividades afins; incorporar as suas aulas músicas, filmes, textos de jornais e revistas e demais recursos audiovisuais.

Este "ir além" muitas vezes também envolve uma negociação com a direção pedagógica ou com a própria entidade mantenedora das unidades franqueadas, devendo respeitar algumas limitações financeiras e as poucas possibilidades abertas pela rígida programação imposta pelas apostilas[169]. De qualquer forma, muito deste processo depende da disposição dos professores

---

[168] Idem

[169] Sem dúvida um planejamento da programação das aulas e dos conteúdos disciplinares a serem abordados que é construído sem a participação dos professores dificulta a incorporação de outros materiais nas aulas. Qualquer incorporação é difícil de ser encaixada no interior de calendário que é imposto sem discussões, no qual tudo esta programado para funcionar e acontecer em um momento exato.

em não aceitarem sua condição de hospedeiros do conteúdo e de se assumirem como parte responsável no processo de construção e transmissão do saber e do conhecimento científico.

Pois esta responsabilidade acaba ficando mesmo a cargo das escolas e de seus respectivos professores. As matrizes fornecedoras do material procuram não se envolver em questões consideradas extra curriculares, o que comprova o real e simples interesse destas sobre o comércio das apostilas.

As matrizes se eximem de acompanhar as atividades pedagógicas das unidades franqueadas quando estas atividades envolvem detalhes exteriores ao material. Trata-se de uma característica deste tipo de ensino que fica muito evidente quando analisamos inclusive sua origem e a direção de sua expansão sem comprometimento rumo as instâncias regulares do ensino. Não há o envolvimento destes sistemas de ensino em nada que diga respeito a problemas cotidianos como transferências, repetências, exames, conselhos de classe. Não podemos nos esquecer que a origem destes sistemas são os cursinhos que, por sua vez, estão livres de se submeterem a qualquer tipo de supervisão oficial. Não há responsabilidades legais estabelecidas, nem mesmo em relação ao currículo adotado.

Talvez por isso muitos cursinhos preferem não montar suas unidades próprias de educação básica, transferindo responsabilidades para as escolas parceiras. No entanto é preciso cuidado para não generalizarmos esta situação, o Objetivo, por exemplo, conta com uma rede própria de colégios, mas para o Anglo a abertura de unidades próprias implicaria em regulamentações e certos cuidados com as matrículas - apenas para citarmos um caso poderíamos lembrar que é proibido afastar um aluno das salas de aula

se este estiver em situação de inadimplência - que não querem ser assumidas pela empresa.

A questão da supervisão das secretarias de ensino sobre as escolas privadas me parece também ser um ponto que merece destaque entre as conclusões deste estudo pois há todo um discurso sobre o alívio das funções do Estado que é usado, junto da questão da qualidade, para legitimar a própria presença destas escolas no panorama geral da educação nacional. Vejamos como a diretora do Colégio educação e Cultura narra a passagem da inspetora de ensino pelas dependências da escola:

> *"A escola é praticamente dirigida sem interferências. Muito das responsabilidades em prestar esclarecimentos vem da minha vontade, não há muito contato com a delegacia de ensino. A Delegacia[170] cobra muito menos das escolas particulares, não há controle, apenas formalidades contidas no registro que a supervisora vem fazer por obrigação. (...) Já a escola pública é muito cobrada e recebe pouco em troca."*

Existe neste argumento um fundamento de conteúdo político ligado a idéia de que a presença da escola particular alivia algumas das funções dos supervisores e delegados de ensino, que encontram-se sobrecarregados de trabalho devido as dificuldades e problemas enfrentados na rede pública. Estando a rede de ensino particular ligada a esfera privada, cabe as próprias escolas resolverem seus supostos problemas. Mas gerir e direcionar os rumos da política educacional e dos destinos e oportunidades de estudo oferecidas

[170] No ano de 1995 as Delegacias de Ensino foram reestruturadas, assim como toda a política educacional adotada no estado de Minas Gerais, e se transformaram em Superintendências

aos nossos jovens, tanto da rede pública como da rede privada, não continua a ser um dos deveres do Estado?

Por ironia é um mantenedor de uma das unidades franqueadas do Sistema Anglo de Ensino quem chama a atenção para o fato de ninguém se preocupar com os alunos dos cursinhos que ficam de fora das universidades públicas[171]. Insisto em destacar as universidades públicas por considerar que nas faculdades privadas os vestibulares se transformaram em mera formalidade pois para aqueles que podem e conseguem pagar as mensalidades sempre existem vagas disponíveis em diversos dos cursos oferecidos. As barreiras de acesso neste caso estão mais ligadas a problemas econômicos do que a problemas de falta de vagas.

Sem dúvida ter o filho estudando em um colégio particular que estampa em sua fachada uma marca de prestígio como a do Anglo representa mais um símbolo de status para certos estratos da sociedade. Mas, por outro lado, existem muitos alunos que estão na rede privada de educação básica mas que não terão condições de fazer uma faculdade particular, a única chance para eles então passa a ser o acesso a universidade pública.

No entanto a preparação necessária para vencer este desafio é complicada, o que faz com que os alunos que hoje entram em contato com o material apostilado apenas no cursinho não contem mais com a garantia do êxito imediato, sendo obrigados muitas vezes a se prepararem mais indefinidos anos, a comprarem novamente o material apostilado descartável. Ai a força persuasiva e cruel deste modelo educacional se impõe, pois poucos tem

[171] Ver página - capítulo 01

condições financeiras de colocar todos os filhos desde o primeiro ciclo do ensino fundamental em uma escola particular.

É esta necessidade de continuidade no método de ensino e aprendizagem que atualmente é explorada como trunfo pelo Sistema Anglo de Ensino. Todo o discurso que visa "forçar" as unidades franqueadas a adotarem exclusivamente o material didático produzido pela empresa desde o início da escolaridade regular de seus alunos está baseado na idéia de que a preparação para os vestibulares deve começar cada vez mais cedo, principalmente diante das evidentes mudanças no sistema de seleção que estão sendo implementadas e que buscam qualificar para o ensino superior os alunos com aproveitamento bom e constante ao longo de toda sua vida escolar.

Eis mais um exemplo de como as escolas privadas "saem na frente" e rapidamente se adaptam as alterações promovidas pelo Estado, mantendo assim o que neste trabalho foi identificado como uma espécie de "reserva de mercado" destes Sistemas de Ensino franqueadores na disputa pelas vagas oferecidas nas universidades públicas.

Por outro lado se não há uma clientela pronta para consumir os cursos oferecidos, não há mercado; se estes sistemas de ensino estão vivos e expandem sua atuação é porque existe um público alvo interessado neste tipo de serviço[172]. E dentro desta lógica comercial persiste a dúvida sobre onde nós educadores nos encontramos.

Desenvolver sua prática docente em uma escola particular não significa que o professor deva se submeter conviventemente a desqualificação de sua

---

[172] Não podemos nos esquecer que a maioria dos aprovados no vestibular da UNICAMP de 1998 freqüentaram algum cursinho (59,5%) e estudaram em escolas particulares (67,1%).

profissão em função de um material didático que é previamente concebido e que supostamente deve ser aplicado de forma homogênea.

Este material não pode ser mais um mecanismo limitador do avanço no processo de elaboração do conhecimento. Aceitar este fato seria agir contrariamente em relação a nossa participação efetiva na construção da prática docente, posição esta que deve ser defendida em qualquer lugar, seja em uma escola pública, seja em uma escola privada, ou em uma dissertação de mestrado.

# ANEXOS

**A**

**Material de Propaganda**

# FIQUE COM O ANGLO

## principais características

- Textos com conceituação correta, rigorosamente apresentados no **nível de percepção** do estudante, de acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais estabelecidos pelo MEC.
- Distribuição do programa de cada série em apostilas-caderno mensais.
- Cada apostila-caderno, criação didática em que o Anglo foi pioneiro, é dimensionada aula por aula, reunindo as disciplinas básicas da série. Há previsão de folga para provas, revisões ou aprofundamentos, conforme o nível da turma, o que dá a necessária **flexibilidade** ao professor para incentivar a leitura de paradidáticos, de jornais e de revistas. Além disso, respeitando-se as características de cada série, a escola inclui outras disciplinas optativas em sua carga horária semanal.
- As aulas contêm textos teóricos, exercícios de aula e tarefas para casa.
- As tarefas para casa são dimensionadas de modo a tornar **exequível** o estudo diário das aulas dadas.

## quatro diferenciais

1. O estudante leva para a escola uma única apostila-caderno, em vez de uma coleção de livros.
2. O programa de cada série é completamente esgotado no ano letivo, desde a 1ª aula da 1ª apostila, até a última aula da última apostila.
3. O material comanda o estudo do aluno em casa; aula dada, aula estudada. O aluno adquire, assim, hábito de estudo, algo de valor inestimável.
4. Mais do que um Manual do Professor, são fornecidos planos de aula detalhados, com sugestões didáticas para melhor orientar a atividade em classe. Aula bem preparada, em sintonia com o material didático, é marca registrada do Sistema Anglo de Ensino.

anglo SISTEMA DE ENSINO

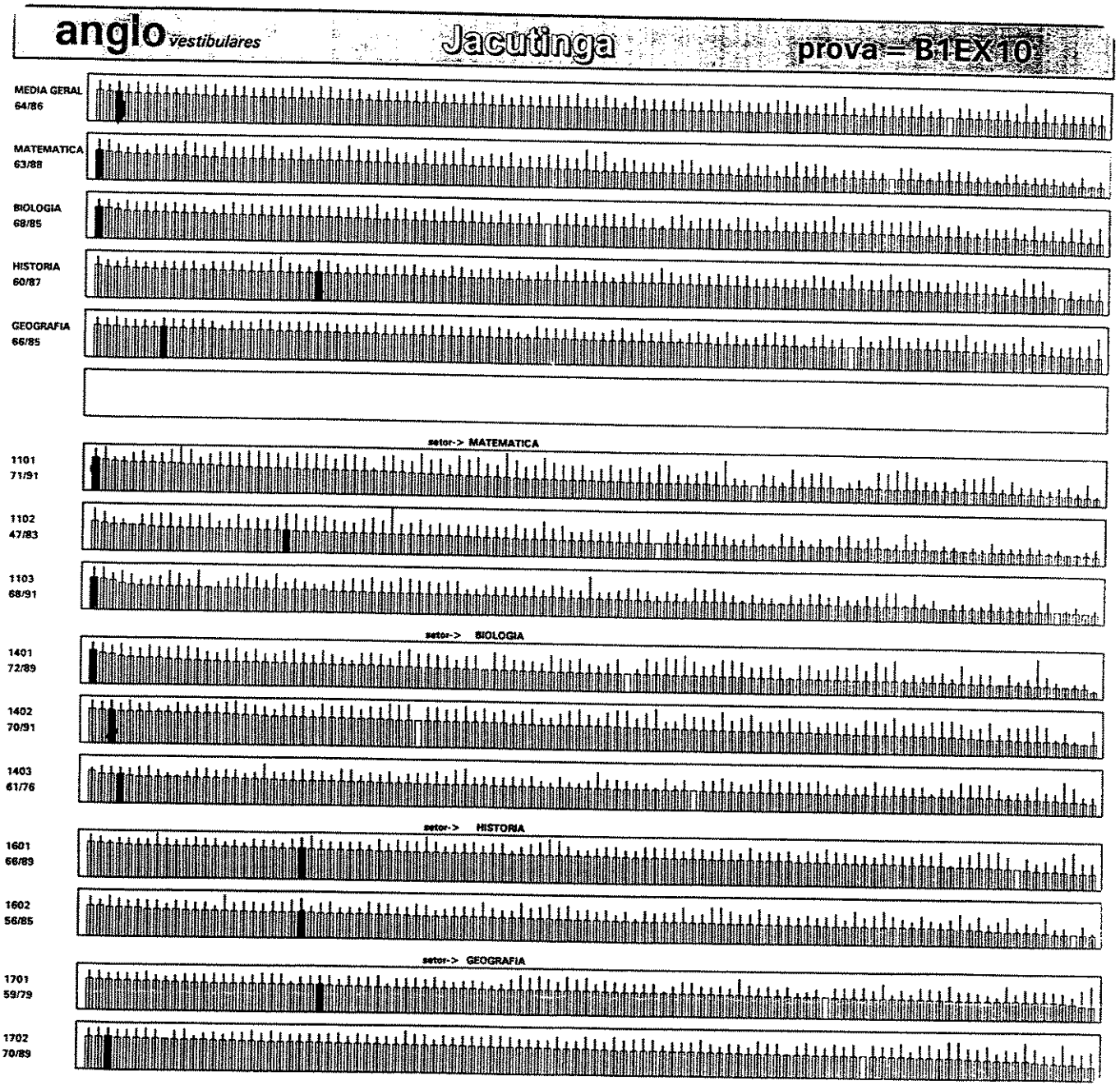
PROCURE-NOS

FAÇA-NOS UMA VISITA

**INFORMAÇÕES E MATRÍCULAS PELO FONE: (035) 443-2480**

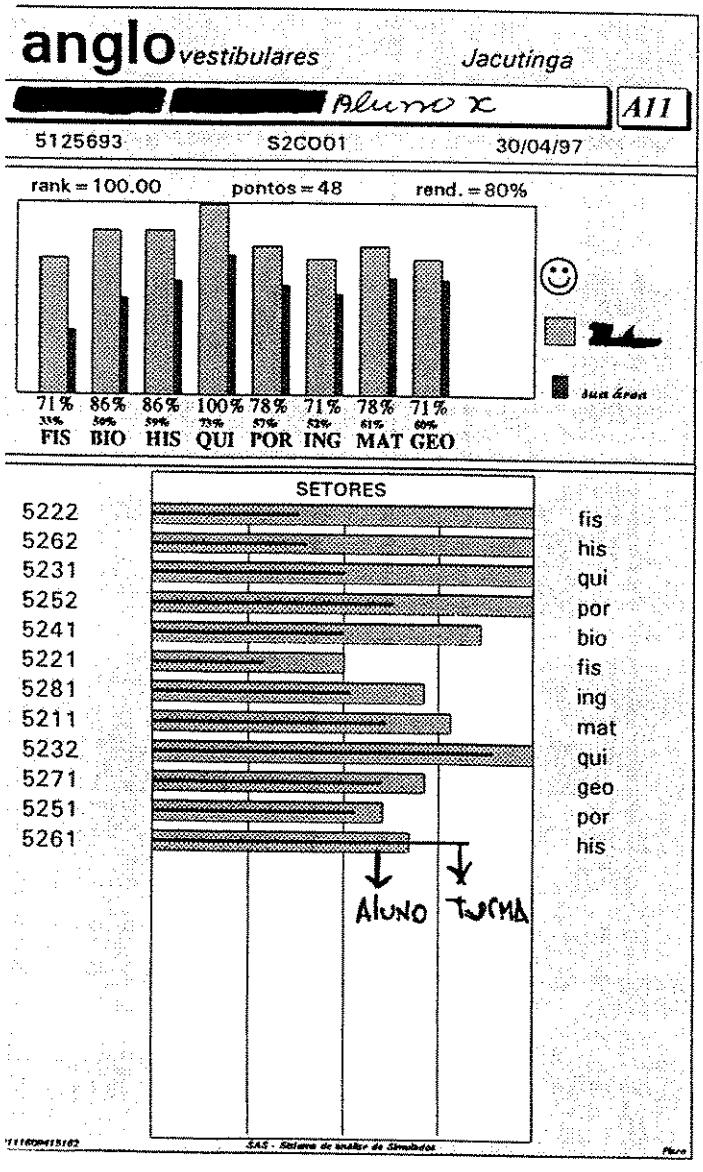
**B**

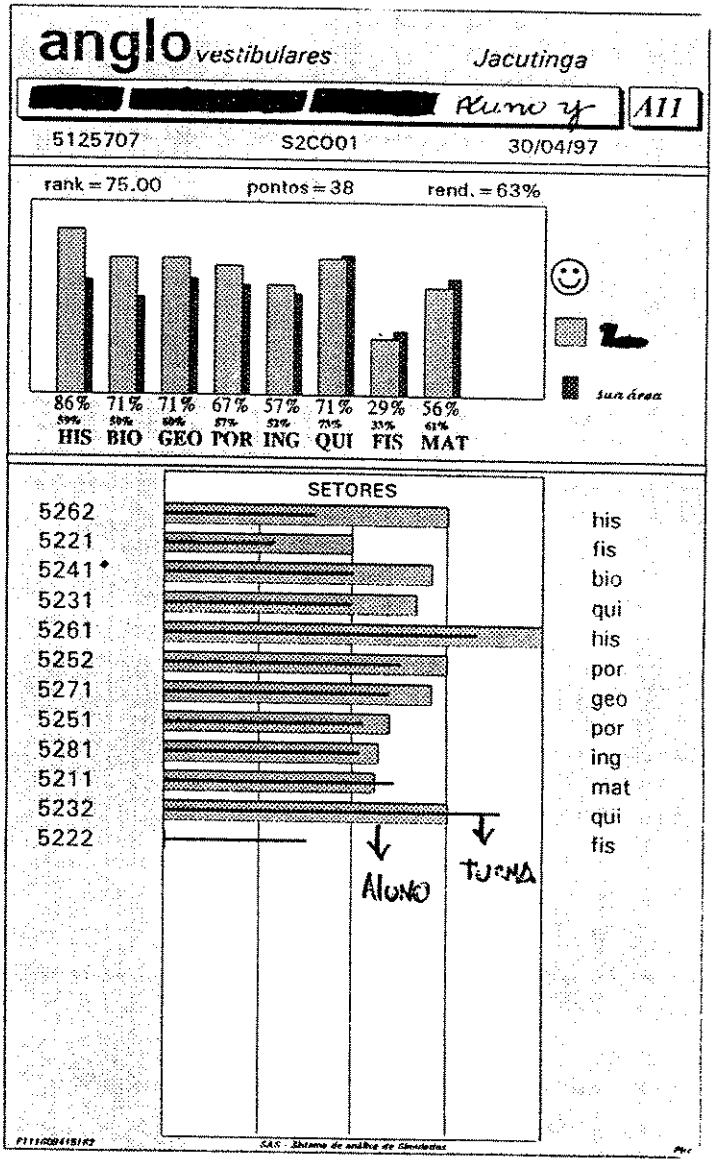
**Tabela 1:** Posição da Unidade de Jacutinga no Quadro Geral dos Resultados (Mês 04/97)



C

**Tabela 2** - Resultados do Aluno em Cada Disciplina

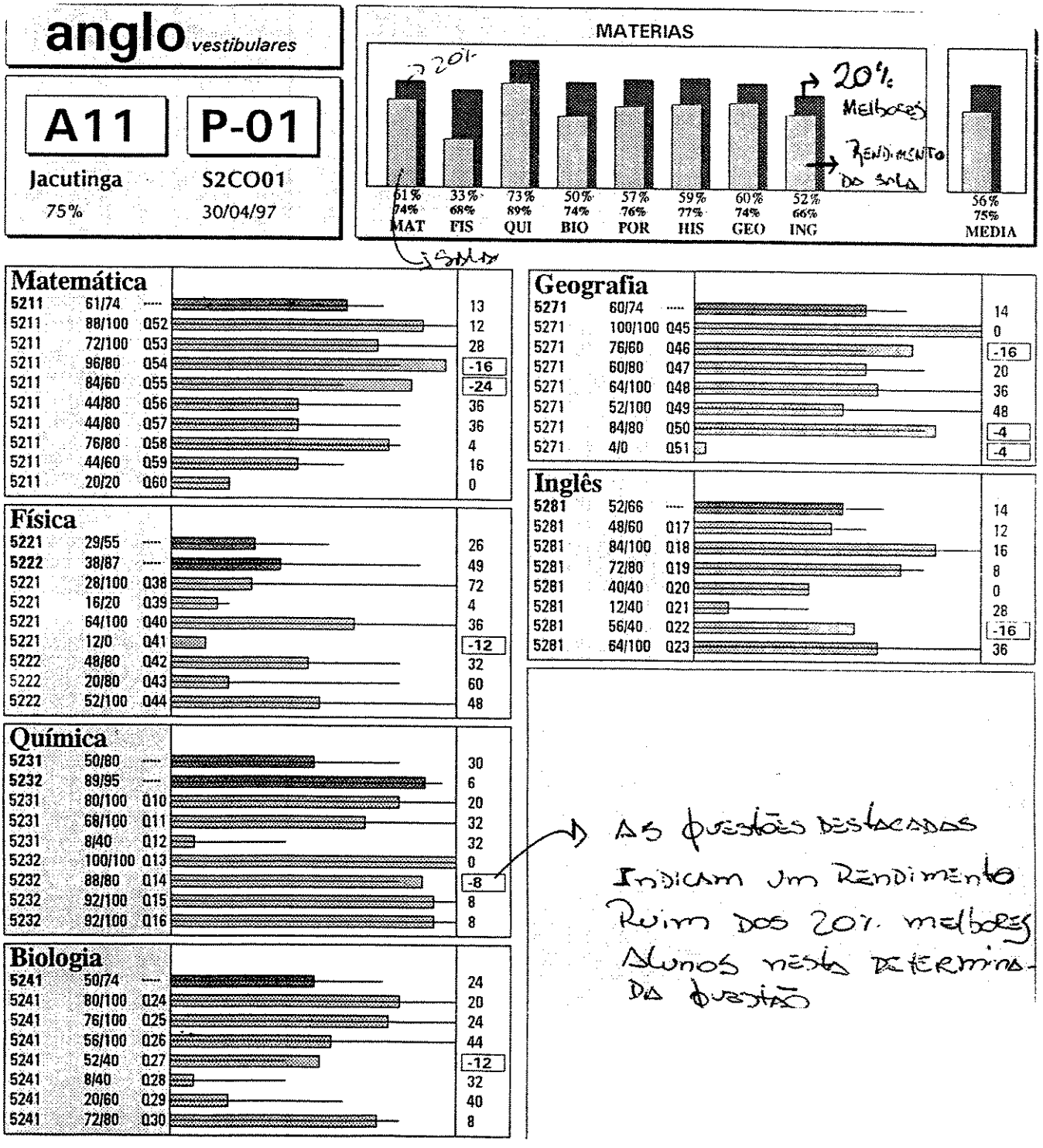


**D**

**Tabela 3** - Resultados Gerais da Sala em cada Disciplina Questão

Por Questão



**E**

**Tabela 4** - Calendário Escolar do Colégio Educação e Cultura

1º Semestre 98/2º Colegial

| | Segunda | Terça | Quarta | Quinta | Sexta | Sábado | Domingo |
|---|---|---|---|---|---|---|---|
| FEVEREIRO | Cad. 1/9 02 | 03 | 04 | 05 | 06 | 07 | 08 |
| | 09 | 10 | 11 | 12 | 13 | 14 | 15 |
| | 16 | B1 17 | 18 | 19 | B2 20 | 21 | 22 |
| | 23 | F 24 | 25 | 26 | 27 | 28 | 01 |
| MARÇO | 02 | B3 03 | 04 | CAD. 2/10 05 | B4 06 | 07 | 08 |
| | 09 | B1 10 | 11 | 12 | B2 13 | 14 | 15 |
| | 16 | B3 17 | 18 | 19 | B4 20 | 21 | 22 |
| | 23 | 24 | 25 | 26 | 27 | 28 | 29 |
| | 30 | 31 | 01 | PROVA 02 | PROVA 03 | PROVA 04 | 05 |
| ABRIL | PROVA 06 | PROVA 07 | PROVA 08 | 09 | F 10 | 11 | 12 |
| | CAD. 3/11 13 | 14 | 15 | 16 | 17 | 18 | 19 |
| | 20 | F 21 | P – 1 C 22 | 23 | 24 | 25 | 26 |
| | 27 | B1 28 | 29 | 30 | B1 01 | 02 | 03 |
| MAIO | 04 | B2 05 | 06 | 07 | B3 08 | 09 | 10 |
| | 11 | B4 12 | 13 | 14 | B1 15 | 16 | 17 |
| | CAD. 4/12 18 | B2 19 | 20 | 21 | B3 22 | 23 | 24 |
| | 25 | B4 26 | 27 | 28 | B1 29 | 30 | 31 |
| JUNHO | 01 | B2 02 | 03 | 04 | B3 05 | 06 | 07 |
| | 08 | B4 09 | 10 | F 11 | 12 | 13 | 14 |
| | PROVA 15 | PROVA 16 | PROVA 17 | PROVA 18 | PROVA 19 | PROVA 20 | 21 |
| | 22 | P – 2 C 23 | 24 | CAD. 5/13 25 | 26 | 27 | 28 |

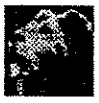
F

## Alguns Resultados

# Alguns resultados na FUVEST 98 e na FGV 98

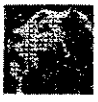
***Medicina***
USP - Pinheiros (175 vagas): **100 Alunos-Anglo**
Paulista (110 vagas): **63 Alunos-Anglo**
USP-Rib. Preto (100 vagas): **48 Alunos-Anglo**
Sta. Casa (100 vagas): **61 Alunos-Anglo**

**Arquitetura**
FAU-USP (150 vagas): **75 Alunos-Anglo**



**Direito**
São Francisco-USP matutino (225 vagas): **102 Alunos-Anglo**
São Francisco-USP noturno (225 vagas): **94 Alunos-Anglo**

**Comunicações e Artes**
Cinema e vídeo ECA-USP diurno (15 vagas): **8 Alunos-Anglo**
Jornalismo ECA-USP matutino (25 vagas): **11 Alunos-Anglo**
Jornalismo ECA-USP noturno (25 vagas): **11 Alunos-Anglo**
Turismo ECA-USP noturno (25 vagas): **9 Alunos-Anglo**
Radialismo ECA-USP diurno (20 vagas): **9 Alunos-Anglo**
Relações Públicas ECA-USP matutino (20 vagas): **9 Alunos-Anglo**



**Odontologia**
USP SP integral (83 vagas): **43 Alunos-Anglo**
USP Bauru integral (50 vagas): **22 Alunos-Anglo**

**Engenharia**
POLI-USP Civil (180 vagas): **84 Alunos-Anglo**
POLI-USP Elétrica (180 vagas): **83 Alunos-Anglo**
POLI-USP Mecânica (70 vagas): **32 Alunos-Anglo**
POLI-USP Química (60 vagas): **26 Alunos-Anglo**
POLI-USP Autom. Sistem. (60 vagas): **28 Alunos-Anglo**
POLI-USP Naval (40 vagas): **19 Alunos-Anglo**
POLI-USP Materiais (20 vagas): **9 Alunos-Anglo**
POLI-USP Minas (20 vagas): **10 Alunos-Anglo**
POLI-USP Produção (70 vagas): **26 Alunos-Anglo**

**Med. Veterinária**
USP (80 vagas): **50 Alunos-Anglo**

**Economia**
FEA-USP matutino (90 vagas): **40 Alunos-Anglo**

**Psicologia**
USP integral (70 vagas): **29 Alunos-Anglo**

**Farmácia e Bioquímica**
USP integral (75 vagas): **32 Alunos-Anglo**

**Administração**
FEA-USP matutino (100 vagas): **53 Alunos-Anglo**
FGV (200 vagas): **95 Alunos-Anglo**

**G**

**Unidades Franqueadas do Sistema Anglo Segundo Mapa Base**

**Para Rateio de Propaganda em TV**

# Rateio da campanha TV 96 / 97

Setembro/96

## Rede Globo
## TV Sul de Minas - Canal 5

## Varginha

| Unidade | 1° grau | 1° ano | 2° ano | 3° + curs | Semi | Total | (%) |
|---|---|---|---|---|---|---|---|
| Guaxupé | 381 | 75 | 72 | 41 | 0 | 569 | 9 |
| Itajubá | 84 | 50 | 45 | 97 | 27 | 303 | 5 |
| Jacutinga | 235 | 30 | 21 | 24 | 0 | 310 | 5 |
| Lavras | 1145 | 165 | 131 | 92 | 20 | 1553 | 24 |
| Muzambinho | 114 | 36 | 32 | 25 | 0 | 207 | 3 |
| Ouro Fino | 123 | 54 | 65 | 75 | 0 | 317 | 5 |
| Poços de Caldas | 1010 | 72 | 85 | 114 | 60 | 1341 | 21 |
| Pouso Alegre | 342 | 140 | 160 | 320 | 80 | 1042 | 16 |
| São Lourenço | 67 | 47 | 65 | 72 | 0 | 251 | 4 |
| Varginha | 366 | 34 | 51 | 31 | 0 | 482 | 8 |
| Totais | 3867 | 703 | 727 | 891 | 187 | 6375 | 100 |

**H**

**Questionário Aplicado Aos Professores do Colégio Educação e Cultura**

1) Em quais escolas você trabalha (especificar qual a cidade e a rede a qual a escola pertence) ?
- ANGLO. JACAREÍ
- OBJETIVO - MOGI-MIRIM
- OBJETIVO - MOGI. GUAÇU
- CÂNDIDO DE MOURA - ESTADO
-

2) Quantas aulas você dá por semana ?
47 AULAS

3) Onde você mora ?
ITAPIRA

4) Há quanto tempo trabalha com o material do Anglo ?
5 ANOS

5) Como você se sente em relação ao trabalho com o material apostilado oferecido como base para as aulas ? (Aponte o que você considera a maior virtude e o maior problema deste material didático)

_ MAIOR VIRTUDE : TEXTO DE FUNDAMENTAÇÃO PARA OS ALUNOS EXERCÍCIOS DOS ÚLTIMOS VESTIBULARES

_ MAIOR PROBLEMA : _ ATRASO DE VER EM QUANTO DAS APOSTILAS

6) Você incorpora a suas aulas algum tipo de material extra, ou não há tempo para isto ? _ FILMES - CARTAZES
_ TRANSPARÊNCIA

7) Você consegue cumprir o esquema de aulas sugerido dentro da programação pré-

**Material de Propaganda Colégio Educação e Cultura**

**Resultados Obtidos nos Vestibulares 98**

# REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS


APPLE, Michael W. (1985). ***Educação e Poder***. Trad. Maria Cristina Monteiro. Porto Alegre, Editora Artes Médicas. 1989.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues (1981). ***O Que É Educação?*** *(Col. Primeiros Passos nº 20)*. São Paulo, Editora Brasiliense. 32ª ed.; 1995.

_____ (1982). ***Lutar Com a Palavra***. Rio de Janeiro, Editora Graal. 1982.

BRASIL (1988). ***Constituição da República Federativa do Brasil***. São Paulo, Editora Saraiva. 18ª ed.; 1998.

BUFFA, Ester (1979). ***Ideologias Em Conflito: Escola Pública e Escola Privada***. São Paulo, Cortez & Morales. 1979.

COSTA, Messias (1987). "Financiamento do Ensino Superior: argumentos e contra-argumentos", *in:* ***Cadernos CEDES nº 5***. São Paulo, Cortez Editora. 1987.

CUNHA, Luís Antônio (1989) (Coord. Geral). ***Escola Pública, Escola Particular***. São Paulo, Cortez Editora. 3ª ed.; 1989

_____ (1991a). ***Educação e Desenvolvimento Social no Brasil***. Rio de Janeiro, Francisco Alves Editora. 12ª ed.; 1991.

_____ (1991b). ***Educação, Estado e Democracia no Brasil***. São Paulo, Cortez Editora. 2ª ed.; 1991.

_____ (1995). "Educação Pública: os limites do estatal e do privado", *in* R. P. OLIVEIRA (Org.) ***Política Educacional: Impasses e Alternativas***. São Paulo, Cortez Editora. 1995.

CUNHA, Luís Antônio & GÓES, Moacyr de (1985). ***O Golpe Na Educação***. Rio de janeiro, Jorge Zahar Editor. 9ª ed.; 1996.

CURY, Carlos Roberto Jamil (1991). "Alguns Apontamentos em Torno da Expansão e da Qualidade do Ensino Médio no Brasil", *in:* ***Cadernos CEDES nº 25***. Campinas, Papirus Editora. 1991.

_____ (1992). "O Público e o Privado na Educação Brasileira", *in:* ***Estado e Educação*** *(Coletânea CBE)*. Campinas, Papirus Editora. 1992.

DEMO, Pedro (1997). ***A Nova LDB: Ranços e Avanços***. Campinas, Papirus Editora. 3ª ed.; 1997.

DIAS, Reginaldo (1995) (Org.). ***O Público e o Privado na Educação: a experiência da privatização do ensino em Maringá e temas afins.*** Maringá, Secretaria da Educação do Município. 1995.

FAUSTO, Boris (1995). ***História do Brasil***. São Paulo, EDUSP. 2ª ed.; 1995, p. 275-276

FERREIA, Jurandir Pires (1959) (Org.). ***Enciclopédia dos Municípios Brasileiros***. Rio de Janeiro, IBGE. 1959, p. 332-336.

FONSECA, Dirce Mendes da (1992). ***O Pensamento Privatista Em Educação***. Campinas, Papirus Editora. 1992

FOUCAULT, Michel (1975). ***Vigiar e Punir***. Trad. Lígia M. Pondé Vassallo. Petrópolis, Editora Vozes. 7ª ed. 1989.

FRIGOTTO, Gaudêncio (1987). "Política e Financiamento da Educação: sociedade desigual, distribuição desigual dos recursos", *in:* ***Cadernos CEDES nº 5***. São Paulo, Cortez Editora. 1987.

GANDINI, Raquel Pereira Chainho (1992). "O Público e o Privado: trajetórias e contradições", *in:* ***Estado e Educação*** *(Coletânea CBE)*. Campinas, Papirus Editora. 1992.

GERMANO, José Willington (1993). ***Estado Militar e Educação no Brasil (1964-1985)***. Campinas, Editora da UNICAMP & Cortez Editora. 1993.

HÖFLING, Eloísa de Mattos (1993). ***A SAE e a Execução da Política Educacional.*** Tese de Doutoramento apresentada à Faculdade de Educação da UNICAMP. Campinas. 1993.

MAFRA, Leila do Alvarenga (1988). "O Estado e a Privatização do Ensino de 2º grau em Minas Gerais", *in:* ***Cadernos CEDES nº 20***. São Paulo, Cortez Editora. 1988.

MARTINS, Carlos Benedito (1981). ***Ensino Pago: um retrato sem retoques***. São Paulo, Global Editora. 1981.

_____ (1987). "Privatização: a política do Estado autoritário para o ensino superior", *in:* ***Cadernos CEDES nº 5***. São Paulo, Cortez Editora. 1987.

_____ (1991). "O Público e o Privado na Educação Superior Brasileira nos Anos 80", *in:* ***Cadernos CEDES nº 25***. Campinas, Papirus Editora. 1991.

PINHEIRO, Maria Francisca Sales (1991). "O 'Estado Mínimo' e a Educação", *in:* ***Cadernos CEDES nº 25***. Campinas, Papirus Editora. 1991.

ROCHA, Jacob Pimenta da (1995). "Vestibular: cultura e tragédia", *in:* ***Educação e Sociedade nº 50***. Campinas, Papirus Editora. 1995.

SANTOS, Wladimir dos (1988). ***A Verdade Sobre o Vestibular***. São Paulo, Editora Ática. 1988.

SAVIANI, Demerval (1997). ***A Nova Lei da Educação: trajetória, limites e perspectiva***. Campinas, Editora Autores Associados. 1997.

SCHULTZ, Theodore W. (1963). ***O Valor Econômico da Educação***. Trad. P. S. Werneck. Rio de Janeiro, Zahar Editores. 2ª ed.; 1973.

SINPRO-MG (1996). ***Lei de Diretrizes e Bases***. Belo Horizonte, SINPRO. 1997.

SISTEMA ANGLO DE ENSINO (1997a). ***A Emoção de Aprender*** - *Folheto de apresentação do material didático para o ensino fundamental.* São Paulo, Editora Anglo. 1997.

_____ (1998). ***Segundo Grau 1998*** - *Material de apresentação da programação de 1998 para o ensino médio.* São Paulo, Sistema Anglo de Ensino. 1998.

_____ (1998b). ***Revista do Anglo*** - *Edição Comemorativa.* São Paulo, Editora Anglo. Abril de 1998.

_____ (1998c). ***Em Foco***. São Paulo, Editora Anglo. Junho de 1998

SOUZA, Aparecida Neri de (1996). ***Sou Professor, Sim Senhor!***. Campinas, Papirus Editora. 1996.

SOUZA, Maria Inês Salgado de (1981). ***Os Empresários e a Educação: o IPES e a política educacional após 1964***. Petrópolis, Editora Vozes. 1981.

UNICAMP (1997). ***Uma Análise do Perfil dos Alunos da UNICAMP no Contexto do Debate Sobre O Ensino Superior Público***.

Campinas, Coordenação de Pesquisas do Vestibular da UNICAMP. 1997.

VIEIRA, Sofia Lerche (1995). "Neoliberalismo, Privatização e Educação no Brasil", *in* R. P. OLIVEIRA (Org.) ***Política Educacional: Impasses e Alternativas***. São Paulo, Cortez Editora. 1995.

WEBER, Silke (1991). "O Público, o Privado e a Qualidade da Educação Pública", *in:* ***Cadernos CEDES nº 25***. Campinas, Papirus Editora. 1991.

WEREBE, Maria José Garcia (1994). ***30 Anos Depois: grandezas e misérias do ensino no Brasil***. São Paulo, Editora Ática. 1994.

**Jornais e Revistas:**

CIRCUITO MINAS (Jacutinga MG). *"Colégio Educação e Cultura: Onde os feras se encontram"*. 14/02/98. Encarte Especial.

FOLHA DE SÃO PAULO (a). *"Custo de escola equivale ao de franquias"*: 02/03/97 p. 2-6.

_____ (b). *"Rede pública tem pior aprovação na USP"*: 12/02/98 p. 3-1

_____ (c). *"Matrícula no 2º grau dobra em 10 anos"*: 16/05/98 p. 3-8.

_____ (d). *"Simulado traz clima do vestibular 99":* 17/05/98 p. 7-6 Campinas.

_____ (e). *"Explosão do 2º grau preocupa governo"*: 16/06/98 p. 3-6.

TRIBUNA (Campinas SP) (a). *"Guerra do vestibular tem seu início agora"*: 15/02/98 p. 12.

_____ (b). *"Objetivo é a expressão de metodologia moderna"*. 17/05/98 p. V-11

VEJA. *"Um Funil Econômico"*. Edição nº 1.508, 13/08/97 p. 78-84.

**Endereços Eletrônicos**

ANGLO - http://www.cursoanglo.com.br

IBGE - http://www.ibge.gov.br

ABF - http://www.abf.com

# LISTA DE SIGLAS

**ABF** - Associação Brasileira de Franchising

**CGC** - Cadastro Geral de Contribuintes

**CEDES** - Centro de Estudos Educação e Sociedade

**COC** - Curso Oswaldo Cruz

**CNPq** - Conselho Nacional de Pesquisa

**ECA - USP** - Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo

**FAU - USP** - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo

**FEA-USP** - Faculdade de Economia e Administração da Universidade de São Paulo

**FGV** - Fundação Getúlio Vargas

**FMU** - Faculdades Metropolitanas Unidas

**FUVEST** - Fundação para o Vestibular

**IBGE** - Intituo Brasileiro Geografia e Estatíticas

**INEP** - Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos

**ITA** - Instituto de Tecnologia da Aeronáutica

**LDB** - Lei de Diretrizes e Bases

**LTDA** - Limitada

**MEC** - Ministério da Educação e Cultura

**POLI** - Escola Politécnica da Universidade de São Paulo

**PUCCamp** - Pontifícia universidade Católica de Campinas

**PUC-SP** - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

**SAS** - Sistema de Análise de simulados

**UNESP** - Universidade do estado de São Paulo

**Unicamp** - Universidade Estadual de Campinas

**USP** - Universidade do Estado de São Paulo

**VUNESP** - Vestibular da Universidade Estadual de são Paulo